

**REPRESENTAÇÕES VERBO-VISUAIS
DA CIDADE DE ARAGAJU
EM FOLHETOS DE CORDEL**



JEANE GAROZO ROCHA

© Copyright 2023 by Editora ArtNer

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

Editora ArtNer

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Maércio Lopes

Imagens

Da autora

R672r

Rocha, Jeane Carozo.

Representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em folhetos de cordel./ Jeane Carozo Rocha.

- Aracaju: Editora ArtNer, 2023.

219p.: Il.

ISBN: 978-85-69567-73-8

DOI: 10.29327/5207690

Universidade Federal de Sergipe. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Coordenação de Pós-Graduação, Mestrado em Letras.

1. Literatura Sergipana - Cordel
I-Título

2. Cultura Popular

CDU: 821.134.3 (813.7) - 36

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

EDITORA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

JEANE CAROZO ROCHA

**REPRESENTAÇÕES VERBO-VISUAIS DA CIDADE
DE ARACAJU EM FOLHETOS DE CORDEL**

São Cristóvão-SE



2023

Dissertação para Exame de Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno.

Área de concentração: Estudos Literários.

Dedico a Mariane Carozo Rocha, Cleverton Rocha Junior, Milena Regiane Carozo Rocha, Isabella Carozo Rocha Sobral, Davi Carozo Rocha Sobral, Ísis Carozo Sobral, Cleverton Rocha, Alberto Roiphe Bruno, Christina Ramalho, Laura Camila, José Francisco da Silva (professor de História/UFS), Jailma Sirino, Marcos Trindade, Adinoia e Ruan Paulo.

AGRADECIMENTOS

Quando Deus nos permite SONHAR, Ele nos permite REALIZAR. Assim foi feito. Obrigada, Deus, por mais um sonho realizado.

Da mesma forma que Ele nos permite sonhar e realizar, Ele coloca pessoas em nosso caminho que nos ajudam nessa realização. Especialmente para realizar este SONHO, Deus colocou muitas pessoas iluminadas e prestativas. GRATIDÃO a todos(as) aqueles(as) que, por algum motivo, cruzaram o meu caminho nos anos de 2019 e 2020 nas dependências da UFS, em bibliotecas, museus e redes sociais.

*“A verdadeira coragem é ir
atrás de seu sonho mesmo
quando todos dizem que ele
é impossível.”*

(Cora Coralina)

PREFÁCIO

Que disse que o Amor não cabe na Ciência e vice-versa? Há muito o antitético par razão-emoção deixou de representar uma real oposição de ideias e de mundos. Ao contrário, hoje sabe-se, e muito bem, que a busca pela completude que pode ampliar o sentido da vida exige que fuçamos das dicotomias e aceitemos que diferentes experiências não são necessariamente incompatíveis. E isso também acontece no universo acadêmico. Jeane Carozo Rocha, com sua pesquisa *Representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em folhetos de cordel*, agora apresentada na forma de livro, é um excelente exemplo dessa forma contemporânea de construir sentidos.

Como todo trabalho acadêmico, *Representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em folhetos de cordel*, sua dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, tem todos os elementos que caracterizam o gênero textual que o identifica. Descrição do corpus, definição de objetivos, de metodologia de abordagem, exposição de referentes e de pontos de vista, análise crítica, conclusão, e, claro o toque pessoal do ponto de vista da pesquisadora, tudo isso é o que se espera encontrar em uma publicação dessa natureza. E, de fato, encontramos o esperado. Estudo científico que passou pela pesquisa, pela orientação, pelo desenvolvimento das reflexões, pela definição do trabalho a ser apresentado a uma banca de examinadores/as, defesa, título de Mestra... Esse é o necessário roteiro a

ser seguido no caso de uma pós-graduação *stricto sensu* que almeja chegar, com sucesso, a seu desfecho. E isso, como já foi dito, se deu.

No entanto, *Representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em folhetos de cordel* é mais que uma dissertação de Mestrado. É um trabalho movido pela sensibilidade de Rocha desde sua concepção, porque, afinal, uma pesquisa em Letras/Literatura não pode prescindir do texto. Nesse sentido, os folhetos de cordel *História de Aracaju* (2006), de Pedro Amaro do Nascimento; *Aracaju ontem e hoje!* (2014), de Alda Santos Cruz; e *Aracaju como eu vejo* (2014), de Zezé de Boquim, escolhidos por Rocha revelam, antes de qualquer coisa, um compromisso explícito e afetivo da autora com sua cidade natal e esse compromisso, certamente, foi fundamental para que a abordagem extrapolasse as convenções acadêmicas e ganhasse a marca da personalidade e da vivência concreta do corpus também como fontes para o autoconhecimento e para a superação dos limites revelados: o pouco contato de Rocha com a literatura de cordel decorrente da ainda pouca representatividade desse gênero nos espaços educacionais.

Unir folhetos de cordel, Aracaju e estudos culturais e literários foi o caminho traçado por Rocha para cumprir uma jornada desafiadora, dadas suas vivências anteriores, em que o contato com o folheto de cordel, essa produção tão nordestina, foi quase inexistente. Movida pela consciência dessa precariedade, Rocha se pôs em marcha e pôde viver, literalmente, a odisseia dos/as pesquisadores/as, desbravando fontes em que talvez fosse possível beber a água do conhecimento, para, em seguida, tornar-se fonte também.

A ida à casa do poeta popular Zezé de Boquim; aos Mercados Centrais Antônio Franco (1926), Thales Ferraz (1949) e Albano Franco (2000); à Casa do Cordel; à cordelteca da biblioteca Epifânio Dória; à biblioteca Claudemir Silva; e à biblioteca do SESC, unidade do Centro, inscreveram o caminhar de Rocha rumo à sua formação como mestrande e à chegada ao título de Mestre em Estudos Literários. Os percursos e percalços, entretanto, foram vividos com a típica força de quem encontra seu tema e que faz do mergulho nele um mergulho também em si própria, visto que sua cidade natal, Aracaju, ganharia diferentes cores e tonalidades, a partir da leitura dos dezenove folhetos com os quais Rocha teve contato.

Dezenove, contudo, é um número ditado pela linguagem do Amor. E Rocha seria, sim, capaz de viver e traduzir essas dezenove experiências, a partir de seu desejo obstinado de mergulhar no universo cordel-Aracaju. Todavia, no âmbito da Ciência, dezenove é um número vasto demais. A precisão pedia moderação. As perguntas que logo surgiram – “De que forma Aracaju foi representada, real ou irreal? Sob aspectos culturais, simbólicos, religiosos ou turísticos? Por meio de seus personagens populares e suas personalidades? Por seus espaços ou por memórias?” – convidavam a essa moderação. Assim, *História de Aracaju* (2006), *Aracaju ontem e hoje!* (2014) e *Aracaju como eu vejo* (2014) se tornaram o corpus a partir do qual o caminho teria os necessários e já explicitados contornos do universo acadêmico, sem perder a doçura da relação amorosa com a terra natal.

A escolha do foco de abordagem – a linguagem verbo-visual presente nos três folhetos de cordel escolhidos – também revela a sensibilidade de Rocha, que percebeu a necessidade de unir verbo e imagem, para revelar a cidade de Aracaju a partir do modo como foi traduzida nessas obras, que, tal como a base teórico-crítica abraçada revela, são, sim, compostas pela dualidade palavra-imagem. E a pertinência de dar relevo a essa característica dos folhetos de cordel nos possibilitou (nós, leitoras e leitores), no decorrer da leitura do trabalho de Rocha (e aqui lembro que estive em sua banca de Mestrado), ver o desenho da “menina”, da “pessoa viva” que Aracaju se tornou a partir da poesia-imagem de Pedro Amaro do Nascimento, Alda Santos Cruz e Zezé de Boquim.

Parabenizo Jeane e seu orientador pela experiência, agora compartilhada com um público maior, de unirem forças para, através de *Representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em folhetos de cordel*, permitir que brotem, diante de nós, os tantos desenhos das tantas esquinas, em tempos igualmente múltiplos, desta cidade tão amada, esta menina que nos sorri todos os dias, acolhendo graciosamente tanto seus filhos e suas filhas (como Jeane Rocha) como nós, que chegamos de longe para nos entregarmos à sua beleza. A leitura, enfim, criteriosamente mapeada por capítulos temáticos, revelará um caminho traçado com razão e emoção, capaz de promover interesse, conhecimento, revelações e surpresas.

Christina Bielinski Ramalho
Departamento de Letras Itabaiana
Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Padrão de cores	61
Figura 2: Capa de folheto com ilustração de uma Xilogravura	64
Figura 3: Folheto sem capa (sem ilustração)	66
Figura 4: Capa de folheto com ilustração de uma fotografia	67
Figura 5: Capa de folheto com ilustração de um cartão-postal	68
Figura 6: Capa de folheto com ilustração de um desenho	68
Figura 7: Capa do folheto de cordel <i>História de Aracaju</i> (2006)	87
Figura 8: Mapa das Capitanias Hereditárias	97
Figura 9: Capa do folheto de cordel <i>Aracaju ontem e hoje!</i> (2014)	133
Figura 10: Fausto Cardoso	137
Figura 11: Imagem do boneco do seu Tobias	143
Figura 12: Imagem propaganda do carrossel	147
Figura 13: Capa do folheto de cordel <i>Aracaju como eu vejo</i> (2014)	161
Figura 14: Padre Pedro	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos tipos de metrificação	72
Quadro 2: Informações dos dezenove folhetos encontrados	85
Quadro 3: Elementos estudados nos folhetos analisados	191

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	14
<u>1 O MUNDO DO CORDEL</u>	21
<u>1.1 O exemplo de manifestação da cultura popular brasileira</u> ..21	
<u>1.2 A origem e os aspectos em Portugal</u>	29
<u>1.3 No Nordeste brasileiro</u>	33
<u>1.4 A materialização (o folheto)</u>	59
<u>1.4.1 Capa e contracapa</u>	60
<u>1.4.2 Estrutura</u>	70
<u>1.4.3 Miolo</u>	71
<u>2 REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE ARACAJU EM CORDEL</u>	80
<u>2.1 História de Aracaju (2006)</u>	86
<u>2.2 Aracaju ontem e hoje! (2014)</u>	132
<u>2.3 Aracaju como eu vejo (2014)</u>	160
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	192
<u>REFERÊNCIAS</u>	197
<u>ANEXO A - Reprodução do folheto <i>História de Aracaju</i> (2006)</u>	207
<u>ANEXO B - Reprodução do folheto <i>Aracaju ontem e hoje!</i> (2014) .</u>	213
<u>ANEXO C - Reprodução do folheto <i>Aracaju como eu vejo</i> (2014) ..</u>	216

INTRODUÇÃO

A pesar de ter nascido e vivido na cidade de Aracaju, uma das capitais de Estados nordestinos, nunca tive, durante toda a minha existência, a oportunidade de conhecer profundamente a Literatura de Cordel no período da minha trajetória como estudante. Tal fato poderia ser algo que não chamasse atenção em se tratando de nascidos em qualquer uma das outras quatro regiões do Brasil. Contudo, no caso de uma nordestina, chama muito a atenção por vários motivos.

Primeiro, porque o cordel tem suas origens atreladas a essa região. Segundo, porque, no Nordeste do país, essa literatura é uma manifestação cultural mais fortemente transmissora da cultura do lugar (LOPES, 1983). Terceiro, porque foram os nordestinos que abraçaram essa literatura e a escolheram para falar de seus costumes, seu cotidiano, suas tradições, sua religiosidade etc. Por fim, porque ela sempre teve seus folhetos muito difundidos em todos os nove Estados do Nordeste.

Nesse sentido, eu, particularmente, abro um parêntese para criticar os meus professores de Língua Portuguesa, Literatura e Redação pelo fato de, em nenhuma série dos Ensinos Fundamental e Médio, terem me apresentado o imenso mundo chamado Cordel. Acredito, também, que posso estender essa crítica aos professores das outras disciplinas, pois, no decorrer da pesquisa, conheci folhetos de cordel que tratavam de variados temas relacionados a: História do Brasil e Geral, Geografia, Ciências, Matemática, Sociologia e Filosofia.

Por outro lado, os folhetos também poderiam chegar ao meu conhecimento por intermédio da minha família. Porém, sou filha de pais que

pouco frequentaram a escola (apenas por um período de 4 anos). Com isso, nem eles tiveram a oportunidade de conhecer tal literatura.

Desse modo, considero que cada um teve sua parcela de omissão. Contudo, reconheço o valor que todos tiveram em minha formação, mas vale registrar que a lacuna da não apresentação à Literatura de Cordel foi decepcionante, pois gostaria de ter sabido da existência dessa riqueza desde meus primeiros anos de estudos, e todos eles, os professores, a tiraram de mim.

Na sequência dos meus tão desejados estudos, consegui cursar um dos níveis superiores em Letras. Acredito que essa deveria ser mais uma oportunidade de ser apresentada à Literatura de cordel. Ledo engano. Letras também foi o curso em que mais uma vez os professores se omitiram quanto à existência dessa literatura nordestina de grande valor.

Por outro lado, caberia a mim buscar conhecer a literatura de cordel de maneira independente, afinal o processo de ensino-aprendizagem é constituído por muitos agentes. Poderia, inclusive, sinalizar para os professores o desejo de estudar tal literatura.

A oportunidade de continuar estudando, num país em que estudo não tem valor e reconhecimento, seguiu para mim, e fui agraciada com uma abençoada aprovação em um curso de Mestrado no PPGL da UFS. Para mim, foi um motivo de enorme alegria e elevação de autoestima, pois era a oportunidade de subir mais um degrau da difícil caminhada que é estudar neste país. Para tanto, precisaria escrever uma dissertação a respeito de um tema. Qual poderia ser?

Após inúmeros momentos de reflexões, assistindo a aulas de Literatura Brasileira III, ministradas pelo professor Alberto Roiphe, que falava acerca de inúmeros autores brasileiros do movimento literário

Modernismo e, com brilho nos olhos, sobre o autor Mario de Andrade, do seu patriotismo pelo Brasil e seu amor pela cidade de São Paulo, o tão necessário tema acendeu como uma luz: estudar cidade, a minha cidade Aracaju.

Mas em qual gênero textual? Romance, como habitualmente os alunos escolhiam? Em prosa ou em verso? Não sei precisar, mas algo gritou dentro de mim e disse: – Escolha o gênero textual Cordel. Por incrível que pareça, ao falar para meu orientador, Dr. Alberto Roiphe, da minha escolha de tema e gênero textual, descobri que ele é um pesquisador do cordel, com escrita de dissertação e tese sobre esse tema, bem como livros. Fui então presenteada com dois de seus livros: *Fuxico* e *Forrobodó*. Perfeito! Foi a partir daí, em um curso de pós-graduação, que finalmente conheci – porque não dizer descobri – a fabulosa literatura de cordel.

Escolhido o tema, a cidade de Aracaju, e o gênero textual, o cordel, minha primeira atividade foi encontrar folhetos de cordel que falassem sobre Aracaju. A busca iniciou-se com a ida à casa do poeta popular Zezé de Boquim. Ele, além de ter escrito um folheto a respeito de Aracaju, de título *Aracaju como eu vejo* (2014), me mostrou uma Antologia que continha 15 poemas que discorriam sobre a cidade, sendo que os títulos “Aracaju” (s.d.), “Cidade de Aracaju meu amor ausente” (s.d.), “Natal no parque” (s.d.), “Aracaju em mourão voltado” (s.d.), “Cidade maravilhosa” (s.d.), “Aracaju de pedra” (s.d.) e “Parabéns Aracaju pelos 160 anos” (s.d.) foram específicos para essa Antologia, motivo pelo qual *apud*s foram utilizados durante a escrita desta dissertação, tratando-se, nesse caso, de uma edição em comemoração ao aniversário da cidade no ano de 2015.

A próxima procura foi feita nos Mercados Centrais Antônio Franco (1926), Thales Ferraz (1949) e Albano Franco (2000). Neles, mesmo tendo dois pontos de venda de folhetos, com milhares de títulos, não havia nenhum sobre Aracaju. Em seguida, fui à Casa do Cordel, mas sem sucesso, uma vez que não tive nem acesso ao local porque o fundador e responsável encontrava-se hospitalizado à época. Foram, assim, duas referências a menos como opções para encontrar os folhetos necessários.

Na sequência, fui à biblioteca Epifânio Dória. Lá, há um espaço batizado como “cordelteca”. Trata-se de uma sala decorada à moda do sertão, com vários folhetos de cordel pendurados em corda, outros dentro de cestos de cipó, rodeados por quadros e esculturas de barro, de paisagens e figuras tipicamente nordestinas. Nesse espaço, foram encontrados três folhetos cujo tema é a cidade de Aracaju, a saber: *História de Aracaju* (2006), *Aracaju ontem e hoje* (2014) e *Aracaju como eu vejo* (2014), este já adquirido anteriormente das mãos do próprio autor.

Recuperada dos dissabores de procurar os folhetos, em um momento seguinte, fui à biblioteca Claudemir Silva. Nela, finalmente encontrei o maior número de folhetos visto até então, de vários temas e autores, sem contar a sala, também decorada à moda do sertão. Dentre os livretos, seis títulos foram localizados: *Aracaju no passado* (2005), *Aracaju ontem e hoje* (2014), *Conheça Sergipe: capital Aracaju* (s.d.), *Uma região cheia de emoções* (s.d.), *Aracaju em versos e trovas* (s.d.) e *Minha cidade tem memórias* (s.d.).

A busca continuou, e, na biblioteca do SESC, unidade do Centro, foi encontrado mais um folheto sobre Aracaju: *Cantos e encantos de Aracaju* (s.d.). O título *Aracaju: passado, presente e futuro* (2018) foi comprado

em uma livraria da cidade. Por fim, o folheto *Aracaju 159 anos* (2014) foi adquirido das mãos da poeta popular Izabel Nascimento. Cheguei, assim, a um total de 19 folhetos sobre Aracaju.

A primeira etapa foi vencida. Então, iniciava-se a leitura dos folhetos para descobrir de quais maneiras a cidade foi retratada. Assim, no decorrer das leituras, indagações surgiram: de que forma Aracaju foi representada, real ou irreal? Sob aspectos culturais, simbólicos, religiosos ou turísticos? Por meio de seus personagens populares e suas personalidades? Por seus espaços ou por memórias?

Por isso, além de ter me identificado com essa literatura, justifico o estudo dela, neste estudo, pelo fato de, em primeiro lugar: querer mantê-la viva na memória das pessoas dentro e fora da academia, contribuindo, assim, com a difusão da cultura popular feita pelo cordel. Em segundo, desejar resgatar e divulgar o trabalho de poetas populares, xilógrafos, fotógrafos e desenhistas, tão restritos quanto à divulgação e ao espaço de circulação de suas obras.

Assim, os objetivos da pesquisa são discorrer a respeito da historiografia da literatura de cordel, assim como apresentar análises das linguagens verbo-visual de folhetos de cordel e, por fim, apresentar as análises das seguintes categorias: espaços, memórias, símbolos, personagens populares e personalidades, observando de que forma a cidade foi representada pelos poetas populares nos folhetos selecionados.

Quanto ao aspecto metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa que recorreu às mais variadas fontes bibliográficas. Assim, artigos científicos, dissertações, folhetos de cordel, livros e teses foram utilizados, bem como foram feitas visitas a bibliotecas, museus, pontos de venda de folhetos, caminhadas culturais em variados pontos da cidade, e

diversos cursos, minicursos e oficinas foram percorridos e frequentados, tudo isso com o intuito de depreender informações acerca do objeto de pesquisa.

A fim de alcançar tais objetivos, tomou-se como referencial teórico, na investigação e nas análises realizadas, os conceitos e as discussões acerca dos temas cidade de Aracaju, linguagem verbo-visual, espaço, memórias, símbolos, personagens populares e personalidades, conforme proposto por Cabral (1948), Moisés (1974), Dimas (1985), Loureiro (1999), Maia (1999), Assaré (2000), Ferreira (2001), Costella (2002), Cunha (2003), Alves (2003), Brook (2008), Genette (2009), Todorov (2009), Correa, Correa e Anjos (2011), Polzonoff Jr. (2011), Roiphe (2011, 2013), Alves e Schomacker (2013), Morais (2013), Silva (2014), Filho (2015), Melo (2016), Freitas, Nascimento e Freire (2017), Mendonça (2018) e Bento e Nascimento (2018), entre outros.

Assim, a partir de todo o conhecimento adquirido a respeito do estudo da literatura de cordel e da cidade de Aracaju, defendemos a existência da representação dela nos folhetos escolhidos, constatada pela junção da narração de fatos culturais, históricos, religiosos, turísticos e simbólicos, bem como de linguagem figurada, da qual habitualmente os “cordelistas” lançam mão para compor seus folhetos, nas linguagens verbal e visual, simultaneamente, dessa literatura fruto da criatividade dos poetas populares.

O projeto é composto por duas partes. Na primeira parte, apresentamos, a partir dos postulados de Lopes (1983), Laraia (1986), Burke (1989), Lara (2004), Arantes (2006) e Correa, Correa e Anjos (2011), o conceito de cultura, bem como os de cultura popular, erudita e de massa,

ênfatisando a literatura de cordel como sendo uma forte manifestação transmissora da cultura popular.

Na sequência, discorreremos a respeito da historiografia da literatura de cordel com marcas europeias, mas cujo nascimento se deu no Nordeste brasileiro por meio da cantoria. Nessa abordagem, além de mencionar a origem, os temas, os principais poetas populares e os xilógrafos e a forma de venda, são apresentadas também as características dos folhetos, bem como a composição e a estrutura da capa, do miolo e da narrativa, a partir dos escritos de Diégues Jr. (1975), Lopes (1983), Tavares (1998), Fortaleza, Viana e Viana (2005), Andrade (2005), Correa, Correa e Anjos (2011), Roiphe (2011, 2013), Silva (2012) e Diniz (2014).

Na segunda parte do trabalho, que trata das linguagens verbal e visual, simultaneamente, do cordel, apresentamos as análises de três folhetos, quais sejam: *História de Aracaju* (2006), *Aracaju ontem e hoje* (2014) e *Aracaju como eu vejo* (2014), com o olhar voltado para os aspectos elencados nas hipóteses apresentadas, a fim de confirmá-las, dessa forma detectando que as representações de Aracaju nos folhetos escolhidos foram feitas como forma de demonstrar os símbolos, as memórias, os personagens populares e as personalidades, bem como os espaços.

Por fim, trata-se de um estudo que tem a preocupação de contribuir com a permanência da Literatura de cordel no meio acadêmico, ratificando o valor dela a partir da demonstração dos seus principais aspectos, sobretudo no que tange à simultaneidade das leituras verbo-visuais dos folhetos ainda não afirmados/difundidos nos estudos da Literatura de cordel demonstrados nas análises das representações da cidade de Aracaju.

1 - O MUNDO DO CORDEL

1.1 O exemplo de manifestação da cultura popular brasileira

Quando o assunto é cultura, cada indivíduo apresenta, no mínimo, uma noção de como a concebe. Essas noções sempre se diferenciam em relação às vivências de cada pessoa. Os estudiosos no assunto, por sua vez, expressam seus conceitos de cultura a partir de muitas pesquisas. Logo, conceituar cultura não é simples, pois, após o nascimento de um ser humano, tudo é considerado como sendo cultural, exceto o sangue que corre em nossas veias.

Quando o assunto é a literatura de cordel, a maioria das pessoas ou já teve contato ou já ouviu falar. Pesquisadores e escritores dessa literatura, além do conhecimento aprofundado, a associam a um forte exemplo da manifestação da cultura popular brasileira. Assim, consideramos importante apresentar alguns conceitos de cultura e de cultura popular que nos remetam à literatura de cordel.

A escolha dos conceitos aqui apresentados e discutidos deu-se pelo fato de nos identificarmos com o sentido e o conteúdo deles, assim como por entendermos se encaixarem no propósito desta pesquisa. Por isso, dentre os estudos que argumentam o tema, destacaremos as definições do historiador Peter Burke, bem como as dos autores Antonio Augusto Arantes, José de Ribamar Lopes, Larissa Michelle Lara, Roque de Barros Laraia e Wanderlei Correa e outros, uma vez que trazem reflexões e informações importantes às articulações teóricas necessárias ao estudo.

De início, é importante sabermos o significado da palavra cultura. Segundo Correa, Correa e Anjos (2011, p. 166, grifos dos autores),

“o termo cultura vem do latim *colere*, que significa cultivar”. Esse significado dá ao termo cultura o *status* de algo valioso, uma vez que o homem persegue, desde tempos remotos, a cultivação de suas invenções, sejam elas materiais ou intelectuais.

Dessa forma, levando em consideração o significado latino, trazemos a primeira definição do termo cultura, formulada em 1871, por Tylor. Para ele, cultura em “[...] seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 1986, p. 25). Essa definição apresenta uma série de exemplos do que é considerado, até então, cultura, série essa que engloba variados segmentos em que o homem transita, e por isso ele tem necessidade de padronização e cultivação.

Posteriormente a essa primeira definição de cultura, foram acrescentados outros significados. De acordo com Burke (1989, p. 25), “‘Cultura’ é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes”, o que de fato o é, pois, cada autor aqui citado criou uma definição diferente, sempre acrescentando um dado novo. O estudioso mencionado continua sua explanação dizendo: “a minha definição é a de ‘um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados” (BURKE, 1989, p. 25).

Seguindo essa trajetória de acrescentar mais significados à definição de cultura, Correa, Correa e Anjos (2011, p. 166) contribuem assinando que “Cultura é o modo de vida, o comportamento, as crenças e os valores de uma sociedade”. Ao acrescentar à definição de cultura “o modo de vida”, os autores englobam para o indivíduo, sobretudo,

escolhas, uma vez que sabemos que, ao atingirmos certa idade, passamos a conhecer outras culturas e a nos identificar com elas, passamos em muitos casos a escolher essa nova forma de cultura para viver.

A partir dessas definições, algumas constatações foram percebidas, a saber: “o homem é o único ser possuidor de cultura” (LARAIA, 1986, p. 29); “a comunicação é um processo cultural. [...] a linguagem humana é um produto da cultura” (LARAIA, 1986, p. 53); “[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. [...] povos de culturas diferentes são diferentes” (LARAIA, 1986, p. 105). Observamos, assim, que a cultura não existiria sem transmissão, por isso, por meio do homem e das formas de linguagem – oral, escrita, visual –, para continuar viva, ela necessita ser passada para frente. A literatura de cordel, exemplo de manifestação popular, se constitui como um exemplo de transmissor da cultura.

Dessa forma, ratificando que o cordel é um forte exemplo de transmissão da cultura, o autor José de Ribamar Lopes, em seu livro *Literatura de Cordel* (1983), fala da relação entre literatura de cordel e cultura, informando que tal literatura traz da cultura as características para fazer suas produções se materializarem em forma de folhetos. Abaixo ele afirma que:

[...] essa literatura de cordel tem sido estudada sob os mais variados aspectos da cultura. Especialmente através da análise e interpretação de sua linguagem, tipicamente nordestina e brasileira. Linguagem que conserva arcaísmos seiscentistas, aqui introduzidos pelos colonizadores lusos, ao lado de neologismos, modismos e formas de expressão regionais as mais interessantes e até excêntricas (1983, p. 7-8).

Assim, outro elemento muito significativo para a cultura e representativo para o cordel é o povo. De acordo com Burke (1989, p. 21), o olhar para a cultura aconteceu “Na era da chamada ‘descoberta’ do povo”¹. É importante registrarmos que o povo sempre foi um objeto de interesse das áreas em geral, como história, filosofia, sociologia etc. Nesse sentido, continua o estudioso a dizer que “o termo ‘cultura’ tendia a referir-se a arte, literatura e música, e não seria incorreto descrever os folcloristas do século XIX como buscando equivalentes populares da música clássica, da arte acadêmica e assim por diante” (BURKE, 1989, p. 21).

Dessa maneira, Correa, Correa e Anjos trazem ainda uma informação importante sobre cultura ao dizerem que:

Ela se divide em dois aspectos. A Cultura Material - vem a ser tudo que o homem cria e transforma da natureza para o seu uso: as cidades, a culinária, os transportes, o vestuário, a produção econômica, as ciências, as artes. A Cultura Espiritual - é a cultura criada pelo espírito humano, ela é abstrata, não se vê nem se toca, mas existe: as crenças, a moral, os valores, os sentimentos, os desejos, em suma, a mentalidade humana (2011, p. 166)

Nessa classificação, os estudiosos nos revelam um exemplo curioso do que também seja cultura: as cidades. Assim, como imaginar que uma cidade, espaço, em muitos casos, enorme, composto por milhares de

¹ Segundo Burke (1989), foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o *folk*) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Ainda segundo o estudioso, houve uma série de razões para esse interesse pelo povo nesse momento específico da história europeia: razões estéticas, razões intelectuais e razões políticas (BURKE, 1989).

pessoas, se encaixe com primazia no conceito de cultura? A cidade que é sinônimo de plural, representada em diversos folhetos de cordel.

Assim, a cultura, além de se classificar em material e espiritual, também se divide em tipos. Na contemporaneidade, por exemplo, a divisão de cultura se dá em três formatos: cultura erudita, cultura popular e cultura de massa. Por isso, tão importante quanto entender o conceito de cultura é entender os conceitos que a tornam segregada. Trata-se de uma tarefa não tão simples, uma vez que, mesmo diante de todos esses tipos, os quais têm características próprias e distintas, há momentos em que eles se encontram e, conseqüentemente, se misturam.

O termo “erudito” era utilizado desde tempos remotos. Correa, Correa e Anjos (2011, p. 167) informam que “falar de erudito em Roma antiga era sinônimo de pessoas reconhecidamente dotadas de muito conhecimento, ou seja, a cultura sofisticada, a arte musical, a pintura, a literatura, o teatro, enfim todas as expressões culturais da elite dominante da época”. Podemos perceber, dessa forma, que o termo era empregado quando se referia a pessoas cultas, com acesso a livros e ao estudo como forma de aprendizado.

Lara amplia o conceito informado por Correa, Correa e Anjos (2011) quando acrescentam as informações descritas abaixo, dizendo que:

A cultura erudita, produzida por setores dominantes da sociedade, é a cultura direcionada a poucos, a uma parcela ínfima da população que pode ter acesso ao saber intelectualizado, ao conhecimento elaborado e sistematizado socialmente. É a cultura de dominação, hegemônica, que se afirma como a melhor e a “única” a transmitir conhecimento. São os chamados “eruditos” quem separam, excluem e

classificam o que faz parte do erudito ou do popular, acentuando as diferenças de classe social e suas desigualdades, buscando seu fortalecimento na cultura de massa que a favorece e a legítima (LARA, 2004, p. 81).

Notamos, assim, que as produções ditas como sendo pertencentes à cultura erudita são aquelas que são feitas tendo como base o “saber”, ou seja, elas se tornam valiosas por serem fruto da construção de pesquisas e não de intuição ou achismo. Desse modo, esse tipo de cultura passa a ser mais atraente que os demais.

Com relação a essa constatação, Arantes (2006, p. 14) faz uma sinalização importante quando coloca em contraste o erudito com o popular, acrescentando que “[...] O que é ‘popular’ é necessariamente associado a ‘fazer’ desprovido de ‘saber’”. Burke (1989, p. 25, grifos do autor), por sua vez, complementa tal interpretação ao dizer que “Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das ‘classes subalternas’”.

Assim, ainda segundo Correa, Correa e Anjos (2011, p. 168), cultura popular “são as manifestações e expressões produzidas pelo povo, ou seja, pelos assalariados do campo e da cidade”. Com isso, concluímos que toda pessoa pode produzir cultura, não importando seu local de origem.

Acrescentam Correa, Correa e Anjos (2011, p. 168) que a cultura popular “É produzida em qualquer lugar: nas ruas, no trabalho, em casa, na igreja, na roça, na praça, no centro comunitário, na praia e na escola”. Logo, para produzir cultura popular, não é necessário estar em um local específico ou sofisticado. As produções podem ser feitas nas ruas, no meio do povo, sob o sol ou sob a chuva.

Por isso, diversos são os exemplos de produções que resultam da cultura popular. Especificamente no Brasil, Correa, Correa e Anjos (2011, p. 168) fazem as seguintes considerações: “A cultura popular brasileira não é somente samba, carnaval e futebol”, como é mais difundido dentro e fora do país. Os autores seguem informando que:

Inúmeras manifestações são reconhecidamente populares: as festas religiosas, o folclore, a culinária, o artesanato, as linguagens regionais e as brincadeiras infantis tradicionais. Essas e tantas outras expressões são produtos da criatividade e espontaneidade do nosso povo (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 168).

Assim, como exemplo, representando as festas religiosas, temos a de São Cosme e São Damião; o folclore, o Saci Pererê e a Mula-sem-cabeça; a culinária, a feijoada e o churrasco; o artesanato, as redes, a panela de barro, a esteira de palha; as linguagens regionais, os neologismos criados pelo povo, como as palavras “vixe”, “oxe” e “oxente”; por fim, as brincadeiras infantis, a ciranda cirandinha.

Por fim, discorreremos a respeito do terceiro tipo de cultura, a chamada cultura de massa, que o autor Correa, Correa e Anjos definem da seguinte forma:

A cultura de massa surgiu no século XIX com o desenvolvimento industrial, o crescimento urbano e a criação dos meios de comunicação social. É a produção e o consumo de uma grande variedade de produtos que abrange os setores: moda, lazer (cinema, esportes), comunicação social (jornais, revistas, rádio, tv, internet), espetáculos públicos,

literatura, música - que influenciam o estilo de vida da sociedade - tendo como objetivo o lucro. Por isso, a cultura de massa é também chamada de “indústria cultural” ou “cultura de mercado” (2011, p. 169, grifos dos autores).

Nesse contexto, entendemos que a cultura de massa não exclui os outros dois tipos de cultura e sim que ela pode ser um meio de divulgação da cultura erudita e da cultura popular, pois ambas podem se valer do público que aquela atinge para levar sua produção até ele de forma mais abrangente.

Assim, como a cultura de massa é considerada um produto da moda, Lara reforça esse pensamento quando diz que “A cultura de massa é tida como uma estrutura cultural na qual os indivíduos são convidados a participar sob pena de exclusão e invalidação sociais ou destituição cultural” (2004, p. 82). Então, se esse tipo de cultura convida o seu público a consumir o que ela ditar, a cultura de massa pode sim ditar a moda produzida pela cultura erudita, bem como pela cultura popular. E esse consumo, continua Lara, é

[...] Caracterizada pelo modismo, pelos meios de comunicação, pelo prazer do consumo, pela sedução explícita, a cultura de massa é pauta de inúmeros debates que procuram desmascarar o processo alienante resultante da coerção sutil ou declarada da indústria cultural (2004, p. 82).

Deve-se, no entanto, tomar o devido cuidado para não torná-la visível apenas do ponto de vista do produto, mas sim do seu produtor, que é, a nosso ver, o grande destaque da cultura.

Por fim, constatamos que essa literatura trata de uma expressão da cultura popular porque, por um lado, o cordel é produzido em qualquer lugar, sem a necessidade de local específico ou sofisticado; por outro lado, o cordel difunde diversas expressões, tais como as linguagens regionais, as festas populares, a culinária e o artesanato. Ademais, assinala-se que o cordel é um meio de perpetuar a cultura para as próximas gerações, aderindo, assim, a um dos principais objetivos da cultura: cultivar crenças e saberes da humanidade.

É em meio a essa apresentação de alguns conceitos de cultura e de cultura popular e da importância de manifestações dessas culturas que surge a literatura de cordel, gênero textual que consideramos um dos grandes exemplos da expressão popular do Brasil, sobretudo da região Nordeste. Assim, artes, atitudes, cidades, conhecimentos, costumes, cotidiano, crenças, culinária, hábitos, leis, modos de vida, valores, vestuário são igualmente objeto das culturas e do cordel.

1.2 A origem e os aspectos em Portugal

A origem da literatura popular, conhecida atualmente como literatura de cordel, data de tempos remotos. De acordo com Andrade (2005, p. 127), “Foi na Idade Média, por volta dos séculos XI e XII, que se desenvolveu e se disseminou por toda a Europa esse gênero de literatura Popular. Ela crescia ao mesmo tempo que surgiram várias línguas nacionais, utilizadas pelo povo, em oposição ao latim, língua das elites”. Assim, registros dessa literatura foram encontrados em vários países da Europa, a exemplo da Alemanha, Espanha,

França, Inglaterra, Holanda e, sobretudo, em Portugal, pátria dos nossos colonizadores.

Dessa forma, constatamos que tal fenômeno não foi, em sua origem, um privilégio somente de escritores e leitores portugueses e espanhóis. Por isso, concluímos que estamos em contato com uma literatura bastante antiga e que, por ser tão significativa, conseguiu ser transmitida através do tempo, tornando-se popular até os dias atuais.

No entanto, essa transmissão só foi possível graças a uma forte aliada: a imprensa. A literatura de cordel começou pela linguagem oral por meio de cantadores. A forma escrita é o segundo momento dela. “Com a invenção da imprensa, por volta de 1450, parte dessa literatura popular oral² que circulava na Europa começou a ser publicada em pequenos livretos, feitos de papel ordinário e vendidos a preço barato. Iniciava-se assim a literatura de folhetos” (ANDRADE, 2005, p. 127-128).

Dentre os países europeus que fizeram uso dessa literatura popular, Portugal, por ter sido a nação que nos colonizou, é o lugar de onde conhecemos mais características dessa forma de escrita, praticada por seus escritores, bem como apreciada por seus leitores. Segundo Diniz (2014, p. 5), “Em Portugal, os folhetos de cordel eram impressos em papel barato, vendidos a preço baixo e expostos em cordões barbantes, eram chamados de ‘folhas soltas ou volantes’. Seu conteúdo era narrado nos gêneros: contos, novelas, epopeias e sátiras”.

Ainda em relação à forma de impressão, como também à maneira de venda dos folhetos, Manuel Diégues Jr. (1975, p. 5) enfatiza que “Estas ‘folhas volantes’ ou ‘folhas soltas’, decerto em impressão muito rudimentar

² No Nordeste brasileiro, houve também os poemas “cantados”, em forma de desafios ou pelepas, por cantadores repentistas que debatiam entre si com perguntas e respostas, criações e trava-línguas, tudo fruto de uma genialidade do improviso (MEDEIROS, 2004, p. 317 apud MELO, 2016, p. 23).

ou precária, eram vendidas nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas”. A partir dessas informações, notamos que os locais de venda, desde o início, eram estratégicos e populares, uma vez que os espaços escolhidos são frequentados por centenas de pessoas. A história do livro³ nos diz que sua confecção se iniciou de forma artesanal, utilizando-se papel feito com couro de animal, bem como pena de aves e tinta fabricada a partir de plantas para escrever. Tal processo ao longo dos anos passou por inovações, e atualmente a produção de um livro é sofisticada.

A respeito da nomenclatura, as “folhas volantes”, também chamadas de “folhas soltas”, como nos diz o folclorista Diégues Jr. (1975, p. 5, grifos do autor), receberam essas denominações porque “O povo português, antes que se difundisse a imprensa, usava o registro da poesia popular em ‘cadernos manuscritos’”. Essa era uma prática feita por todos os autores de livros escritos antes da invenção da imprensa. Dessa maneira, ficamos sabendo que o início da produção das folhas soltas aconteceu também de forma manuscrita, ou seja, em Portugal, os folhetos produzidos chegaram a ser comercializados não somente impressos, mas também escritos à mão. Conforme Andrade:

Em Portugal, esses livretos ganharam várias denominações curiosas como folhetos, folhas volantes, literatura de cegos e finalmente cordel. Às vezes, o poeta imprimia uma obra pequena, de poucas páginas, ou até um só poema curto, e então o fazia em folhas soltas, daí o nome folhas volantes (2005, p. 128).

³ Livro, fisicamente, é um conjunto de folhas de papel, papiro, pergaminho ou outro material, unidas entre si. Caracteriza-se por conter textos, ilustrações; constituir uma unidade independente e ajudar a preservar e difundir o conhecimento. A aparição do livro está estreitamente ligada aos suportes da escrita. O suporte mais antigo da escrita foi a pedra, desde as pinturas rupestres até às inscrições nas estelas e inscrições do Antigo Oriente e Antiguidade Clássica. No entanto, ao longo da história, os principais suportes da escrita foram o papiro, o pergaminho e o papel (POEFDS, 2007, p. 12-13).

Diferentemente do que imaginávamos, a nomenclatura adotada atualmente tem relação com a maneira de exposição dos livretos para a venda, isto é, o nome folheto de cordel tem origem no fato de serem expostos para venda em corda; portanto, cordel significa cordão, de acordo com o que assinala Andrade: “como os livretos eram expostos à venda pendurados em barbantes ou cordão, palavra que em língua provençal é cordel, adotou-se essa denominação, que acabou se generalizando tanto em Portugal como no Brasil” (2005, p. 128).

Então, como foi agregador conhecer os aspectos descritos anteriormente sobre a literatura de cordel em terras lusitanas, é ainda instigante saber a respeito dos temas abordados nos folhetos portugueses, pois de certo são importantes e despertam nossa curiosidade para saber sobre o que nossos colonizadores escreviam em suas composições. Informa Dié-gues Jr. (1975, p. 5) que “[...] nelas registravam-se fatos históricos ou transcrevia-se igualmente poesia erudita. [...] Divulgava-se [...] narrativas tradicionais, como a Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, Carlos Magno”. Dessa forma, notamos que a produção dos lusos tinha caráter erudito, uma vez que não abordavam temas que falavam do povo.

Nessa trajetória, além de sabermos a origem dessa literatura popular, como inicialmente foi chamada em Portugal, como também qual era a sua forma de comercialização e exposição, quais eram os temas narrados nos folhetos e os gêneros de composição utilizados, acrescentamos, a seguir, outras informações:

Durante algum tempo vigorou uma lei determinando que só os cegos podiam vender esses livretos nas feiras e praças públicas; a medida foi resultado de uma reivindicação feita pela Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa, e por

isso passou a ser denominada a literatura de cegos (ANDRADE, 2005, p. 128).

Portanto, percebemos que a literatura de cordel em Portugal passou por dezenas de mudanças, entre elas a determinação de poder ser vendida apenas por pessoas cegas, fato esse que nos chama atenção em virtude de se tratar de um folheto impresso e não adaptado para a língua dos cegos⁴. No entanto, essa determinação apresenta uma função social do cordel: ajudar uma Irmandade com as vendas desses folhetos. Logo, do conhecido até aqui, se torna importante saber quais são os aspectos dessa literatura nos solos brasileiros, como discorreremos na sequência.

1.3 No Nordeste brasileiro

A literatura de cordel é considerada uma das mais fortes manifestações da cultura popular da região Nordeste do Brasil. Esse mérito se dá porque ela apresenta características típicas desse local em suas produções. Assim, a respeito dessas afirmações, Lopes (1983, p. 7) diz que isso ocorre “Pela sua vitalidade, constância e abrangência temática”. Para ele, “a literatura de cordel se apresenta como fenômeno dos mais singulares e relevantes da cultura do povo nordestino”, bem como ela é “Um dos campos de estudos literários e folclóricos mais fascinantes e férteis, na atualidade” (LOPES, 1983, p. 7).

⁴ Assim como os surdos, os cegos também têm uma língua própria, chamada de Braille, que é definida como sendo “sistema de leitura e de escrita para cegos, em que as letras, os algarismos e os sinais gráficos são representados por uma combinação de seis pontos em relevo, que são lidos da esquerda para a direita, com uma ou ambas as mãos” (DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2003-2020).

Nesse sentido, neste capítulo será apresentada uma visão histórica dessa literatura, de acordo com o tempo da pesquisa e a bibliografia encontrados, enfatizando-se seus principais aspectos nos solos brasileiros, sobretudo na região Nordeste. O Brasil, como o mundo, inspira e respira cultura. Em todos os lugares, as manifestações culturais acontecem tempestivamente por meio de cantigas de roda, contação de histórias e lendas, danças, preparação de comidas e confecção de vestimentas, como também pela literatura de cordel.

Assim, como mencionado anteriormente, tal literatura teve sua origem na Idade Média, tempo em que o Brasil ainda não existia, então nos interessa saber como essa forma de escrita chegou ao nosso território. Nesse caso, lembramos que somos um povo que foi colonizado por Portugal, por isso é possível deduzirmos que essa literatura deve ter sido uma herança recebida daquele país.

Segundo Lopes (1983, p. 11), “[...] a literatura de cordel nos chegou através dos colonizadores lusos, em ‘folhas soltas’ ou mesmo em manuscritos”. Entendemos, assim, que nossa dedução foi confirmada pela afirmação desse autor, e, como tantos outros elementos trazidos nas naus⁵, vindas de Portugal para o Brasil no século XV, os livretos de cordel vieram junto.

A poetisa Ana Santana do Nascimento fala, em verso, a seguir, do momento da chegada do cordel ao Brasil, sintetizando como aconteceu:

⁵ Nau, do castelhano *nau*, pelo latim *nave*, navio arredondado, no casco como nas velas, de grande tamanho, a princípio com um mastro apenas, no alto do qual estava a gávea, espécie de gaiola, de onde um dos marujos de Pedro Álvares Cabral pôde dar o famoso brado: “Terra à vista”. Séculos depois, o poeta Castro Alves, desconcertado com os navios negreiros que traziam forçadamente outros habitantes, os negros escravos, exclamaria: “Das naus errantes quem sabe o rumo/ se é tão grande o espaço?” (SILVA, 2014, p. 328).

Veio lá de Portugal
Direto para o Brasil
Terra de um povo gentil
Descoberto por Cabral
Aqui teve todo aval
Principalmente o Nordeste
De homem cabra da peste
Que já nasceu menestrel
Disseminando o cordel
Norte, Sul, Leste e Oeste (SANTANA apud FREITAS, 2017,
p. 11).

Contudo, a utilização dessa literatura não se deu de forma imediata. De acordo com os livros de História, nossa colonização e nossa exploração só tiveram início após 30 anos após a chegada dos portugueses, pois a Coroa portuguesa não se interessou pelas novas terras. Informa Diniz (2014, p. 6) que “Os primeiros registros do cordel impresso, no nosso país, são datados do século XIX”, ou seja, nossa produção iniciou-se há pouco mais de um século.

Em outras palavras, acreditamos que o interesse tardio pelo cordel se deu apenas quando foi possível publicar os escritos produzidos por seus autores. Portanto, “Só muito mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias” (LOPES, 1983, p. 11) foi possível lançar mão dessa forma de escrita. Assim, Diégues Jr. complementa que “No Nordeste, são encontradas também as tipografias divulgadoras desses folhetos. [...] nos Estados do Nordeste, em Belém, onde se concentrou essa

⁶ 1. arte de compor e imprimir. 2. oficina onde se realizam as operações essenciais à composição e impressão. 3. sistema de imprimir com formas em relevo (tipos) 4. configuração e arranjo do texto (INFOPÉDIA, 2003-2020c).

produção que quase diríamos em massa, ao passo que nas outras áreas ela se torna esporádica” (1975, p. 6).

A literatura de cordel, [...] só surgiria após o aparecimento das pequenas tipografias avulsas, espalhadas por várias cidades interioranas e capitais nordestinas, o que só ocorreu a partir dos fins do século passado. Desses centros maiores é que saíram e se difundiram pela região os folhetos de cordel, vendidos nas feiras livres e mercados, estações rodoviárias e ferroviárias etc. (LOPES, 1983, p. 12).

Além disso, é importante considerar que outro motivo da apropriação tardiamente feita do cordel foi o fato de a população não ser alfabetizada. Naquela época, o acesso às escolas era restrito, um privilégio de poucos. Sabemos que a camada que tinha acesso a estudar era formada pelos filhos dos senhores de engenho, dos barões do açúcar e do café, a quem essa literatura não interessava. Já as pessoas da classe popular, a quem essa forma de escrita chamou atenção, nem sempre não sabiam ler e escrever.

Nesse mundo tão cruel
Estudar é complicado.
Vivemos de injustiças,
Maldades por todo lado.
Pra se manter na escola
O caminho é apertado (ALVES apud BENTO, 2018, p. 56).

Nos versos citados acima, a poetisa enfatiza duas situações corriqueiras da educação no Brasil. Primeiramente, ela considera o ato difícil, uma vez que não existem condições adequadas para se ensinar e, conseqüentemente, fazer com que o estudante aprenda. Em segundo

lugar, ela fala das condições financeiras, já que se manter em uma escola custa caro.

Por outro lado, após as etapas descritas anteriormente serem conhecidas, algo surpreendente aconteceu, a literatura popular floresceu em uma região específica do Brasil: o Nordeste. Assim, ela “[...] se transladou, com o colono português, para o Brasil; nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente esta tradição de romanceiro, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel” (DIÉGUES JR., 1975, p. 5), fato esse que nos chama atenção, mesmo tendo a consciência de que o Brasil começou no Nordeste.

Nesse sentido, uma indagação surge acerca do florescimento do cordel em apenas uma região deste país de dimensões continentais, bem como ocupado por milhões de pessoas: afinal, essa literatura popular se fixou no Nordeste por quais motivos?

No Nordeste, [...] por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores da formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (DIÉGUES JR., 1975, p. 6).

O folclorista Diégues Jr. explica, de forma ímpar, os motivos pelos quais o Nordeste foi a região que escolheu a literatura de cordel com sua linguagem popular para falar de seus costumes, “causos”, crenças, cidades, danças, fé, festas cíclicas e religiosas, folguedos, memórias, modos de vida, lutas, superstições, tradições, tipos populares, bem como de seu povo. Cabe aqui ressaltar que tal escolha se deu pelo fato de o poeta popular se identificar com as “folhas soltas” ou “folhas volantes” recebidas de Portugal, refletindo confiança no material a que teve acesso.

Baseados nos motivos pelos quais a região Nordeste escolheu tal literatura, seus temas tornam-se outro aspecto relevante, pois, como toda literatura produzida com capricho, comprometimento e dedicação, os assuntos que retratam devem ser variados e abrangentes, bem como compreender pessoas e acontecimentos que envolvem o dia a dia das cidades e nações. Algumas limitam-se a falar de temas universais, por exemplo, amor, fome, morte etc. Contudo, a literatura de cordel surpreende nesse ponto, uma vez que todos os temas são abraçados pelo poeta popular com muita satisfação para compor seus poemas. Assim:

De modo geral, se pode verificar, por um estudo mais aprofundado dos temas, que a elaboração dos romances, tradicionais ou modernos, se prendeu sempre à necessidade de fixar os acontecimentos, de registrar as figuras que dele participaram, de anotar a maneira como decoraram, enfim tudo aquilo que, sem imprensa, sem jornais, sem rádio, as gerações mais antigas tiveram necessidade de gravar e transmitir, através da história popular, para fazer a sua história. Daí haver sempre – isto sobretudo nos romances de fundo histórico, que narram guerras ou lutas realmente

acontecidas, ou fixam figuras que efetivamente viveram – no romanceiro não apenas a notícia como também o entretenimento (DIÉGUES JR., 1975, p. 10).

Nesse caso, em outras palavras, todos os temas são inspiração para se escrever um folheto de cordel. De acordo com Silva (2012, p. 17), “As histórias encontradas nos folhetos refletem os paradigmas da cultura onde foi criada, demonstrando como é a vida desse povo, suas sociedades e suas crenças”.

Por isso, é comum encontrar folhetos que retratam a fome, como o título *A seca no Ceará* (s.d.); a fé, em *A pranteada morte do padre Cícero Romão* (1982); disputas políticas, em *Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu* (s.d.) e *A violenta disputa de Maluf com Tancredo* (2001); a mulher, em *O que é ser mulher* (2001), *A mulher e sua trilha* (2013) e *Saias no cordel* (2009); a terra natal, como em *Aracaju passado, presente e futuro* (2018), *Coqueiro* (2012) e *Conheça Sergipe: Capital Aracaju* (s.d.). Com isso, podemos dizer que:

[...] os folhetos de cordel nordestinos geralmente são classificados por ciclos: há o ciclo de histórias sobre os cangaceiros (como Lampião e Antônio Silvino); o ciclo das pejejas ou desafios de repentistas; o ciclo das vidas de santos (como o padre Cícero ou frei Damião); o ciclo dos folhetos jornalísticos, comentando fatos da atualidade; e muitos outros. Um dos ciclos mais populares é o dos “romances” que contam histórias fantásticas ou maravilhosas (TAVARES, 1998, p. 73).

A partir dos temas escritos nas narrativas dos folhetos de cordel, os quais são considerados por diversos estudiosos como sendo extremamente diversificados, tudo ou quase tudo serve de motivo para os poetas populares escreverem seus folhetos. Logo, “As temáticas da literatura de cordel são extremamente amplas e variadas: o cangaço, a política, o amor, o crime, fatos sobrenaturais, fantasias, valentia” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 200).

A valentia é um comportamento presente na História do Brasil, e, ao longo dos séculos defendendo nossa pátria, surgiram inúmeros homens que buscavam, dentre outros sonhos, o da igualdade e da liberdade. Defendendo esses ideais, surge Zumbi dos Palmares, que também foi retratado por várias vezes em cordel. A autora Luciara Leite Mendonça (2018) apresentou, em sua dissertação de mestrado intitulada *Quatro representações de Zumbi dos Palmares em cordel épico*, um trabalho importante, uma vez que, além de fazer uma análise da história de Zumbi, ela também a estudou da perspectiva de cordelistas.

Da mesma maneira, o poeta popular se inspira com muita facilidade, pois, como afirmam Correa, Correa e Anjos (2011, p. 200), “Na atualidade, [...] existe uma maior diversificação das temáticas: educação, formação política, biografias de personalidades, avanços científicos e tecnológicos, esporte, acontecimentos contemporâneos, entre outros”.

Nessa diversidade de temas, há duas que interessam para este estudo: a dos fatos circunstanciais ou acontecidos e a da cidade e vida urbana, uma vez que faremos um estudo das representações da cidade de Aracaju no cordel. Trata-se de representações de suas cidades

natais, como fizeram o poeta Leandro Gomes de Barros quando escreveu *O Recife novo* (s.d.); João Carlos, em *Feira de Santana princesa do sertão* (s.d.), e Manoel Camilo dos Santos, em *Descrição da capital João Pessoa* (s.d.).

Na escrita de temas a respeito de cidades e vida cotidiana, por exemplo, destaca-se o cordelista pernambucano Ivaldo Batista, autor de mais de 300 folhetos, sendo que uma grande quantidade versa sobre cidades, a exemplo de: *Aracaju Paraíso Nordestino* (2020), *Maceió O Caribe brasileiro, uma paixão a partir do mar* (2019), *Natal cidade do sol* (s.d.), *Rio de Janeiro 454 anos da cidade maravilhosa, capital da arte e do samba* (s.d.), *Caruaru a princesa do Agreste a capital do forró* (s.d.). Escrever sobre personalidades é também outro tema muito explorado por esse poeta.

A cidade de Aracaju é um dos temas retratados pela literatura de cordel. Essa homenagem teve um registro ímpar datado dos anos 1948, quando Mario Cabral descreveu Aracaju de maneira encantadora por meio de prosas e versos nas páginas de *Roteiro de Aracaju Guia Sentimental da cidade*. Nelas, ele registrou todo seu amor pela cidade, amor esse que perdura até a atualidade com novos escritos sobre Aracaju e se multiplica e se materializa nos folhetos, a exemplo de: *História de Aracaju* (2006), *Aracaju ontem e hoje* (2014) e *Aracaju como eu vejo* (2014), objetos desta pesquisa, e em tantos outros folhetos.

Ainda a respeito dos temas abordados nos folhetos de cordel, Roberto Benjamim destaca que:

[...] é marcante o fato de que os poetas populares acompanharam a sua época e produziram um cordel compatível com as novas situações, falando sobre temas que vão desde

a migração do campo para a cidade, à emancipação das mulheres, o divórcio, o acesso à educação formal e as novas tecnologias, sendo fiéis à sua condição de mediadores entre a cultura de massa e as culturas populares (BENJAMIM apud MELO, 2016, p. 25-26).

Assim como há uma divisão de acordo com a variedade temática na literatura de cordel, há também uma classificação da maneira de usar o tema. Segundo Diégues Jr. (1975, p. 13), divide-se em: “o ABC, o gênero de cantoria, a sátira, o elogio por exemplo”.

A literatura de cordel, além de contar em seu início com a invenção da imprensa, com as pequenas tipografias, o poeta popular se constitui outra peça importante para tal literatura, sendo seletos homens do povo que se prontificaram a escrever por meio dessa forma de escrita, a quem chamamos de poetas populares. São eles que, com sua singular sabedoria, materializam suas estórias de vida nos folhetos. Mas como definir essa figura tão importante para essa literatura?

De acordo com Lopes (1983, p. 15), “O poeta popular é uma expressão da região, do seu povo, com a sua linguagem própria e sabedoria secular. O cordel é o seu veículo tradicional no Nordeste brasileiro”. Mas não só, pois alguém que consegue expressar os sentimentos e comportamentos de seu povo e as tradições do seu local é alguém que tem em sua essência a sensibilidade. “O poeta popular (semialfabetizado ou analfabeto) é autêntico, porque reflete a ideologia da grande massa dos nordestinos” (LOPES, 1983, p. 17).

Vejamos uma estrofe a seguir:

No mundo nosso papel
Chega a quase todo mundo
Um trabalho tão fecundo
Versos belos de cordel
Um detalhe que é cruel
O ofício de cordelista
Com versos de encher a vista
É tão subvalorizado
Com trabalho premiado (DUSSANTOS apud FREITAS, 2017,
p. 11).

O próprio poeta registra em versos o que sente na pele a respeito dessa profissão. Ele traduz em suas palavras a não valorização do seu dom, da sua arte. Por se tratar de homens, no início, sem escolaridade, já seria um motivo suficiente para se perceber algo de especial nessas pessoas, mas nem isso desperta a necessidade de se valorizar esses autores reais.

Na atualidade, essa marca do poeta popular de ser somente de homens do povo mudou. Escrevendo folhetos de cordel encontramos pessoas com grau de estudo mais alto e de variadas camadas da sociedade. “Há ainda casos raros de poetas populares que estudaram, progrediram na vida, não perdendo nunca a sua nordestinidade, expressa em tantos versos significativos” (LOPES, 1983, p. 17). Hoje é possível ver advogados, engenheiros, médicos, professores, pessoas com nível superior compondo histórias em cordel.

Da mesma maneira, o poeta popular, independentemente do local em que esteja, seja área rural ou urbana, ele não deixa de falar do seu povo e, sobretudo, daquilo em que acredita e cultua. “O poeta do cordel

da área rural é, de todos, o mais conservador. Católico, defensor intransigente do governo, do chefe político local, do juiz, do padre, verberando contra qualquer tipo de mudança social ou cultural” (LOPES, 1983, p. 25).

Pelo exposto no parágrafo anterior, percebemos que o poeta popular, de início, era visto como um homem do seu tempo, aquele que, embora externalizasse preconceitos, defendia quem estava no poder e vivia dessa forma porque reproduzia a sua geração, o seu momento na história. Ele, uma vez que cultuava a religião predominante no Brasil, defendia aqueles que estavam no poder, independentemente da esfera que a comandasse, e apresentava resistência a mudanças. A separação de casais foi uma dessas mudanças não aceitas pelos poetas populares.

Contudo, tais comportamentos, no decorrer do tempo, deixaram de ser praticados pelos autores de cordel em seus escritos. Ao contrário, passaram a escrever adotando o lugar de fala⁷, expressão defendida por Djamilia Ribeiro (2017) ao buscar a voz de mulheres negras, mas que cabe ser empregada para outros grupos que tiveram suas vozes silenciadas e seus discursos feitos por outros que estão fora do seu meio. Essa expressão se refere a quem precisa falar, mas também àquilo que precisa ser evidenciado e corrigido perante a sociedade.

No entanto, mesmo deixando seu local de origem, o poeta popular não esquece suas raízes e conserva as vivências de sua terra natal, ainda

⁷ A noção foucaultiana de discurso a respeito da importância de se interromper o regime de autorização discursiva é citada por Djamilia Ribeiro (2017, p. 31). Ela defende o seguinte: “[...] entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados”. E prossegue: “Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos” (RIBEIRO, 2017, p. 47).

que precise acompanhar as inovações da atualidade, isto é, outros meios de comunicação, outras linguagens de transmissão de mensagens, como também o desconhecimento entre pessoas. O “poeta de cordel da área urbana é ainda um conservador embora conserve abertura para algumas inovações quase sempre oriundo da área rural os que vivem nas capitais nordestinas sofre na pele no pacto dos veículos de comunicação” (LOPES, 1983, p. 28).

Apesar de todas as dificuldades dos poetas do cordel, essa categoria não deixou de ter adeptos. Assim como os movimentos literários do Brasil têm representantes, com a literatura de cordel não foi e nem é diferente. Desde seu surgimento e ao longo dos anos, centenas de nomes marcaram essa literatura com seus escritos. Por isso, Aderaldo Luciano (2012, p. 8) enfatiza: “Queremos os seus autores citados lado a lado com os poetas clássicos de nossa literatura. Não cabe mais a miopia”.

Em alguns casos, além da escrita dos poemas, eles também fazem o desenho das capas, a impressão do folheto e, sobretudo, a venda e, ainda por cima, multiplicam esse conhecimento para seus filhos.

Ugolino de Sabugi e seu irmão Nicandro, Agostinho Nunes da Costa, o pai da poesia popular, Germano da Lagoa, Romano de Mãe D’Água, Silvino Pirauá, Manoel Caetano, Manoel Cabeleira, João Benedito, José Duda, Leandro Gomes de Barros, Firmino Teixeira do Amaral, João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista, Antônio Batista Guedes, Antônio da Cruz, Joaquim Sem Fim, Cordeiro Manso, Manuel Vieira do Paraíso, Antônio Guedes, Joaquim Silveira, João Melchíades, Romano Elias da Paz, José Camelo de Melo Resende, Manoel Thomaz de Assis, José Adão Filho, Lindolfo Mesquita, Moisés Matias de Moura, Arinos de Belém, Antônio Apolinário de Souza e Laurindo Gomes Maciel são alguns

dos nomes que imprimiram suas marcas na composição de folhetos bastante populares.

Em Sergipe, a lista com nomes de poetas populares é extensa, destacando-se: Agnaldo dos Santos Silva, Anderson dos Santos, Anderson Oliveira dos Santos, Antônio Batista Junior, Antônio Eduardo Fiscina Oliveira Junior, Aumir Ribeiro dos Santos, Edvaldo Ventura da Silva, Everardo de Sena e Silva, Evergisto Socorro de Souza (Tito), Flávio Américo Tonnetti, Genison Pinto Santos, Gilmar Ferreira, Givaldo Costa Silva, Jorge Henrique Vieira Santos, José Aparecido Santos Souza, José Marciano dos Santos (Zezé de Boquim), José Matheus de Souza Santos, José Sérvulo Sampaio Nunes, Luiz Eduardo Bittencourt da Silva, Manoel Belarmino dos Santos, Manoel Elielson Cordeiro de Jesus, Massilon Ferreira da Silva, Pedro Amaro do Nascimento, Ronaldo Doria Dantas, Thiago Barbosa Santos e Wagner Gonzaga Lemos.

Após leitura de uma lista com tantos nomes masculinos, chama atenção que essa literatura se iniciou com autoria, em sua totalidade, por homens. Logo, esse é mais um sinal de que ela continuava a praticar os costumes da época. Esse exemplo nos remete ao pensamento de que a condição de ser mulher sempre nos deixou à margem de desenvolver ou praticar tarefas que não fossem as domésticas.

No Brasil, muitas mulheres
Já produziram cordel
Não foram reconhecidas
Exercendo este papel
Por conta do machismo
Que agiu de forma cruel (REIS apud BENTO, 2018, p. 23).

Nesse sentido, lembramos que nosso estigma é milenar, ele vem da forma como surgiu a primeira mulher, bem como o pecado que ela cometeu e induziu o homem a cometer também.

A respeito da escrita feminina em folhetos de cordel após anos de existência dessa literatura, a autora Miriam Carla Batista de Aragão de Melo (2016) escreveu uma dissertação de mestrado, intitulada *“Cordel de saia”: autoria feminina no cordel contemporâneo*, em que, além de registrar toda a trajetória da escrita de mulheres nos cordéis, ela enfatiza a maestria do que é escrever tais folhetos, do que é ter voz, de como é libertador para uma mulher ter quebrado o tabu masculino nessa escrita.

Por isso, consideramos importante e pertinente listarmos aqui nomes de mulheres que escrevem cordel em Sergipe, a saber: Aláide Souza Costa, Alda Santos Cruz, Ana Reis, Ana Peixoto, Ana Nascimento, Daiene Sacramento, Daniela Bento, Denilsa Oliveira, Erika Santos, Isis de la Peña, Bela Alves, Izabel Nascimento, Joelma Martins, Salete Nascimento, Mariana Felix, Nilza Cordel e Quitéria Gomes.

A seguir, é possível identificar a manifestação em versos do prazer que se sente quando se é uma poetisa popular:

Eu nasci para ser poeta
Disso eu tenho certeza
Cresci lendo e rimando
É a minha natureza
Gosto mesmo de rimar
Criar texto com destreza.

Por ser uma Mulher crítica
Denunciar no poema
Os tipos de preconceitos
Mal social e dilema
Vividos pelos sofridos
Para mim não é problema (COSTA apud BENTO, 2018,
p. 16).

Como pede essa forma de escrita, suas produções apresentam temas variados, seguindo o padrão de estrutura e o capricho de que toda mulher lança mão quando faz toda e qualquer atividade. Dentre os temas retratados por elas nos folhetos de cordel, percebemos nitidamente que o modernamente intitulado “escrita de si” prevalece.

Assim, muitas poetisas retratam em seus versos suas vivências, histórias pessoais que vão desde a infância até os dias atuais, narrativas das suas trajetórias com as amizades, os pais, os colegas de escola, do trabalho, da terra natal. São memórias muitas vezes escritas de forma romantizada, com leveza, com o intuito de suavizar o peso das experiências.

Mudanças e adaptações são recorrentes nessa forma de escrita. Assim como em Portugal, a literatura de cordel no Brasil e, sobretudo, no Nordeste passou por mudanças. Conservamos a tradição da forma de impressão (papel barato), adotamos a nomenclatura atual (folheto de cordel), no entanto modificamos a forma de exposição (no chão) e o gênero (poesia).

Outra mudança, antes de ser adotado o termo português literatura de cordel, está relacionada à denominação:

No Nordeste, especialmente entre a gente do povo, talvez até a década de cinquenta, sempre se chamou cordel de folheto-de-feira ou simplesmente folheto. A denominação de cordel, oriunda de Portugal, já hoje de ampla aceitação no País, justifica-se pelo fato de os folhetos serem expostos a venda, em público, montados no cordão ou cordel (LOPES, 1983, p. 22-23).

Folheto-de-feira ou simplesmente folheto são apenas dois dos nomes dados ao cordel brasileiro, que, igualmente ao cordel português, faz uso da denominação “literatura de cordel”. Essa denominação, de acordo com Silva (2012, p. 18), passou a ser utilizada “pelos estudiosos brasileiros apenas em 1960”. Mas, antes de adotar a nomenclatura “literatura de cordel”, essa forma de escrita foi chamada de vários outros nomes. Segundo Galvão (apud SILVA, 2012, p. 18) foram termos e expressões utilizados:

“Folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, “folhinhas”, “livrinhos”, “livrozinhos” ou “livrinho véio”, “livro de histórias antigas”, “livro de poesias matutas”, “foiето antigo”, “folheto de história de matuto”, “poesias matutas”, “histórias de João Grilo”, “leitura e literatura de cordel”, “história de João Martins de Athayde” ou simplesmente “livro”.

Assim, pelas tantas formas de se chamar a literatura de cordel, percebemos o quão diversos foram os tipos de leitores que tiveram acesso às centenas de histórias por ela contadas e o quão importante ela era considerada, uma vez que as pessoas ligadas ao cordel o consideravam

não só ser um “folheto” ou uma “folhinha”, mas também um “livro”, um “romance” e até mesmo uma “história”. Tais denominações são sempre associadas a tipos de escritas significativas.

A admiração e o carinho por essa literatura são expressos por muitos autores por meio dos seus escritos. A escritora sergipana Gizelda Moraes, por exemplo, em seu romance *Jane Brasil: a improvável confissão*, lembra com apreço quando e como foi o seu contato com essa literatura, bem como qual o significado dela, em um dado momento de sua vida. Dessa forma, a escritora revela que:

Não sei agora o que foi feito dos meus livros de feira. Não podia levar meus brinquedos de infância quando saí de casa. Foram jogados fora, na certa, ou comidos pelas baratas. O papel era ruim, mas eu os teria conservado de boa vontade. Gostaria de saber escrever livrinhos como aqueles para que muita gente pudesse ler e ficar contente. Ando muito sofisticada agora, não leio mais livro de feira. Nem sequer vou à feira para ver o povo, para ouvir os homens de boné recitando suas histórias. Estou numa cidade grande. Ando no meio dos que discutem filosofia, dos que falam obedecendo às regras de gramática. Devia calar minha boca. Nunca fiz nada para que o povo aprendesse a ler e a falar certo, nunca fiz nada para que os autores dos livrinhos de feira entrassem nas universidades (MORAIS, 2013, p. 39).

A descrição do contato com o cordel também é expressa por aqueles e aquelas que começaram como leitores dos folhetos e, conseqüentemente, passaram a ser autores. Os relatos são dos mais singulares.

Desses livros que ganhei
Tinha um, meu preferido
O livreto de cordel
Esse era muito lido
Relido e declamado
Eita que texto querido! (COSTA apud BENTO, 2018, p. 15).

Costa tinha uma preferência entre seus livros. Para ela, o livreto de cordel era especial, seu xodó.

Encontrei o cordel
E ele me encontrou
Foi no final de semana
Que minha mãe o comprou
Comprava toda semana
Como comprava banana
Foi a moda que pegou.

A princípio eu escutava
Logo depois eu ouvia
O cordel sendo cantado
Cantado com maestria
Não era a bala de mel
Nem o dedo do anel
Nada em que atraía (CRUZ apud BENTO, 2018, p. 22).

Cruz conta-nos como descobriu o cordel, bem como o que foi vivido por meio dele. Ela enfatiza que, mesmo o folheto não tendo algo

específico ou algo que despertasse o desejo, como uma bala de mel ou um anel, ainda assim o livreto a atraiu.

Vejamos, a seguir, duas estrofes de Oliveira:

Não recordo muito bem
Como tudo começou
Pois minha infância de pobre
Livro não me acompanhou
Mas alguns de cordel
Lá em minha casa entrou.

Quando ainda era criança
Lembro bem que eu ouvia
As histórias de cordel
Minha mãe era quem lia
O jeito que ela falava
Pra mim era melodia (OLIVEIRA apud BENTO, 2018, p. 43).

Observamos, assim, que Oliveira afirma que suas lembranças são da época da infância, quando sua mãe lia as histórias com ênfase na melodia, recitando os poemas.

Por isso, é correto afirmar que toda literatura tem uma função. Ela pode aproximar, comunicar, curar, informar, resgatar e servir. Sob essa perspectiva, o autor Tzvetan Todorov, em seu livro *A Literatura em perigo*, afirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos

cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir (2009, p. 76).

Nesse sentido, a literatura de cordel dá dezenas de contribuições. Inicialmente, por meio dela, pessoas eram aproximadas, uma vez que os poetas populares se travestiam de caixeiros-viajantes⁸ com seus folhetos para vender em localidades remotas. A partir da aquisição do livrinho, famílias também ficavam próximas para ouvir as leituras.

A vizinhança chegava
Não podia conversar
Para não atrapalhar
Aquele que recitava
Vinha um balaio de fava
Para ali ser debulhado
E todo mundo animado
Esquecia o sofrimento
Não pus no esquecimento
As coisas do meu passado (SANTANA apud BENTO, 2018,
p. 34).

⁸ De caixa, do latim *capsa*, acrescido do sufixo -eiro, comum para designar ofícios (marceneiro, ferreiro, carpinteiro etc.), e viajante, de viajar, vinculado a viagem, do provençal *viatge*. Designa profissional de importância decisiva para a expansão do comércio. Primeiramente no lombo de cavalos e burros, depois em trens e barcos, e por fim em veículos da empresa à qual servia ou em carro próprio, o caixeiro-viajante levou os produtos a lugares distantes das praças onde o comércio estava sediado (SILVA, 2014, p. 83).

Seu valor social é outra contribuição significativa para a sociedade. Em Portugal, a literatura de cordel foi utilizada para ajudar pessoas cegas, não só as ocupando com a venda dos folhetos, mas também com o recebimento dos valores decorrentes das vendas. Já no Nordeste brasileiro, ela teve uma função social importante: “Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social” (LOPES, 1983, p. 8).

No Brasil, historicamente, educar é um problema, sobretudo quando se precisa ensinar a língua materna, como também a matemática. Hoje os índices de aproveitamento são baixos nas primeiras séries, mesmo havendo um olhar mais voltado para esse início; então é possível imaginar como era no começo do século XIX. Os folhetos de cordel foram uma espécie de salvador da pátria nesse sentido.

Suas histórias fascinantes
É tão gostoso saber
Até mesmo os alunos
Que tem dificuldade de ler
O cordel os ajuda
A leitura desenvolver (OLIVEIRA apud BENTO, 2018, p. 44).

No entanto, a função social – maneira de ajuda ou apoio a pessoas carentes, sobretudo financeiramente – da literatura de cordel não se limitou apenas ao auxílio da alfabetização da população. Ser um meio de comunicação também faz parte de seus usos. Assim,

O cordel nesse período representou não só uma fonte de renda para os poetas, mas também um meio de comunicação para os locais mais afastados das cidades interioranas. Trazia na bagagem dos caixeiros viajantes as histórias típicas do homem do Sertão, o imaginário que resgatamos dos contos portugueses, nosso folclore, nossa política, a esperança por dias melhores, as proezas dos cangaceiros (Lampião - figura mais tematizada nos cordéis), além da religiosidade do povo nordestino (DINIZ, 2014, p. 7).

Para o homem do sertão que vivia isolado das cidades, ter acesso aos folhetos era motivo de muita alegria e de reunião da família nas portas das casas para ouvirem a leitura das histórias ali contidas. Em contrapartida, para os poetas populares, as vendas eram motivo de sustento. A esse respeito, Lopes (1983, p. 9) afirma que os folhetos funcionavam “Como estratégia de sobrevivência entre pessoas de baixa renda – poetas populares, proprietários de pequenas tipografias, revendedores de folhetos em mercados e feiras, etc. – o cordel exerce função equivalente a outras atividades artesanais”. Ainda para o estudioso, com essa literatura “[...] inumeráveis famílias nordestinas complementam seus parcos salários”.

Embora, atualmente, a literatura de cordel ainda desperte o interesse de estudiosos e leitores, foi durante o século XIX que ela teve momentos áureos, bem como um momento de decadência. A multiplicação de poetas como moscas, cerca de 2.500 no ano de 1920, como afirma Átila de Almeida (apud LOPES, 1975, p. 18), foi o auge dessa escrita impressa. Já novos meios de comunicação, como o rádio, e o cinema fizeram com que, em 1945, o cordel fosse deixado de lado.

Por tudo o que conhecemos até aqui sobre a literatura de cordel, surge um questionamento: como conceituar essa forma de escrita? Assim como definir cultura, definir cordel não é simples. De início, Andrade (2005, p. 127) diz que “O Cordel [...] é uma forma de expressão universal que nasceu na Europa após a invenção da imprensa e a partir daí se difundiu. Entre seus principais traços está o fato de ser um tipo de poesia narrativa e de caráter popular”. No entanto, além de uma expressão universal, nessa literatura cabem muitas outras expressões, por isso:

[...] o Cordel é, portanto, a transposição para a forma escrita de poemas, canções, aventuras e epopeias recitados, lidas em voz alta ou cantadas por poetas ou violeiros, em praça pública, sempre postados no meio de um grande círculo de ouvintes que acompanham suas apresentações com enorme atenção e interesse (ANDRADE, 2005, p. 130).

Concluimos, assim, que, nas palavras desses autores, há encantamento ao fazerem parte dessa literatura. Encantamento esse que contagia quem está externo a ela. Com efeito, nada mais justo do que registrar aqui conceitos de cordel escritos por poetas populares que fazem uso dele constantemente. Diante desse contexto, o poeta Antônio Batista escreveu:

Cordel é um mundo aberto
Para toda geração
Venha para esse universo
Não há discriminação
O cordel é minha vida
E também minha razão
Este é um livro escrito

Em forma de uma canção
Em toada ou em rap
Já é uma tradição (apud FREITAS, 2017, p. 12).

Já a poetisa Daniela Bento a definiu assim:

Amor, paixão, feminismo
Cabem dentro do cordel
Aprendiz ou menestrel
Deixe de fora o racismo
As expressões de machismo
Risque logo do glossário
E do seu dicionário
E ofereça ao mundo
Ensinamento profundo
Ao novo vocabulário (apud FREITAS, 2017, p. 14).

Para o autor Eduardo Bittencourt:

O cordel é sentimento
Arte, alegria e magia
Um mundo de fantasia
É a vida em movimento
Nossa gente, encantamento
Estrofes, versos profundos
Em minutos ou segundos.
Por isso tiro meu chapéu
Abro o mundo do cordel!
E ofereço a todo mundo! (apud FREITAS, 2017, p. 21).

Por fim, consideramos importante enfatizar que, além de sabermos da existência de um cordel português e que esse cordel, em certa medida, influenciou o cordel brasileiro, no Brasil existe um cordel genuíno, originado da cantoria, ou seja, de uma forma oral de se fazer desafios. De acordo com Roiphe:

Para se estudar a origem da literatura de cordel em suas primeiras manifestações é preciso recorrer à origem do desafio brasileiro. O desafio é por definição uma discussão poética improvisada entre dois cantadores que, tocando seus próprios instrumentos musicais, se enfrentam alternadamente diante de um público (2013, p. 27).

Essa afirmativa é ratificada no livro de Roiphe (2013) intitulado *Forrobodó na linguagem do sertão: Leitura verbovisual de folhetos de cordel*, no qual o estudioso apresenta a história dos desafios orais com registros desde cantos gregos, romanos, africanos e indígenas, bem como nas cantorias nordestinas. Segundo o autor,

[...] a impressão de folhetos se deu inicialmente a partir das cantorias realizadas pelo grupo de Serra dos Teixeira, na Paraíba, dando origem ao que hoje se conhece como folhetos de cordel. Confirma-se, assim, a hipótese inicial de Horácio de Almeida, quanto à origem da literatura de cordel no duelo verbal que é o desafio, sem deixar de perceber as marcas de brasilidade na particularidade dos temas abordados, negando qualquer hipótese da origem portuguesa (ROIPHE, 2013, p. 38).

Assim, nossa literatura que se apresenta exposta no chão, com características próprias, terá sua materialização estudada a seguir.

1.4 A materialização (o folheto)

A poesia reflete
Em um divino painel
Nós que somos cordelistas
Usando tinta e papel
Vamos falar do que existe
Na didática do cordel
(FORTALEZA; VIANA; VIANA, 2005).

Como afirmam Fortaleza, Viana e Viana (2005) na epígrafe, a literatura de cordel apresenta uma didática cujo modelo e cujos componentes serão apresentados a seguir.

A materialização da literatura de cordel no formato impresso faz-se por meio de folhetos. Esses livrinhos são compostos de capa e contracapa, miolo (narrativa em versos) e estrutura (tamanho, comprimento e quantidade de páginas). “O folheto de cordel [...] foi o primeiro jornal do nosso sertanejo, antes do aparecimento, nas zonas rurais, do jornal propriamente dito, do rádio, da TV” (LOPES, 1983, p. 8). Nesse sentido:

Se a vida imita a arte
Fazer arte é fazer vida
O poeta em sua lida
Faz o verso em qualquer parte
Carrega por estandarte
Seu pensamento fecundo

Cria em menos de um segundo
A saga do menestrel
Põe em livro de cordel
E leva pra todo o mundo (SILVA apud FREITAS, 2017,
p. 24).

Dessa forma, Silva (2017) registra que o folheto é um livro de cordel escrito de forma muito rápida que não faz outra coisa a não ser falar da vida.

1.4.1 Capa e contracapa

Todo livro, no mínimo, chama a atenção do leitor pelo que é apresentado em sua capa, seja pela imagem/ilustração, seja pelo título ou, ainda, a depender da notoriedade do escritor, pelo nome do autor da obra. Contudo, Genette (2009, p. 27) revela-nos que “A capa impressa, em papel ou papelão, é um fato bastante recente, que parece remontar ao início do século XIX”. Coincidência ou não, essa data é a mesma de quando a literatura de cordel se iniciou no Brasil, por isso os folhetos possuem capas pode ter relação com o nascimento delas.

Acrescenta o estudioso que “Na era clássica, os livros apresentavam-se em encadernação de couro muda, salvo a indicação sumária do título e, às vezes, do nome do autor, que figurava na lombada” (GENETTE, 2009, p. 27). Dessa forma, podemos perceber mais um avanço na forma de se produzirem livros.

Dessa forma, sendo o folheto de cordel um tipo de livro, sua capa é considerada uma das partes mais importantes. Nela estão contidas as informações do título ou o nome da história, o nome do autor ou do do-

no da obra, o nome da tipografia e da cidade, o ano de impressão, uma moldura, bem como o nome do autor da imagem/ilustração apresentada. Essa imagem pode ser uma xilogravura, um cartão-postal, fotos de cenas de filmes ou paisagens, de personagens e personalidades.

Um mesmo folheto também é impresso em papel colorido, que são as cores amarela, branca, azul, rosa e verde. Abaixo, seguem imagens de partes de folhetos impressos em capas de diversas cores.

Figura 1: Padrão de cores.



Fonte: Silva (2012, p. 61).

O título é apresentado na capa de forma destacada, sempre em um lugar reservado acima da ilustração. Ele tem algumas funções como a de “identificar a obra, indicar seu conteúdo e valorizá-lo” (GENETTE, 2009, p. 73). Ele pode ainda ser temático (indica o conteúdo) ou remático (ligado ao gênero textual).

Genette (2009, p. 72-73) fala ainda sobre um possível destinatário do título. De acordo com o autor, “[...] se o destinatário do texto é realmente o leitor, o destinatário do título é o público [...]. O título é dirigido

para muito mais gente que, por um meio ou por outro, o recebe e transmite e, desse modo, participa de sua circulação”.

Entretanto, no caso do folheto de cordel, a importância do título tem relação muito forte com o texto verbal, e, juntamente com a ilustração, se interliga com o tema que será apresentado. Assim, a respeito da literatura de cordel do Nordeste, um estudo mais detalhado teve como resultado significativo a descoberta inter-relacionada da linguagem visual da capa com a linguagem verbal da narrativa.

Roiphe (2013, p. 20) diz que “a leitura verbovisual é uma possibilidade de se ampliar o conhecimento sobre os folhetos”, não devendo, portanto, ser desconsiderada quando da leitura de um folheto de cordel. Nesse contexto, a capa do folheto de cordel, além de ter a função de chamar a atenção do leitor, de ser o primeiro responsável pela venda, é ela também quem anuncia e sintetiza a história que será contada nas páginas que seguem como esclarece Roiphe a seguir:

Há um ditado popular que afirma: “Não se conhece um livro pela capa”, o que, para quem estuda literatura, é fundamental. [...] Contudo, quando se estuda a literatura de cordel, se não se levar em consideração a capa do folheto, ocorrerá o contrário: não será possível conhecer o folheto por completo, isto é, não será possível conhecê-lo verbo-visualmente (2011, p. 133).

[...] o essencial é a constatação de que a imagem presente na capa de um folheto de cordel não é mera ilustração, é parte constitutiva desse gênero. A leitura somente da imagem da capa não revelará o folheto como um todo, será a leitura de um desenho, de uma fotografia ou de uma xilo-

gravura isoladamente, mesmo que isso não seja pouco. Da mesma maneira, a leitura de uma narrativa de cordel sem o desenho, a fotografia ou a xilogravura da capa não revelará o folheto como um todo, será leitura de uma narrativa, ainda que isso também não seja pouco (2013, p. 141).

Igualmente ao título, a imagem em uma capa de cordel é apresentada de maneira destacada e está inter-relacionada com a história a ser lida nas páginas a seguir do folheto. Por isso, em relação à imagem que é estampada na capa, Tavares (1998, p. 75) explica que nela “aparecem xilogravuras (gravuras entalhadas em madeira), reproduções dos cartões-postais antigos, ou fotos mostrando cenas de filmes”, bem como desenhos.

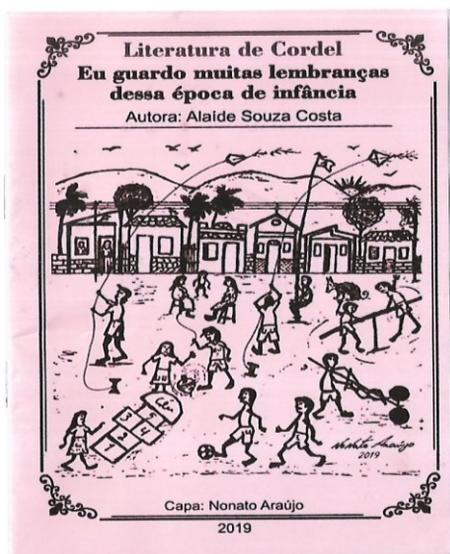
Assim como o cordel, a origem da arte de se gravar desenhos e textos em madeira tem registro em tempos remotos. Diniz (1983, p. 43) informa que ela tem “provável origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI”. No Brasil, o contato com essa técnica acontece há pouco mais de 100 anos, em 1912, “com a exposição do artista alemão Lasar Sagail, em São Paulo” (DINIZ, 1983, p. 43).

Contudo, “as origens da gravura popular nordestina talhada em madeira são bem mais misteriosas do que as da própria Literatura de Cordel. Teorias várias há. A maioria apimentada com boa dose de imaginação e de carência geral de fatos e documentos” (DINIZ, 1983, p. 60-61). A nós nos cabe saber que elas existem e que abrilhantam nossos folhetos.

A Xilogravura tem uma técnica peculiar em seu modo de produção: “A imagem xilográfica é talhada em madeira pelo gravador matuto, com tesoura de uma perna só; banda de gilete, quicé (faca de cortar fumo),

formão ou canivete. Qualquer instrumento cortante, desde que tenha fio afiado suficiente para abrir os sulcos” (DINIZ, 1983, p. 58). Assim, percebemos tratar-se de uma técnica que requer muita concentração para ser realizada, além de dever ser executada por alguém que saiba desenhar.

Figura 2: Capa de folheto com ilustração de uma Xilogravura.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Vários são os xilógrafos de cordel que se destacam. A seguir, citamos os nomes dos principais, suas localidades e suas siglas identificadoras: AB - Abraão Batista (Juazeiro-BA); Antônio Almeida; Antônio Baixa Funda; ARLINDO (Arlindo Marques da Silva, Juazeiro-BA); CIRILO - Severino Gonçalves de Oliveira (Recife); CIRO - Ciro Fernandes (Rio de Janeiro); DAMÁSIO - Damásio Paulo; WALDEREDO - Walderedo

Gonçalves (Crato-CE); DILA - José Soares da Silva (Caruaru-PE); EXPEDITO - Expedito Sebastião da Silva (Juazeiro-BA); JERÔNIMO - Jerônimo Soares (São Paulo); J.BARROS - João Antônio de Barros (São Paulo); J.BORGES - José Francisco Borges (Bezerros-PE); J.C.L. - José Costa Leite (Condado-PE); José Ferreira da Silva; José Martins dos Santos (Alagoas); Manoel Serafim; MAXADO - Franklin Cerqueira Machado (São Paulo); Manoel Apolinário; MARCELO - M.S. - M.A. Marcelo Alves Soares (Recife - São Paulo); MESTRE NOZA - Inocêncio da Costa Nick (Juazeiro-BA); STENIO - José Stenio Silva Diniz (Juazeiro-BA); e MINELVINO - Minelvino Francisco Silva (Itabuna-BA) (DINIZ, 1983, p. 44).

Na contemporaneidade, outros nomes são relevantes, a exemplo de: Amaro Francisco, Gilvan Samico, Jefferson Campos e Nonato Araújo. No Estado de Sergipe, os xilógrafos mais conhecidos são: André Gustavo, Claudia Nê, Elias Santos, Fabio Sampaio, Jacira Moura, Jaime Faria, Nivaldo Oliveira, Raquel Lima, Sueli Nielson e Vilma Rebouças.

Um aspecto que pode ser ressaltado no que diz respeito ao cordel são as capas, como diz Roiphe:

No que se refere à linguagem visual, é preciso notar, em primeiro lugar, que as três formas prioritárias presentes em suas capas, como já se pode observar, são o desenho, a xilogravura e a fotografia ou a fotomontagem, cada uma delas guardando suas particularidades e caracterizando à sua maneira o desafio (2013, p. 44).

Além da Xilogravura, os folhetos de cordel também têm suas capas ilustradas por formas como desenhos, fotografias e cartões-postais, reproduzidos em zincogravuras, que, segundo o Infopédia (2003-2020),

significa “Arte ou processo de gravar ou imprimir sobre lâminas de zinco. Gravura em zinco”. Contudo, capas ilustradas com cartões-postais são, atualmente são menos comuns. No início da produção de folhetos, houve também exemplares sem capas, ou seja, sem imagens, apenas textos, como mostrado na imagem 3, a seguir.

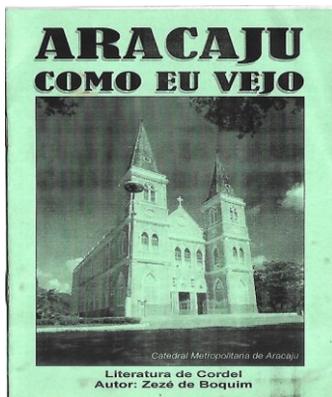
Figura 3: Folheto sem capa (sem ilustração).



Fonte: Dizioli (2009, p. 55).

A fotografia é também utilizada para ilustrar capas de folhetos de cordel. Ela faz parte do conjunto de avanços descobertos pela humanidade, tais como a roda, o avião, o fogo, a pólvora. No entanto, traz o benefício de guardar memórias dos seres humanos. A fotografia popularizou-se no sertão através das revistas ilustradas e pelas mãos dos fotógrafos **lambe-lambe**, definidos como “Fotógrafo ambulante que trabalha em espaços públicos (parques, praças, etc.)” (INFOPÉDIA, 2003-2020), os quais, “sem saberem, limpavam o terreno para a invasão da imagem em movimento (cinema)” (DINIZ, 1983, p. 70).

Figura 4: Capa de folheto com ilustração de uma fotografia.

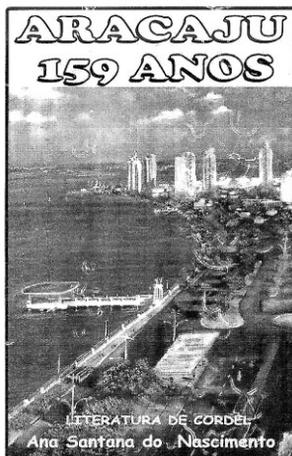


Fonte: Acervo pessoal da autora.

O desenho é outro recurso utilizado nas capas dos folhetos, como explica Diniz:

Fascinado, o matuto passou a cobrar de seu principal meio de comunicação, a Literatura de Cordel, uma atualização tecnológica em termos de ilustração. A Xilogravura, assim como os desenhos caboclos, passou a ceder maior espaço aos cartões postais e às fotos de artistas de cinema (1983, p. 70).

Figura 5: Capa de folheto com ilustração de um cartão-postal.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 6: Capa de folheto com ilustração de um desenho.



Fonte: <https://pt.slideshare.net/ianaj/cordel-peteca>.

Acesso em: 15 abr. 2020.

É importante informar que o nome do autor da ilustração ou sua sigla é informado na capa. Em muitos casos, o próprio autor da narrativa é também o autor da imagem.

Em relação ao nome do autor ou ao nome do dono da obra, ele tem como função principal identificar quem escreveu o folheto. Porém, houve uma época em que o nome que constava na capa era o do dono do folheto, não sendo necessariamente a pessoa que o escreveu. Diz Lopes (1983, p. 49-50) o seguinte:

O problema de autoria dos folhetos é dos mais complexos da literatura de cordel. Os primeiros autores quase sempre venderam os direitos de publicações de seus folhetos a outros poetas e editoras, que por sua vez passaram a assinar os mesmos folhetos. Há casos de folhetos que transitaram por várias mãos, aparecendo edições com diferentes nomes!

No passado, este problema da autoria dos folhetos muito se assemelhava ao que aconteceu com a música popular brasileira, onde nunca houve respeito aos direitos autorais de ninguém. Daí dizer-se, naquela época, que “samba é como passarinho, é de quem pegar”.

Por isso, a questão da autoria é complexa, pois nem sempre ser o autor de um folheto foi algo importante e valorizado como o é na atualidade, com regras e leis tão rigorosas no combate ao plágio.

Outro aspecto que pode ser ressaltado acerca da autoria é que, conforme Roiphe (2013), o leitor do cordel pode ficar atento, no processo de leitura, ao perceber que

[...] é recorrente o encontro de narrativas que apresentam semelhanças entre si. Essa afirmação privilegia um parâmetro para o leitor, a fim de que não limite sua leitura ao questionamento da autoria, mas a amplie para a contemplação dos processos que se repetem, assim como para suas variações, tão peculiares na literatura de cordel, e que dão ênfase a recursos presentes tanto na linguagem verbal quanto na linguagem visual, ambas constitutivas desse gênero (ROIPHE, 2013, p. 129).

É importante salientar também que, no início da produção de livros impressos, houve exemplares publicados sem nome, com pseudônimos, codinomes etc.

Por fim, a capa do folheto apresenta uma moldura que ocupa praticamente todo o layout, delimitando-a.

Os livros, além da capa, contêm também contracapa ou quarta capa, que “é outro importante lugar estratégico” (GENETTE, 2009, p. 28) de uma obra. Entretanto, existem “algumas quartas capas quase mudas” (GENETTE, 2009, p. 28), como é o caso da dos folhetos de cordel, que, na maioria das vezes, encontram-se em branco ou com informações mínimas, como o carimbo da tipografia que fez a impressão.

1.4.2 Estrutura

Em relação à estrutura, ou seja, ao tamanho, ao comprimento e à quantidade de páginas, sabemos o seguinte: “Originalmente esses livretos mediam 16 x 11 centímetros, tinham dimensões

de livros de bolso. [...] Todas as páginas são numeradas e variam de 8, 16 e 32” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 199).

Seu formato impresso, segundo Silva (2012, p. 34, grifos do autor), dividiu a literatura de cordel “em dois grupos: os **folhetos** de até 16 páginas e os **romances**, com 24 páginas em diante”. Explica Brasil (2006, p. 18 apud SILVA 2012, p. 34) o seguinte: “De uma folha ordinária, dobrada in-quarto e encadernada, resultam 8 páginas. Esse é o tamanho mínimo, variando a partir daí, sempre em múltiplos de 8 de forma a conciliar o fôlego da poesia com o aproveitamento do papel”.

A partir desse novo formato, Silva (2012, p. 34) afirma que se “gerou uma revolução no modo de se fazer o Cordel: Agora os cordelistas eram incitados a fazerem poesias que coubessem exatamente em páginas múltiplas de oito, assim poderiam minimizar os custos de produção”.

Com isso, o novo formato de produção dos folhetos passa a influenciar diretamente na criação da narrativa, pois, como o papel é dobrado quatro vezes (in-quarto), ele possui uma limitação na quantidade de estrofes. Logo, essa literatura passa a conter mais um desafio para os cordelistas: além de compor uma história com rima, métrica e poesia, agora ela deve também ser escrita dentro de uma quantidade determinada de estrofes.

1.4.3 Miolo

Diferentemente da composição lusitana, o cordel brasileiro é escrito em versos que, para serem reconhecidos como tal, devem ser metrificados. A narrativa, ou o miolo, é feita também

com rimas e orações. Sextilha, setilha, oitava, décima, galope à beira-mar e martelo são considerados os tipos de classificação da metrificação da história escrita. Cada um desses tipos de metrificação tem uma posição de rimas e uma quantidade de números de versos e de sílabas poéticas diferentes, como demonstrado no quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Classificação dos tipos de metrificação.

Tipos de metrificação	Posição das rimas	Número de versos	Número de sílabas poéticas
Sextilha	XAXAXA*	6 versos	7 ou 10 sílabas
Setilha	XAXABBA	7 versos	7 ou 10 sílabas
Oitava	ABABCCCB / AAABBCCB / XAABXCBB	8 versos	7 ou 10 sílabas
Décima	ABBAACDDC	10 versos	7 sílabas
Galope à beira-mar	ABBAACDDC	10 versos	dois versos de 5 sílabas
Martelo	ABBAACDDC	10 versos	10 sílabas

* A letra X representa os versos que não rimam; As letras A, B, C e D são os versos que rimam entre si.

Fonte: Obeid (apud SILVA, 2012, p. 94-95).

Exemplo de estrofe escrita em sextilha:

Ela foi bem inspirada **X**
 Num tabuleiro de xadrez **A**
 Nosso povo tem mistura **X**
 Preto, índio, português **A**
 Quem visita Aracaju **X**
 Volta aqui mais de uma vez... **A** (SANTOS, s.d., p. 06).

Exemplo de estrofe escrita em setilha:

*A História faz louvores **X***
*Ao projeto pioneiro **A***
*A segunda capital **X***

Do Estado Brasileiro A
A ter sido projetada B
E a cidade partilhada B
Em forma de Tabuleiro A (NASCIMENTO apud FILHO,
2015, p. 75).

Exemplo de estrofe escrita em oitava:

Não apanhei da mocinha **A**
porque fiz uma forcinha **A**
mas na volta da Roxinha **A**
eu quase que me acabo **B**
estava igual ao diabo **B**
queria que você viesse **C**
quando eu saí ela disse **C**
- vai-te satanás de “rabo”! **B** (SIMEÃO, s.d., p. 8 apud ROI-
PHE, 2012, p. 79).

Exemplo de estrofe escrita em décima:

Os termos de cada verso **A**
Existem no dicionário **B**
Nascem no imaginário **B**
Que vejo, sinto e converso **A**
Como infinito Universo **A**
O cordel parte e se lança **C**
O Mundo todo ele alcança **C**
Leva cultura e paixão **D**
Protesta o lápis na mão **D**
Plantando amor e esperança **C** (FREITAS; NASCIMENTO;
FREIRE, 2017 apud SANTOS, 2017, p. 12).

Exemplo de Galope à beira-mar:

De poetas o Brasil é um celeiro
Zé Pretinho e o imortal Cego Aderaldo
Patativa do Assaré e Arievaldo
Zé Limeira e o grande Pinto de Monteiro
Ivanildo Villa Nova é o primeiro
Na difícil arte de improvisar
A verdade ninguém pode contestar
A poesia popular é o painel
Onde reinam o repente e o cordel
No rasante do Galope à Beira-Mar (JOTACF, 2011).

Exemplo de Martelo:

Ninguém usa o martelo que nem **eu**,
Martelando o dedão largo, na **ponta**
Do pé chato do mano que me **monta**:
Sangue bom, da linhagem do plebeu,
Que Bocage e Rabelo jamais **leu**,
Mas que tira casquinha dum coitado
Com requinte capaz de ser cantado!
Quem foi rei nunca perde a majestade,
E eu que sou, também, súdito de **Sade**,
Virei rei do martelo agalopado! (MATTOSO, 2013).

Em relação ao esquema de rimas, existem ainda estrofes escritas em quadra e em trova. Ambas contêm 4 versos. O esquema da quadra é o XAXA e o da trova, ABAB.

Exemplo de estrofe escrita em Quadra:

Sou poeta das brenha, não faço o papé **X**
De argum menestré, ou errante cantô **A**
Que bebê vagando, com sua viola **X**
Cantando, pachola, à percura de amô **A** (ASSARÉ, 2000,
p. 20).

Exemplo de estrofe escrita em Trova:

Era o esposo assaltante perigoso, **A**
o mais famoso dentre os marginais, **B**
porém, se ele era assim astucioso, **A**
sua esposa roubava muito mais **B** (ASSARÉ apud ANDRADE,
2005, p. 81).

A escrita das narrativas sempre obedeceu a esse padrão, por isso, para os poetas populares, escrever um cordel é simples e fácil, resultando em muitas composições. Mas, para quem não domina esse esquema de escrita e desejava ter seu nome em um folheto, bastava fazer a reimpressão da história, substituindo o nome do verdadeiro autor pelo seu. Assim, surge mais um desafio na maneira de se escrever as narrativas, e os poetas populares passaram a marcar suas composições por meio de um recurso linguístico chamado de acróstico.

Com efeito, embora o conceito de autoria não fosse tão relevante no início da produção dos folhetos de cordel, como hoje o é, seus autores tinham conhecimento do roubo de seus escritos, passando a adotar

uma estratégia para evitar tais apropriações indevidas, como explica Tavares:

No mundo do cordel sempre existiram indivíduos que se apropriavam de folhetos alheios, ou seja, imprimiam novamente o folheto omitindo o nome do verdadeiro autor, e atribuindo a autoria do texto a si mesmos (ou a nomes inventados). Para proteger o seu direito à autoria, os autores de cordel desenvolveram, ao longo dos anos, uma maneira interessante de assinar os textos que escreviam. Eles passaram a usar as últimas estrofes do poema para inserir seus nomes de forma disfarçada. Para isso, faziam da estrofe um acróstico, ou seja, um texto em que as primeiras letras dos versos, lidas verticalmente, formam uma palavra (TAVARES, 1998, p. 77).

No entanto, esse fabuloso recurso foi identificado pelos plagiadores, mas não deixou de ser utilizado. Com o passar do tempo, o acróstico não só era em formato do nome do poeta popular, mas também de diversos termos em que se queria dar ênfase dentro da narrativa. “Com o tempo, esse recurso passou a ser do conhecimento público, e os ‘ladrões’ de folhetos passaram a modificar e até mesmo cortar as estrofes que traziam a ‘assinatura’ cifrada; mas esse modo de assinar tornou-se uma tradição do cordel, embora nem todos os escritores o utilizem” (TAVARES, 1998, p. 77).

Exemplo de estrofe escrita com acróstico:

Arara junto ao **Caju**
Reinou um grande ideal
Agora já conhecemos
Com sucesso especial
A maior marca de fé
Já sabemos que ela é
Uma grande **Capital** (NASCIMENTO, 2006, p. 13).

O mote e o pé-quebrado também são recursos utilizados na escrita do miolo do folheto. Por mote entende-se a repetição dos dois últimos versos em todas as estrofes do poema. Já por pé-quebrado entendem-se os versos que pelo esquema de rimas deveriam rimar, mas por escolha do poeta popular a rima não foi possível.

Exemplo de estrofe escrita com mote:

Sou menino nascido em suas ruas
Desde cedo aprendi sua lição
a subir e a descer a Maranhão
com as minhas canelas finas, nuas
Lá de casa eu vi nascer as luas
que enchiam meu peito de tristeza
Não sabia que a antiga natureza
foi estuprada para você ter vida...
Me perdoe Aracaju querida,
mas não posso cantar sua beleza.

E a criança virou adolescente
vendo os pais serem escravos do trabalho,
repetindo um discurso talvez falho,
mas que o pobre inculca em sua mente:
só o estudo meu filho lhe faz gente!
Vi meus pais me dizerem com certeza...
Como se só valesse a grandeza
De um saber empregado em uma lida.
Me perdoe Aracaju querida,
mas não posso cantar sua beleza (TELES apud FILHO,
2015, p. 37).

Exemplo de estrofe escrita com pé-quebrado:

No mercado você encontra **X**
Algumas peças de crochet **A**
Tem a colcha, a toalha **X**
Tem a blusa e o boné **A**
Você encontra de tudo **X**
Maior artesanato do mundo **X**
Também encontra o CORDEL **X** (CRUZ, s.d., p. 8).

Por fim, nas páginas das histórias, além dos versos impressos, é impresso também o número das páginas, o qual pode constar no cabeçalho ou no rodapé da página, bem como ser centralizado ou à direita ou à esquerda da folha. Em alguns folhetos, no cabeçalho podem constar também o nome do autor e o nome da história.

Outro padrão ainda seguido pelos poetas populares até os dias atuais é a forma de imprimir os folhetos. A mudança ocorreu apenas na

máquina impressora, que hoje, com a evolução da tecnologia, deixou de ser feita a impressão em máquinas manuais para ser feita em impressoras elétricas ou em fotocopiadoras.

Ainda referente ao formato impresso dos folhetos de cordel, ele é fruto da evolução dos poemas cantados (oral), que poderiam ser esquecidos ou modificados ao longo do tempo. Assim, a tradição impressa surgiu para garantir a perpetuação deles. “Na atualidade, os freios são produzidos em gráficas, ocorrendo transformações do seu projeto gráfico (formato, tipo de papel, cores, confecção da capa)” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 200).

De forma conclusiva, podemos perceber como é rico o mundo do cordel quando traz em sua essência características da cultura popular, quando nasce de raízes nordestinas e, por fim, quando representa diversos temas por meio dos folhetos e das mãos do poeta popular. Assim, o nosso objetivo, agora, se constitui em analisar, no capítulo a seguir, representações em cordel da cidade de Aracaju baseadas nas linguagens verbal e visual dessa literatura.

2 - REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE ARACAJU EM CORDEL

A literatura de cordel, como dito na parte 1 deste trabalho, lança mão dos mais variados temas para construir narrativas e publicar folhetos. Assunto interessante e muito explorado por esse gênero textual é a cidade. Falar das cidades e dos acontecimentos do cotidiano delas é matéria despertadora da curiosidade do leitor e do orgulho do poeta popular.

Outro atrativo do gênero textual cordel, além dos temas abordados, é a linguagem utilizada, ou melhor, as linguagens. São elas: verbal e visual, simultaneamente, resultando em uma ferramenta das mais completas para utilização em sala de aula. De acordo com Roiphe (2011, p. 118):

Para que se possa comprovar essa evidência, é preciso observar que, em sua constituição física, os folhetos de cordel, originalmente, passaram a ter gravadas em suas capas -, impressas em papel manilha branco, rosa, azul, verde etc. -, além do título e do nome do seu autor, xilogravuras, isto é, gravuras em madeira diretamente relacionadas à narrativa, muitas vezes produzidas pelo próprio poeta popular. Além das xilogravuras, desenhos e fotografias passaram ainda a constituir as capas dos folhetos, o que permite, assim, classificá-lo também como gênero visual.

Sendo aracajuana, escolhi pesquisar folhetos de cordel que tratassem da minha cidade. Assim, como resultado da busca, localizei

19 títulos que dizem respeito à cidade com muita propriedade, elegendo três para analisar. Trata-se de folhetos escritos por mulheres e homens. Uns aracajuanos, outros sergipanos e outros pernambucanos. Os critérios que ajudaram na decisão foram: 1) possuir capa e narrativa, uma vez que, dos 19 folhetos encontrados, 11 só têm a narrativa porque os poetas os compuseram para a publicação de uma Antologia de aniversário da cidade no ano de 2015, não tendo interesse ou condição de criar a capa para imprimir um folheto de forma independente; 2) a linguagem visual das capas é composta por referências significativas para a cidade, como o caju, os arcos da Orla, a igreja de Santo Antônio, a praça Fausto Cardoso e a Catedral Metropolitana; 3) os autores dos folhetos são os que estão com mais idade que se encontram vivos, Pedro Amaro do Nascimento (28/06/1937 – 83 anos), Alda Santos Cruz (15/11/1929 – 91 anos) e Zezé de Boquim (19/03/1938 – 82 anos); 4) personalidades e personagens populares não se repetirem; 5) da junção dos três folhetos, é possível construir uma história da representação de Aracaju de maneira contínua, desde sua fundação até os dias atuais; 6) possuir associações com os temas muito veiculados no cordel ao falar de políticos e religiosos.

Contudo, todos os folhetos catalogados foram citados, pois acreditamos que eles se complementam quando retratam as representações de Aracaju por “símbolos” da cidade quando falam dos arcos, do cajueiro, do papagaio, do caranguejo, da colina do Santo Antônio, da canoa, da praça Fausto Cardoso, da catedral metropolitana de Aracaju, do reconhecimento como capital do forró e princesa nordestina; Memórias por meio dos acontecimentos enfrentados para mudar a capital de São Cristóvão para Aracaju, das festas populares – como o São João e o carnaval

–, do carrossel do Tobias, das retretas aos domingos, do surgimento de fábricas de coco, tecido e sabão, dos grandes homens de carreira como políticos e religiosos; Espaços quando falam dos monumentos da cidade, da praça Fausto Cardoso, das cidades vizinhas Maruim, Laranjeiras, Itaporanga, Pirambu, Barra dos Coqueiros e Indiaroba, da catedral metropolitana de Aracaju, do Museu da Gente e da ponte do Mosqueiro; Personalidades quando citam Inácio Barbosa, Pero Gonçalves, Sebastião Basílio Pirro, Frei Anselmo, Augusto Franco e Oviedo Teixeira; e Personagens populares quando descrevem João Mulato, João Bebe-Água, professor Wilder, radialistas Milton Santos, Silva Lima e Santos Mendonça, Padre Pedro e as filhas do sertanejo.

Por isso, como ratifica Roiphe, “se o gênero se caracteriza de forma verbo-visual, as possíveis relações estabelecidas sob a visão de ambas as linguagens são o que se deve buscar na leitura do folheto de cordel” (2011, p. 118). Assim, nas análises que seguem, buscaremos fazer nossas leituras abarcando esses dois vieses, seguindo o modelo de análise baseado na obra *Forrobodó*, de Roiphe (2013), e incrementado pelo livro *O chapéu de Vermeer*, de Brook (2008).

Em relação à leitura visual, disse o filósofo chinês Confúcio (500 a.C.): “Uma imagem vale mais que mil palavras”, ao se referir ao poder que ela tem para aprisionar acontecimentos de um dado momento, tornando-os, assim, eternos. Logo, a leitura visual ou da imagem é a apreensão da mensagem contida nos elementos que a compõem, por meio da observação e da investigação.

Mas o valor atribuído a uma imagem depende de, como diz Burke (2004, p. 225), “uma questão fundamental: significado para quem?”. Para um historiador, na execução de sua profissão; um casal de

namorados, para registrar uma viagem em férias; um religioso, para guardar sua participação em uma procissão; um escritor, para auxiliar na melhor maneira de transmitir sua mensagem. Enfim, para os que têm a intenção de perpetuar um fato.

Desenhos, fotografias, fotomontagens, pinturas, placas e xilogravuras são exemplos de tipos de imagens existentes. Elas surgiram e se modificaram ao longo dos anos de acordo com as necessidades e os usos. Um deles, como nos fala Burke (2004, p. 233), é o de registrar “testemunhos sobre o passado”. No caso da capa do folheto *História de Aracaju*, o registro do testemunho é múltiplo, pois traz elementos variados como: os “arcos da orla”, a “torre de uma igreja” do Santo Antônio e um “cajueiro com um papagaio”. A capa do folheto *Aracaju, ontem e hoje* traz fotografias da praça Fausto Cardoso, enquanto a capa do folheto *Aracaju como eu vejo* traz uma fotografia da catedral metropolitana de Aracaju.

Interpretar uma imagem requer entender que ela tem como objetivo, além de eternizar um momento, transmitir uma mensagem. Assim, ela também pode ser definida, de acordo com Burke (2004, p. 234), como “testemunhos dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar do passado”. E, assim, conclui Burke (2004, p. 236) que “A força de sua análise está na leitura minuciosa de imagens específicas”. Portanto, a escolha das capas dos folhetos *História de Aracaju*, *Aracaju, ontem e hoje* e *Aracaju como eu vejo* é uma tentativa de fazer uma leitura próxima do significado real.

Dessa forma, os métodos para se ler uma imagem podem ser os mais variados. A leitura deve ser iniciada, segundo Brook (2008), pelo exame dos objetos ou elementos que a compõem. Assim, continua ele,

“olhemos com atenção os objetos como sinais da época e do lugar em que foi feita” (BROOK, 2008, p. 20).

Outras informações também serão depreendidas a partir dessa observação e identificação dos elementos de uma imagem. Costella (2002, p. 14) diz que “a completa observação da obra de arte exige que a enfoquemos sob, pelo menos, dez pontos de vista: factual, expressional, técnico, convencional, estilístico, atualizado, institucional, comercial, neo-factual e estético”. Portanto, façamos uso desses métodos para realizar uma leitura visual dos objetos de estudo selecionados.

Em relação à linguagem verbal, a leitura se dá pela investigação dos elementos citados na narrativa, bem como observando marcas de oralidade e possíveis variações linguísticas. No caso dos folhetos analisados, foram identificados elementos chamados de forma genérica de: espaços, memórias, personalidades, personagens populares e símbolos, buscando, com isso, depreender deles outros aspectos não expostos esses elementos trazem para o leitor do folheto. As respostas englobam significados surpreendentes a respeito do texto lido e revelam o quanto mais podemos saber sobre o que está escrito nas estrofes e nos versos, de forma inter-relacionada⁹ com a linguagem visual das capas.

A seguir, apresentamos um quadro com as informações resumidas dos dezenove folhetos.

⁹ Embora pareça óbvio que a linguagem visual de um livro seja inter-relacionada com a linguagem verbal, essa relação na literatura de cordel é um fato.

Quadro 2: Informações dos dezenove folhetos encontrados.

Autor(a)	Idade	Título	Capa	Ano da Publicação
Alda Santos Cruz	91	Aracaju ontem e hoje!	Imagens de Aracaju	2014
		Conheça Sergipe: capital Aracaju	Imagens de Aracaju	s.d.
		Uma região cheia de emoções	Imagens de Aracaju	s.d.
Pedro Amaro do Nascimento	83	História de Aracaju	Imagens de Aracaju	2006
Zezé de Boquim	82	Aracaju como eu vejo	Imagens de Aracaju	2014
Ronaldo Doria Dantas	76	Aracaju de tantas saudades	Imagens de Aracaju	2006
Ana Santana Nascimento	71	Aracaju 159 anos	Imagens de Aracaju	s.d.
Chiquinho do Além Mar	44	Aracaju: passado, presente e futuro.	Imagens de Aracaju	2018
		Cantos e encantos de Aracaju	Imagens de Aracaju	s.d.
		Minha cidade tem memórias	Imagens de Aracaju	s.d.
Grupos de convivência*	-	Aracaju em versos e trovas	Imagens de Aracaju	s.d.
Leopoldo Moreira Andrade	-	Aracaju no passado	Foto do autor	2005
Izabel Nascimento	-	Aracaju	Sem capa	2015
Eduardo Teles	-	Aracaju de pedra	Sem capa	2015
Gilmar Ferreira	-	Aracaju em mourão voltado	Sem capa	2015
João Batista Melo	-	Cidade de Aracaju meu amor ausente	Sem capa	2015
Mariana Felix	-	Cidade maravilhosa	Sem capa	2015
João Emanuel Santos	-	Natal no parque	Sem capa	2015
Salete Nascimento	-	Parabéns Aracaju pelos 160 anos	Sem capa	2015

*Folheto escrito por vários autores.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Cabe ainda registrar, a respeito da aplicabilidade de textos autênticos no ensino, sobretudo de línguas estrangeira e materna. Assim, “um texto autêntico é um material escrito, de qualquer natureza, veiculado socialmente, para satisfazer um propósito. São exemplos de textos autênticos os artigos de jornal, receitas, revistas, poemas e biografia” (GOMES; AUDI, 2013, p. 120).

Um folheto de cordel é também um exemplo de um texto autêntico que deve ser utilizado para o ensino da língua portuguesa. Dessa forma, nas análises de folhetos que seguem, podemos enfatizar um diferencial na construção do texto, ou seja, a construção das representações de Aracaju está partindo de um texto autêntico e não de um material didático como normalmente ocorre, a exemplo de livros de História, Cultura e Turismo de Sergipe etc., constituindo, assim, um texto autoral.

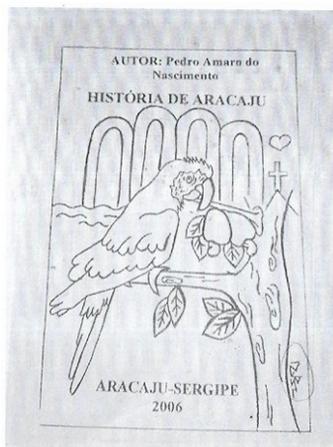
Por fim, ratificamos que a literatura de cordel na escrita de seus versos e na seleção de imagens faz uso de linguagem conotativa por meio de figuras de linguagem como anáforas, gírias, hipérboles, metáforas, prosopopeias etc. Ramalho nos traz uma definição interessante sobre elas:

Entender o sentido de “linguagem figurada” é iniciar a viagem com a melhor bagagem, ou seja, aquela que não nos deixa passar frio, quando esfria; calor, quando esquenta; nem nos molharmos, quando chove. A linguagem figurada, portanto, é “pau para toda obra”, “tem mil e uma utilidades”, é um “Abre-te, Sésamo”, que atinge diretamente a caverna onde se escondem os melhores pensamentos de nosso leitor ou de nossa leitora (2018, p. 25-26, grifos da autora).

2.1 *História de Aracaju (2006)*

Diante do exposto, observamos folhetos de cordel que trazem dezenas de representações da cidade de Aracaju, dentre eles *História de Aracaju*, de autoria de Pedro Amaro do Nascimento (2006), que, assim como fez o autor Mark Curran (2001), na obra *História do Brasil em cordel*, com a contação do período de cem anos da nossa história, ele, Nascimento, contou a história de Aracaju desde o surgimento da capital.

Figura 7: Capa do folheto de cordel *História de Aracaju* (2006).



Fonte: Acervo da autora.

Pedro Amaro do Nascimento, “nascido em 28 de junho, é natural de Paudalho-PE. Ex-professor do SENAI e SENAC é autor de mais de 100 livros de cordel e Presidente do Espaço Cultural que leva o seu nome, em Aracaju. Em 2008, recebeu o título de Cidadão Aracajuano pela Câmara Municipal de Aracaju” (FILHO, 2015, p. 20). Percebemos, assim, que o poeta é atuante em órgãos ligados à cultura e à educação, bem como é um grande representante da literatura de cordel na cidade de Aracaju, pelo fato de já ter escrito mais de cem folhetos desse gênero.

A capa do folheto de cordel *História de Aracaju*, do cordelista Pedro Amaro do Nascimento, de 14 x 10cm, traz em sua composição um desenho cuja autoria foi assinada por meio de uma sigla, certamente composta pelas letras iniciais do nome do autor. Contudo, somente pela sigla a autoria não foi identificada, ainda que pesquisando em meios digitais. Ela é composta por imagens de elementos significativos para a cidade, a

saber: os pontos turísticos “arcos da orla”, localizados na praia de Atalaia, e “torre da igreja Santo Antônio”, localizada no alto da colina, bem como dois símbolos¹⁰, “pé de cajueiro” e “ave papagaio”.

As sequências verbo-visuais estão organizadas da seguinte forma: nome do autor: “Pedro Amaro do Nascimento”; título: “HISTÓRIA DE ARACAJU”; desenho “composto dos pontos turísticos arcos da orla e da torre da igreja Santo Antônio, e dos símbolos pé de cajueiro e ave papagaio com assinatura, sem identificação”; nome da cidade de publicação: “ARACAJU”; nome do Estado de publicação: “SERGIPE”; e ano de produção: “2006”. Trata-se de uma capa que selecionou espaços de pontos turísticos e símbolos relacionados à produção do folheto. Impresso em papel de tipo manilha, o cordel foi encadernado no tipo brochura, escrito em 13 páginas, marcadas com números arábicos, centralizados no rodapé.

O título “História de Aracaju” é composto por uma frase nominal que contém o vocábulo “História”, que, dentre os significados, tem o de ser exposição de fatos e características, o que mais é exposto na narrativa; da preposição “de”, que tem como função estabelecer uma relação entre palavras (nesse caso, demonstra que a história é de Aracaju); e do vocábulo “Aracaju”, que, em sua etimologia, possui vários significados, um deles relacionado ao tempo. Alves (2003, p. 89), sobre uma das versões, nos diz que “Francisco da Silveira Bueno discorda tanto da interpretação de Teodoro Sampaio quanto da de Von Martinus. Conforme o professor paulista, o étimo ‘Aracaju’ quer dizer ‘época dos cajus’. É designação de tempo e não de lugar”.

¹⁰ São representações gráficas que substituem, representam, lembram ou equivalem a alguma coisa ausente ou abstrata. Objeto ou sinal capaz de representar ideias ou instituições (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 208).

Ao observarmos o desenho de uma forma geral, é possível perceber que ele ativa sentimentos diversos, pois os elementos escolhidos fazem parte de contextos diferentes da história da cidade. De forma específica, quando se foca na “torre da igreja” do Santo Antônio, o sentimento aflorado é o de nostalgia. O saudosismo de lembranças históricas é intensificado quando o foco é o “cajueiro com um papagaio”. Por fim, sentem-se orgulho e contentamento quando o olhar se volta para os “arcos da orla”.

As três imagens que compõem o desenho têm valores simbólicos para a cidade de Aracaju. Os “arcos da orla” são o ponto turístico mais famoso da cidade na atualidade. Por isso, são também o cartão-postal mais divulgado. A “torre da igreja” do Santo Antônio representa o local de fundação da cidade, bem como da celebração da primeira missa em comemoração à mudança da capital do Estado, de São Cristóvão para Aracaju. E o “cajueiro com um papagaio” nos remete à etimologia do termo “Aracaju”, que, dentre os significados, está o de cajueiro dos papagaios.

Quando se trata da cidade de Aracaju, as imagens escolhidas para representá-la devem ser bem específicas, pois alguns símbolos são fortes em seus significados e estão espalhados por toda a cidade. Para essa capa, a escolha aconteceu de forma assertiva, uma vez que cada elemento representa momentos diferentes da história da cidade e é do conhecimento de seus frequentadores por serem amplamente divulgados. A “torre da igreja” do Santo Antônio e o “cajueiro com um papagaio” refletem momentos da história antiga, isto é, da fundação da cidade. Já os “arcos da orla” representam a história contemporânea da cidade, para a qual o turismo se tornou ponto forte para a economia local.

Dos três elementos da capa, a “torre da igreja” do Santo Antônio ao longo dos anos deixou de ser apenas um espaço de valor religioso para ser também um espaço contido em um cenário turístico. Sua localização, no alto da colina, um dos pontos mais altos da cidade, deu-lhe a condição de ser um local que permite visualizar a cidade de forma privilegiada, atraindo turistas.

Nesse contexto, como é sabido, a literatura brasileira é marcada por representar os espaços na narrativa de forma descritiva, seja evidenciando espaços físicos, seja evidenciando cenários e/ou paisagens. A literatura de cordel também faz uso de espaços e ambientações para compor seus folhetos. Lins (apud DIMAS, 1985, p. 20) traz os conceitos desses elementos:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa.

Assim, por meio da capa do folheto de cordel *História de Aracaju*, é possível perceber que o cenário escolhido, composto pela “torre da igreja” do Santo Antônio; pelos “arcos da orla”, localizados na praia de Atalaia, e pelo “cajueiro com um papagaio”, que remetem a memórias do significado do nome Aracaju, é um exemplo da utilização de elementos da narrativa importantes em grande medida nas representações da

cidade. Sendo assim, é pertinente saber as definições dos elementos que compõem a capa do folheto escolhido, bem como o que eles significam para a cidade e no que se conectam.

A primeira imagem que compõe a capa é composta por dois elementos: “pé de cajueiro” e “ave papagaio”. Houaiss (2001) conceitua “cajueiro” como sendo “[...] árvore [...] de folhas abovadas [...] flores vermelhas em panículos, e frutos complexos, constituídos por pedúnculo carnoso, o caju, do qual prende o fruto [...] a castanha-de-caju”. Já “papagaio” é uma ave que, curiosamente, dentre todos os animais, é o único que emite sons que imitam a fala do homem. Para a cidade de Aracaju, esses dois elementos têm um significado importante, pois etimologicamente o vocábulo Aracaju significa “cajueiro dos papagaios”. Alves (2013, p. 87) informa que:

Teodoro Sampaio (1885-1937), um investigador pioneiro dos nomes tupis na geografia brasileira, acredita que o vocábulo significa “cajueiro dos papagaios”. A palavra seria, na sua formulação primitiva, composta dos elementos: ará = papagaio, acayú = fruto do cajueiro. Esta interpretação tem grande vigência. O aparelho escolar estadual tem se encarregado de difundir esta versão sobre o nome da capital de Sergipe. A associação de Aracaju com cajueiros e papagaios tem um quê de bucólico que agrada aos sergipanos. E tal noção circula como se fosse verdade incontestável...

Logo, mais do que uma árvore que produz um fruto e uma ave que emite a voz humana, a combinação desses símbolos revela o que de mais importante existe em uma cidade, o seu nome. Em Aracaju, a imagem de um enorme caju encontra-se na ponte do bairro Coroa do Meio, e a imagem de cajus e uma arara estão na praça do Iate Clube, ambas as esculturas feitas pelo artista plástico Eurico Luiz. Além disso, no caso do termo “Aracaju”, a junção da sílaba “ara” e da palavra “caju” deu ao nome outra importância, pois representa também a cultura indígena, por ser de origem tupi.

Outro elemento que compõe a linguagem visual da capa é a “torre da igreja” do Santo Antônio. Assim, sabe-se que uma igreja, culturalmente, é um local para celebrar missas, batizados e casamentos. Nela, o sino e a cruz ficam em sua torre, concretizando a religiosidade dos cristãos. A “torre da igreja”, contida na imagem da capa do folheto analisado, da paróquia Santo Antônio, localizada no alto da colina, é também um espaço de grande expressividade para a cidade. A paróquia a que a torre pertence, além de ser um local religioso, é também turístico.

Alves e Schomacker (2013, p. 3) informam que em **“02 de março de 1855** houve uma celebração de missa na Igreja de Santo Antônio comemorando a transferência da capital”, de São Cristóvão para Aracaju, marcando dessa forma a representatividade do monumento para a história da cidade.

Outros fatos também ocorreram no entorno da igreja. Entre os anos de 1920 e 1928, os fatos marcantes foram a implementação da:

[...] linha de bonde elétrico, a famosa “linha 2”, ligando o Santo Antônio ao Centro e ao São José. Tem início a publicação do **jornal paroquial “Santo**

Antônio". O Ministro Provincial da Ordem dos Frades Menores, Frei Cornélio Neises, instala, na Paróquia de Santo Antônio, a Fraternidade da **Ordem III de São Francisco**. É iniciada a **construção da atual Matriz de Santo Antônio**, conhecida como Igreja do Espírito Santo (ALVES; SCHOMACKER, 2013, p. 3, grifos dos autores).

De forma atualizada, as obras mudam de valor ao longo do tempo. E o espaço religioso também segue essa tendência. Dessa maneira, Correa, Correa e Anjos (2011, p. 202) dizem que, atualmente, "Na colina de Santo Antônio ocorrem festejos religiosos e culturais. No dia 13 de junho é comemorado o dia de Santo Antônio com missas e a tradicional procissão luminosa percorrendo as ruas do bairro de mesmo nome". É importante observar que, com o passar dos anos, ao valor da igreja de Santo Antônio e do Alto da colina foram incorporados valores culturais quando da festa de Santo Antônio, bem como de entretenimento, uma vez que o local é um dos cartões-postais da cidade.

Por último, o terceiro elemento que compõe a imagem da capa do folheto são os "arcos da orla", localizados na praia de Atalaia. Nesse contexto, podemos dizer que Aracaju é uma cidade privilegiada no que se refere à sua localização. Presenteada com dezenas de belas praias, a de Atalaia é a mais antiga e famosa. Segundo Cabral (1948, p. 173): "A praia de Atalaia, realmente, merece ser vista e admirada. Praia balneária, por excelência, oferece aos turistas e aos viajantes momentos inesquecíveis de luz, de mar, de esporte, de música, de cordialidade". Portanto, essa praia tem como foco oferecer a seus frequentadores sempre o melhor.

Assim, como o objetivo principal da praia é receber bem o turista, com o passar dos anos melhorias foram feitas para atrair esse público. Dentre os monumentos implementados, no ano de 1994, foram construídos os arcos da orla, idealizados pelo arquiteto Eduardo Carlomagno. De acordo com ele:

O primeiro espaço a ser construído foi a praça dos Arcos. Este espaço, segundo Eduardo Carlomagno, arquiteto responsável pelo projeto arquitetônico, tinha, a priori, três objetivos. Inicialmente, demarcar um momento de mudança, de uma nova Orla, que seria um marco entre o passado e o presente. Segundo, constituir um símbolo para a cidade, algo que se entendia não haver em Aracaju. E, por último, a propositura de ser esse um espaço democrático, “algo simbólico que significaria a democratização do espaço público [...] seria uma espécie de púlpito, onde as pessoas, sindicalistas, artistas... um espaço popular que qualquer um teria acesso” (apud PEREIRA, 2018, p. 276-277).

Segundo Cunha (2003), arco é uma “estrutura arquitetônica encurvada ou de traçado curvilíneo, formada tradicionalmente por blocos, também chamados aduelos e constituinte dele aberturas, portas ou passagens”. Por isso, a representação dos arcos para a cidade é significativa, pois, embora seja uma construção recente, eles conseguiram ser incorporados à paisagem que a areia e o mar da praia já compunham de forma magnífica, agregando valor ao cenário. “Os Arcos seriam um marco para o desenvolvimento da cidade, os quais simbolizariam a Orla, e esta,

por sua vez, seria, simbolicamente, o marco do desenvolvimento de Aracaju” (PEREIRA, 2018, p. 277).

A escolha desse monumento parece indicar o quanto Aracaju foi agraciada com suas ambientações. Assim, a capa do folheto demonstra mais um cartão-postal da cidade, propício a um local ideal para se fotografar, eternizando a passagem pela Orla.

Com isso, por meio da leitura das imagens que compõem a capa do folheto de cordel *História de Aracaju*, foi possível depreender o quanto os elementos escolhidos trazem informações tão particulares e específicas a respeito da cidade. Assim, podemos concluir que dessa leitura múltiplas representações são identificadas. Por meio da “torre de uma igreja” do Santo Antônio, revela-se uma Aracaju cultural, histórica, religiosa, bem como turística; dos “arcos da orla”, uma representação de Aracaju turística, e, por fim, do “cajueiro com um papagaio”, uma visão de Aracaju cultural, bem como histórica, confirmando, desse modo, as hipóteses levantadas.

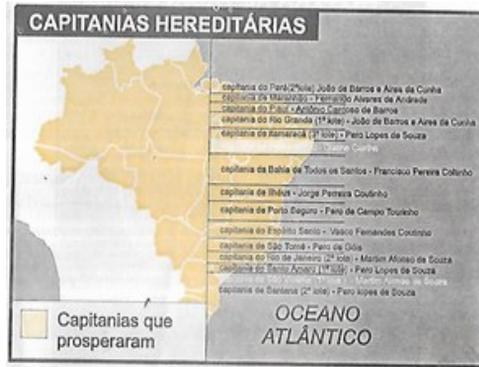
O folheto *História de Aracaju* é composto por trinta e oito estrofes. Destas, trinta e sete em sétimas com esquema rítmico ABCBDDDB e uma estrofe em décima, sendo possível dividi-lo em quatro partes: a primeira, do início à décima quarta estrofes, nas quais o poeta discorre a respeito do surgimento da cidade; a segunda, localizada da décima quinta à vigésima estrofes, é marcada pelo planejamento e pela constituição de Aracaju; a terceira, que se situa entre a vigésima primeira e a trigésima segunda estrofes, se refere ao desenvolvimento de segmentos como a cultura e o turismo; e a quarta, que se encontra entre a trigésima terceira e a trigésima oitava estrofes, contém elogios à cidade, bem como finaliza o poema.

Na primeira parte, o poeta discorre a respeito da maneira como aconteceu o surgimento da cidade de Aracaju. As circunstâncias chamam atenção pelo fato de ter sido de forma diferente de como surgiram as demais capitais brasileiras, conforme descrito abaixo:

Para organizar melhor a colonização, dividiram-se as terras brasileiras em lotes, que passaram a ser chamados de capitânicas. Estas foram distribuídas entre alguns membros da pequena nobreza portuguesa, chamados de capitães-donatários. Formaram-se as capitânicas hereditárias.

Ao todo havia quinze capitânicas, doadas a treze capitães-donatários, que exerciam grande poder dentro de suas capitânicas, ficando submetidos apenas às ordens diretas do rei.

No entanto, poucas foram as capitânicas que prosperaram economicamente. As que mais enriqueceram foram aquelas que produziam cana-de-açúcar. Nem todas as capitânicas eram adequadas para o plantio. A capitania de Pernambuco foi a primeira a gerar lucros significativos para Portugal. As outras capitânicas que não andavam no mesmo ritmo, chegaram até a ser abandonadas pelos colonos. Outro problema que as capitânicas hereditárias apresentavam era a difícil comunicação entre elas, por causa das longas distâncias que as separavam (MAIA, 1999, p. 248).

Figura 8: Mapa das Capitânicas Hereditárias.

Fonte: Maia (1999).

Nessa primeira estrofe, 2º verso, ao informar que Aracaju é situada no litoral, o poeta Nascimento nos revela o motivo pelo qual a cidade surgiu. Desse modo, ficamos sabendo que a localização do pequeno Arraial de pescadores, situado na colina do Santo Antônio, foi o motivo pelo qual se brigou fortemente para ele ser o local da nova capital do Estado de Sergipe, pois, àquela época, importava para ser capital um território situado às margens de um rio, uma vez que tudo transitava pelas águas.

Nossa linda **Aracaju**

Situada ao Litoral

Na **Colina Santo Antônio**.

Onde havia um Arraial,

De homens trabalhadores,

Destes bravos pescadores

Surgiu nossa **Capital!** (NASCIMENTO, 2006, p. 1, grifos do autor).

O fazer poético se utiliza de recursos específicos na composição dos versos. Assim, recursos discursivos, estilísticos e estruturais são usados. Por isso, podemos perceber nas estrofes de cordel o uso de figuras de linguagem como anáforas, metáforas, personificações, hipérboles e gírias. Nas análises que seguem, identificamos o uso de expressões e vocábulos empregados de formas incomuns, assim como o uso da oralidade com o intuito de melhor transmitir suas mensagens.

Nascimento, na segunda estrofe, garante que essa mudança foi um fato especial, pois Sergipe já tinha uma capital: a cidade de São Cristóvão.

Foi um fato especial
Nossa linda **Aracaju**
Ultrapassou **São Cristóvão**
E quebrou grande tabu
Em **Arte e Arquitetura**
Aracaju é a mistura
De **Arara** com **Caju** (NASCIMENTO, 2006, p. 1, grifos
do autor).

Nessa segunda estrofe, o uso da figura de linguagem personificação foi feito por meio das palavras “ultrapassou” e “quebrou”, que o poeta informa serem ações praticadas pela linda Aracaju. Fez uso também de forma incomum da palavra “mistura”, que normalmente é empregada para falar do resultado do cruzamento de raças de animais. Nesse caso, o autor a utilizou para dizer que ela é o resultado da mistura da fruta caju com a ave arara.

A personificação ou prosopopeia é uma belíssima [...] figura de linguagem, também incluída no conjunto das “figuras de pensamento”. Muito presente na ficção literária e nos subgêneros da poesia, ela se caracteriza pela atribuição de caráter e ação humanas a seres não humanos, a objetos, a fenômenos da natureza etc.

Fazer uso da personificação em geral resulta na “humanização” de determinadas temáticas e imagens (RAMALHO, 2018, p. 46).

A respeito da primeira capital de Sergipe, Cruz revela que:

Conheça Aracaju
É a segunda capital
De nosso querido estado
A primeira é magistral
Parte da cidade tombada
É São Cristóvão muito amada
Uma cidade colonial.

A quarta cidade mais antiga
É patrimônio da humanidade
A praça São Francisco
É sua representatividade
Tem a Igreja Senhor dos Passos
É esse que serve de laços
Sinal de Religiosidade (s.d., p. 4).

Correa, Correa e Anjos descrevem a primeira capital do Estado de maneira diferente da de Cruz (s.d.), assegurando que:

Na metade do século XIX, São Cristóvão era uma cidade pequena e decadente, suas ruas eram tortas, sem calçamento e saneamento, não tinha nenhuma fonte pública de abastecimento de água. A Assembleia Provincial, a biblioteca e o liceu funcionavam nos conventos. O comércio era pequeno, sem nenhuma companhia estrangeira. Na cidade não existia indústrias nem porto. Era banhada pelo pequeno rio Paramopama (um afluente do Vaza-Barris) que não oferecia condições de navegação (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 39).

Aquela mudança ocasionou, à época, grande fervor entre os moradores daquela cidade. Inconformados, lutaram para que a sua cidade não deixasse de ser a capital, resultado não alcançado. Com isso, das capitais brasileiras, Aracaju foi a única a substituir outra capital já existente. Na história do Brasil, fato igual não houve, apenas existiu a transferência da capital do país por duas vezes, de Salvador para o Rio de Janeiro e, por fim, do Rio de Janeiro para Brasília.

Nessa mesma estrofe, o autor dá ênfase à arte e à arquitetura, na medida em que os espaços da cidade, como o palácio Olímpio Campos e a casa dos Rollemberg, atual prédio da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, foram construídos em estilo neoclássico e arquitetura eclética, na “art nouveau”. De acordo com Santos,

O palácio Olímpio Campos
Foi muito bem construído
No ano 63 (1863)
E ficou ali decidido
Que no estilo neoclássico
Seria bem dividido... (2018, p. 12).

A casa dos Rollemberg,
Um prédio considerado
Com arquitetura eclética,
Na "art nouveau" projetado,
Graças a sua importância
Foi todinho restaurado... (2018, p. 21).

Nesse sentido, nos importa saber o que é e quais características tem essa arte:

O *art nouveau* foi um versátil estilo decorativo que granjeou imensa popularidade por toda a Europa e nos Estados Unidos e influenciou todos os ramos da arte, desde a pintura e arquitetura à arte gráfica e design. A principal característica do *art nouveau* era o apreço pelos padrões lineares sinuosos. Predominavam as formas naturais estilizadas, como folhas e gavinhas, mas empregavam-se também formas humanas estilizadas e motivos relativamente abstratos como a curva “chicote” e o arabesco. Os designers evitavam conteúdos simbólicos e expressivos em suas obras concentrando-se no aspecto decorativo. Ao despojar seus objetos de conteúdo emocional e narrativo, eles ajudavam a pavimentar o caminho para o desenvolvimento da arte abstrata (FARTHING, 2011, p. 346).

Por fim, de maneira simples, o poeta revela o significado do nome da cidade a partir daquilo que se tornou os principais símbolos – “o que representa ou substitui outra coisa. O que evoca, representa ou substitui algo abstrato ou ausente” (FERREIRA, 2001, p. 636). Desse modo, como

exposto na capa desse folheto na linguagem visual, a arara e o caju são os elementos informados na linguagem verbal dessa escrita que misturados significam Aracaju. Alves reforça a ideia de o vocábulo “caju”, que compõe o nome da cidade, ser de fato um símbolo para os aracajuanos quando afirma que:

Aracaju pode ser cajueiro dos papagaios, cajueiral ou época dos cajus. Seja como for, a capital sergipana tem ligação histórica visceral com o fruto dos cajueiros. Por conta disto, os tupinambás, antigos habitantes da região, aqui vinham buscar cajus para fabricarem uma das suas bebidas prediletas. E ainda hoje, o caju é um símbolo da capital sergipense (ALVES, 2003, p. 91).

A terceira estrofe diz respeito a uma data de aniversário. Nos seus 151 anos, completados no ano de 2006, o autor demonstra orgulho pela cidade, bem como a adjetiva de várias formas: “rica”, “bela” e “genuína”, inclusive chamando-a de “menina”, recorrendo à figura de linguagem prosopopeia ou personificação, que é uma “Figura de retórica que consiste em atribuir vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais, ausentes, mortos ou abstratos” (MOISÉS, 1974, p. 422). Esse fato se dá porque Aracaju, de todas as capitais brasileiras, é a terceira mais nova, ficando atrás apenas de Brasília, construída em 1960, no Distrito Federal, e de Palmas, capital do Estado do Tocantins, criado em 1988.

É um orgulho, **Aracaju**
Para os aracajuanos
Que completa, nesta data (17/03)

Cento e cinquenta e um anos

Rica, bela, genuína,

Aracaju é a menina

Dos olhos dos sergipanos (NASCIMENTO, 2006, p. 1, grifos do autor).

O autor, na quarta estrofe, dá mais ênfase à localização da nova capital de Sergipe, detalhando todos os limites, ou seja, descreve elementos que estão entre Aracaju e seus municípios.

Louváveis, todos os planos

Da **Capital do Nordeste**

Fica à margem do Atlântico

Região Litoral Leste

De um lado, o sol Nascente

Depois que gira o Poente

Se oculta no Oeste (NASCIMENTO, 2006, p. 2, grifos do autor).

Na quinta estrofe, o poeta cita o grande responsável pela mudança da capital de São Cristóvão para o pequeno Arraial de pescadores. A personalidade, a primeira e mais lembrada pelos aracajuanos que se multiplicou ao longo dos anos de história da cidade, é a do Dr. Inácio Barbosa. À época, ele foi, inclusive, chamado de doido. Segundo Cabral:

Os acontecimentos se precipitavam, impulsionados, conscientemente, pela vontade inquebrantável de Inácio Barbosa. No dia 17 de março, sancionava, o presidente, a resolução da Assembleia Legislativa que elevava o Povoado de

Aracaju à categoria de cidade, transferindo, para lá, a capital da província.

Foi uma bomba.

O homem era doido (1948, p. 30).

Em toda Região Leste

Houve um plano pra mudar

Dr. Inácio Barbosa

Começou a trabalhar

Promoveu a sua equipe

Pra¹¹ **Capital de Sergipe**

Sair pra outro lugar (NASCIMENTO, 2006, p. 2, grifos do autor).

Em se tratando de definições, é pertinente sabermos que uma personalidade é uma pessoa muito importante para uma cidade, para uma modalidade de esporte ou para o meio político. Trata-se de alguém responsável por realizar um feito significativo e marcante para determinado local ou esfera. Assim:

PERSONALIDADE do latim personalitate, declinação de personalistas, personalidade, palavra formada a partir de persona, pessoa, de origem etrusca, de onde procede também o adjetivo personalis, pessoal. No latim tardio, ao definirem as características que dão a cada indivíduo a sua personalidade, os romanos fixaram também a distinção entre pessoa física e pessoa jurídica, creditando personalidade também a empresas. Persona designou, originalmente, não

¹¹ A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo "para". Por razões métricas, contudo, foi utilizada a marca de oralidade "pra".

a pessoa, o indivíduo, mas o papel que ele cumpria no teatro, onde escondia a facies, face, atrás da persona, a máscara da figura que representava no palco. E do latim persona igualmente que procede o francês *personne*, que chega à Gália no século XII. O primeiro registro de pessoa no português ocorre no século XIII, e o de personalidade apenas no século XIX, acolhida no Grande dicionário português ou Thesouro da língua portuguesa (cinco volumes), de Frei Domingos Vieira. Quando surgiu o provérbio “cara de um, focinho de outro”, a recusa de face semblante para construir a expressão já trazia implícito o sentido pejorativo da aplicação (SILVA, 2014, p. 367).

Contudo, em meio a uma chuva de protestos, as ordens de Inácio Barbosa foram acatadas e a mudança foi efetivada. Como a mudança exigia, um porto deveria ser construído, pois toda mercadoria destinada a Sergipe passava antes pelo porto de Salvador, capital do Estado da Bahia, como o poeta enfatiza na sexta estrofe.

A tendência de mudar
Foi imediatamente
Em **17 de Março**
Foi sancionada, urgente
Porque o grande ideal
Era deixar a **Capital**
Com um **Porto Independente** (NASCIMENTO, 2006, p. 2,
grifos do autor).

Diante desse contexto, ter ciência do significado de um porto se faz pertinente. Silva informa a respeito desse vocábulo que ele vem

[...] do latim *portus*, entrada, passagem. Há curiosas influências na formação deste vocábulo e nos diversos sentidos que veio a tomar. [...] Mas certamente o sentido mais óbvio é o porto onde ancoram os navios. No caso do Brasil, angras e enseadas foram nossos primeiros portos naturais. Nossos descobridores encontraram porto natural onde atracar para os contatos iniciais com os primeiros habitantes do Brasil, designados índios por erro de geografia de Cristóvão Colombo. A designação não foi contestada, mesmo depois de constatado o tremendo equívoco do genovês, que confundiu a América com a Ásia, e os audazes portugueses tomaram o Brasil pela Índia Ocidental durante muito tempo. São Vicente, cidade portuária, foi o primeiro porto e a primeira vila fundada por Martin Afonso de Sousa, em 1530, em localidade onde já existiam 10 ou 12 casas, uma das quais era de pedra, onde também primitivos navegantes tinham erguido uma torre de taipa para defesa contra os índios. No outro lado da Ilha de mesmo nome, foi criado o porto de Santos, que logo superou em importância o outro (2014, p. 376).

Nas estrofes sétima e oitava, os espaços, que para a literatura são os locais onde acontecem fatos praticados por seres humanos, que existiam no povoado naquela época são citados: aldeias, palhoças, barras e arraiais de pescadores, bem como são informadas as categorias de pessoas que os habitavam: homens trabalhadores, pescadores e agricultores

faziam morada no Povoado Santo Antônio de Aracaju, primeiro nome da capital, que também já foi denominada de Cidade de Aracaju, Cidade do Aracaju e, final e simplesmente, Aracaju.

Só Aldeias, no ambiente
Com homens trabalhadores
Na **Barra do Rio Real**,
Palhoças com moradores
Barra do Rio São Francisco,
Lugar de pegar¹² marisco
E Arraiais de pescadores (NASCIMENTO, 2006, p. 3, grifos do autor).

Só havia agricultores
No antigo povoado
Santo Antônio de Aracaju
Era este, o nome dado
Ninguém acreditaria
De Aracaju, ser, um dia
A Capital do estado (NASCIMENTO, 2006, p. 3, grifos do autor).

Como os espaços aldeia, arraial, barra e palhoça são informados de maneira enfática, consideramos importante, para um melhor entendimento de como era o ambiente àquela época, saber o significado de cada um deles. De acordo com o dicionário Aurélio, por aldeia entende-se “1. Pequena povoação, inferior a vila; povoado. 2. Bras. Povoação formada só de índios, maloca” (FERREIRA, 2001, p. 29). Para ele, palhoça significa

¹² A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo “pescar”. Por razões de costume, contudo, foi utilizada a variação linguística “pegar” como sinônimo de “pescar”.

“cabana coberta de palha” (FERREIRA, 2001, p. 510). Já barra é “[...] 2. Pedaco grosso de madeira. [...] 4. Borda, beira. [...] 6. Canal estreito de acesso a um porto; goleta. [...] 9. Bras. Foz de rio ou de riacho” (FERREIRA, 2001, p. 89).

Por fim, Arraial:

[...] do português antigo real, real, tenda do rei, depois estendido a todo o acampamento onde, sobretudo nas campanhas militares, ficavam as comitivas reais. Passou depois a denominar povoados temporários. Um dos mais célebres arraiais brasileiros é o de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste baiano, onde no final do século XIX explodiu o maior conflito messiânico, sob a liderança de Antonio Conselheiro, cuja luta foi registrada pelo escritor Euclides da Cunha em sua obra mais famosa, *Os sertões* (SILVA, 2014, p. 34).

Nascimento, na nona estrofe, cita os rios que banham o Arraial e confirma que Dr. Inácio Barbosa, presidente à época, concordava com a transformação do Arraial em uma capital.

O Arraial era banhado
Pelos **Rios Vaza Barris**
Do outro, o **Rio Sergipe**.
O Presidente assim quis
Transformar o Arraial
Em nossa bela **Capital**
Deixando o **povo feliz** (NASCIMENTO, 2006, p. 3, grifos do autor).

Por isso, a respeito do presidente da Província de Sergipe foi afirmado que:

Inácio Joaquim Barbosa foi nomeado presidente da Província de Sergipe em 1853. Nos dois primeiros anos de seu governo, administrou Sergipe combatendo a violência, procurando conciliar os dois partidos inimigos: o Liberal e o Conservador, tentou modernizar a produção do açúcar e melhorar as condições das exportações dos produtos sergipanos.

Mas a ideia mais ousada do presidente Inácio Barbosa foi a de transferir a capital da Província (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 39).

Como toda mudança, há sempre quem não aceite e, de forma contrária, resista. Normalmente, uma resistência parte de membros de classes populares, surgindo os personagens populares. Diferentemente de uma personalidade, um personagem popular é uma figura inconformada com determinada situação, vinda de camada social mais simples. Trata-se de alguém humilde, que por algum feito se destaca e se torna conhecido. Muitas vezes são aclamados e respeitados pelos demais, tornando-se uma referência, bem como alguém para ser seguido.

Nas estrofes décima e décima primeira, o autor discorre sobre as manifestações contrárias a essa mudança, falando de alguém que não queria de maneira alguma a mudança. Esse alguém se chamava João Bebe-Água.

Conforme a História diz

02 de Março foi o dia (1885)

A Assembleia Legislativa

Num projeto, decidia

Transferir a Capital

No Parlamento atual

Houve alguém que não queria (NASCIMENTO, 2006, p. 4, grifos do autor).

O Decreto que havia

Foi taxado ilegal

Aracaju não deveria

Ser a nossa Capital

Com manifesto e crítica,

De subversão política,

Econômica e social (NASCIMENTO, 2006, p. 4, grifos do autor).

Assim, a respeito do personagem popular que mais resistiu à mudança da capital de São Cristóvão para o Arraial de pescadores Santo Antônio de Aracaju – João Bebe-Água –, Santos (s.d.) nos traz as seguintes informações:

Nascera em São Cristóvão

No ano de 23 (1823)

Era um autodidata

Com talento de burguês

E tinha grande domínio

Sobre o nosso português...

É João Napomuceno*
O seu nome original
Um nome bem conhecido,
Um homem sensacional,
Uma peça bem atuante
Da antiga capital...

*João Napomuceno Borges
(SANTOS, s.d., p. 62)

João ganhou essa alcunha
Por causa do paladar:
Cachaça de todo tipo
Gostava de apreciar.
Ficou então Bebe-Água,
A água que faz tombar...

Pra defender São Cristóvão
Ele ia a qualquer serra,
Pra lutar pela cidade
Entrava em qualquer guerra.
Foi o maior defensor
Das ideias desta terra...

Defendeu a São Cristóvão
Com um grande heroísmo
Mesmo depois da mudança
Manteve seu otimismo.
Aos poucos reconheceram
Seu nobre patriotismo...
(SANTOS, s.d., p. 65).

Outro personagem popular contrário à mudança da capital, citado na décima segunda estrofe, foi o indígena João Mulato. Enquanto João Bebe-Água defendia a não mudança porque desejava que a cidade dele continuasse capital, João Mulato desejava que o arraial dele não fosse transformado em uma capital.

Onde hoje é a Capital
Só existia uma Aldeia
O Indígena João Mulato
Valente, de cara feia,
Nas margens do **Rio Sergipe**,
Comandava sua equipe
Junto às dunas de areia (NASCIMENTO, 2006, p. 4, grifos do autor).

Relativo ao surgimento da cidade, na décima terceira estrofe, é citada mais uma personalidade: Pero Gonçalves. Pela ordem em que o nome dele é informado pelo autor, foi a terceira pessoa a ter destaque no nascimento da nova capital. A marca dele está no fato de ser o responsável pela doação das terras em que hoje está Aracaju.

Aquelas terras da Aldeia
Pero Gonçalves ganhou
160 quilômetros,
Essa terra, ele doou
Origem das **Sesmarias**
Logo após aqueles dias
O trabalho começou (NASCIMENTO, 2006, p. 5, grifos do autor).

Por fim, na décima quarta estrofe, que encerra a descrição do surgimento da cidade, o poeta fala da mudança com louvor, pois de província, “o interior de um país por oposição a capital” (FERREIRA, 2001, p. 565), passou a ser capital, “sentido de principal, designando a principal cidade de país ou de um estado” (SILVA, 2014, p. 90). Exaltou o responsável Inácio Joaquim o seguinte:

Daí pra¹³ frente, mudou

A História diz assim:

De **Província à Capital**

Graças **Inácio Joaquim**

Ultrapassou as primeiras

São Cristóvão, Laranjeiras.

Itaporanga e Maruim (NASCIMENTO, 2006, p. 5, grifos do autor),

bem como se orgulhou de a cidade ter passado à frente das primeiras cidades sergipanas: São Cristóvão, Laranjeiras, Itaporanga D’Ajuda e Maruim – fazendo uso mais uma vez da figura de linguagem prosopopeia por meio da utilização do vocábulo “ultrapassou” –, das quais sabemos, a seguir, um pouco a respeito de sua história.

Laranjeiras:

O município de Laranjeiras, a 18 quilômetros de Aracaju, é um dos poucos onde ainda se pode ver a força da arquitetura colonial. Ruas, casarios, igrejas, tudo respira a mais pura história. Laranjeiras já foi a mais importante cidade

¹³ A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo “para”. Por razões métricas, contudo, foi utilizada a marca de oralidade “pra”.

sergipana. Berço da cultura, educação, política e da economia. Este município só não se tornou a capital de Sergipe por conta de uma manobra política do Barão de Maruim, que transferiu a sede de São Cristóvão para Aracaju.

O porto das Laranjeiras fez retornar o progresso ao povoado que se reerguia com grande velocidade depois da passagem dos holandeses. Em 1701, os padres jesuítas construíram a primeira igreja com convento. Ela ficava à margem esquerda do Riacho São Pedro, um pouco afastada do porto. Eles procuravam sossego e deram nome ao lugar de 'Retiro'. Os jesuítas fizeram uma outra igreja num dos pontos mais altos do povoado. Em 1731, em cima de uma colina, os padres ordenaram a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, uma verdadeira obra-prima da arquitetura colonial (Disponível em: PREFEITURA MUNICIPAL DE LARANJEIRAS, 2020, s/p).

Itaporanga D'Ajuda:

O município de Itaporanga D'Ajuda se ergue em terras que eram dominadas pelo chefe indígena Surubi. O núcleo demográfico, à margem direita do rio Vasa Barris, teve sua origem na segunda metade do século XVI. Em 1575, Gaspar Lourenço, padre da Companhia de Jesus, fundou aldeia de catequese e edificou a igreja de Santo Inácio mais próxima do mar. A desconfiança indígena, gerada pela ganância dos colonizadores, interrompeu, até 1590, a conquista da terra, que se vinha processando pacificamente. Longo foi o período de lutas entre portugueses e indígenas, perdurando, inclusive, durante a ocupação holandesa (Disponível em:

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPORANGA D’AJUDA, 2020, s/p).

A localidade de Itaporanga D’Ajuda resulta de um dos mais antigos povoamentos de Sergipe, remontando a 1575, em terras do Cacique Surubi. Dos engenhos documentados neste livro, o de referências mais antigas é o de Colégio. Sua casa-grande é a primeira construção jesuítica do século XVII, e a função primitiva da propriedade não foi destinada à fabricação de açúcar, mas à residência dos padres e à catequese indígena (LOUREIRO, 1999, p. 20).

Maruim:

Maruim, pacata cidade, grande centro comercial de outrora, localiza-se a 30 Km de Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Com uma população de aproximadamente 17 mil habitantes (Censo IBGE 2010), continua a ser um solo fértil de Cultura e História, porém não explorados por aqueles que deveriam, no mínimo, iniciar o processo de estimulação da sociedade.

No século XIX, o transporte fluvial era o principal meio de locomoção. Muitas eram as pessoas que esperavam suas embarcações no “Porto das Redes”, antiga Alfândega de Sergipe, que se situava no sublime encontro das águas do rio Sergipe e do rio Ganhamoroba (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARUIM, 2020, s/p).

Notamos, assim, que são cidades com muito potencial para serem capitais do Estado, no entanto a visão de Inácio Barbosa voltou-se para o arraial que pouco tinha a oferecer, mas que poderia ser transformado e, assim, mudar a história.

Na segunda parte do cordel, o autor expõe a maneira como foi feito o planejamento da cidade, bem como a constituição por meio dos povos que a habitavam.

Nas estrofes décima quinta, décima sexta e décima sétima, o autor cita outra personalidade importante que se destacou na história de Aracaju, o engenheiro Sebastião Basílio Pirro. Ele foi o responsável ou o incumbido de projetar a cidade. Teve a surpreendente ideia de desenhá-la no formato de um tabuleiro de xadrez. O projeto foi iniciado a partir dos espaços da colina do Santo Antônio, seguidos pela rua da frente, até a ponte do Imperador.

Aracaju teve, assim,
Grande plano promissor
Sebastião Basílio Pirro
Projetista e construtor
Por ordem do Presidente
Seguiu da "**Rua da Frente**"
À **Ponte do Imperador** (NASCIMENTO, 2006, p. 5, grifos
do autor).

A respeito da ponte do Imperador, é possível saber que:

[...] é a ponte granfina da cidade, construída, especialmente, para o desembarque de Dom Pedro II, em 1860, em sua visita Sergipe Del Rey.

Nela não atracam os navios nem as barcaças cheias de sal, de açúcar e de farinha.

A Ponte do Imperador, larga e sólida, coberta, na extremidade, por uma gigantesca plataforma de aço e de concreto, é local ameno, propício aos idílios e aos romances (CABRAL, 1949, p. 119).

Lamentavelmente, há anos a ponte que nasceu tão imperiosa não é valorizada pelo poder público e se encontra em estado deplorável. Descuidada, está entregue a vândalos, tornando-se um local para práticas de crimes e atos libertinos. Contudo, resquícios do passado ainda são percebidos. Ao se pisar nela, é possível sentir o quão glamuroso foi aquele espaço.

Este grande construtor

Trabalhou bonito e fez

A cidade **Esquadrejada**

Toda em forma de xadrez

Começou lá da **Colina**

Que hoje se denomina

Santo Antônio, o português (NASCIMENTO, 2006, p. 6, grifos do autor).

Já em relação à forma de tabuleiro de xadrez, temos as seguintes informações:

Aracaju foi uma das primeiras capitais brasileiras a ser planejada. O projeto desafiou a capacidade da Engenharia da época, face à sua localização numa área dominada por pântanos e charcos. O desenho urbano da cidade foi elaborado por uma comissão de engenheiros, tendo como responsável o engenheiro Sebastião Basílio Pirro. Alguns estudos a respeito de Aracaju propagaram a ideia de que o plano da cidade havia sido concebido a partir da implantação dos modelos de vanguarda na época – Washington, Camberra, Chicago, Buenos Aires, etc.

O centro do poder político-administrativo, (atual praça Fausto Cardoso) foi o ponto de partida para o crescimento da cidade. Todas as ruas foram arrumadas geometricamente, como um tabuleiro de xadrez, para desembocarem no Rio Sergipe.

Até então, as cidades existentes antes do século XVII, adaptavam-se às respectivas condições topográficas naturais, estabelecendo uma irregularidade no panorama urbano. O engenheiro Pirro contrapôs essa irregularidade e Aracaju, foi no Brasil, um dos primeiros exemplos de tal tendência geométrica (CAUSE/2017, 2017, s/p).

Santo Antônio, o santo casamenteiro, tem relação forte com a cidade, uma vez que até por esse nome Aracaju já foi chamada.

Fernando, Santo português
Apesar de estrangeiro,
A Patrono dos namorados,
Padre, Pastor, Conselheiro,
Nem precisa que se implore

Pois **Antônio**, no Folclore,
Quer dizer **Casamenteiro** (NASCIMENTO, 2006, p. 6, grifos
do autor).

A data 17 de março é enfatizada, na décima oitava estrofe, como sendo a data de aniversário de Aracaju.

Mesmo com pouco dinheiro,
O projeto foi aprovado
Em **17 de Março** (1855)
Foi logo sancionado
Apesar de haver crítica,
A Emancipação Política
Justifica o feriado (NASCIMENTO, 2006, p. 6, grifos
do autor).

O poeta informa, nas estrofes décima nona e vigésima, quais foram os primeiros povos a constituírem a população da cidade: índios, negros escravizados e outros povos – a quem ele intitulou de nordestinos bravos – foram os heróis da construção. Àquela época, os indígenas predominavam no território brasileiro, seguidos de negros escravizados.

A Capital do Estado
Crescia com lentidão
Quase tudo dependia
Do Governo da Nação
Mas os **Nordestinos Bravos**,
Os **Índios** e os **Escravos**
Foram **Heróis na Construção** (NASCIMENTO, 2006, p. 7,
grifos do autor).

Mesmo com a evolução,
Na época, houve alguém
Que jamais se convencia
Que o Governo fez bem
A Capital das Riquezas,
Da **História**, das **Belezas**,
Somente **Aracaju** tem (NASCIMENTO, 2006, p. 7, grifos
do autor).

Correa, Correa e Anjos, de forma ímpar, informam quais eram os índios que habitavam a cidade no início do povoamento de Aracaju. Segundo eles:

Existiam muitos povos indígenas diferentes no Brasil quando os portugueses aqui chegaram. Esses povos falavam línguas diferentes, seus costumes variavam de um grupo para outro.

Os principais grupos ou nações indígenas brasileiras na época do descobrimento eram Tupi, Jê, Aruak e os Caribe ou Caráiba.

Em Sergipe, viviam dois desses grupos: Os Jês e os Tupis (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 9).

A respeito dos escravos, Correa, Correa e Anjos nos contam que:

Os negros, que eram trazidos para Sergipe para trabalharem na condição de escravos nos engenhos, chegavam principalmente de Salvador em direção à vila Estância e vendidos para colonos de toda a Capitania. Para Sergipe foram trazidas pessoas de diversos grupos africanos: Bantos, Congos, Angolas, Guineus, Gêge-Nagôs, Malês, Yorubás e Minas (2011, p. 22-23).

Na terceira parte do cordel, o autor retrata o desenvolvimento da nova capital, sobretudo apresenta como se deram os principais acontecimentos na cultura, na economia e no turismo. Por meio do desenvolvimento da capital, as memórias do autor foram reveladas.

Todas as pessoas trazem consigo suas vivências. Nos cantos mais remotos de suas mentes, encontram-se guardadas muitas delas. Algumas são facilmente lembradas, outras precisam presenciar um fato, ouvir uma palavra ou sentir um cheiro para serem recuperadas e assim revividas. Logo, as lembranças podem de muitas maneiras ser lembradas.

Mas, para não se esquecer do que viveu e ter de esperar acontecer algo voluntário ou involuntário que a ative, inúmeras pessoas recorrem à escrita para registrar suas vivências. De acordo com Moisés, a prática da escrita biográfica ocorre há séculos, como informa a seguir:

Biografia, ou história de uma vida, que o próprio escritor elabora. O vocábulo entrou em uso apenas no século XIX, se bem que a atividade literária por ele designada remonte aos primeiros séculos do Cristianismo, mais precisamente desde Santo Agostinho e suas *Confissões*, escritas no ano de 400 (1974, p. 50).

Atualmente, os diários íntimos são a forma mais comum desses registros. No entanto, adeptos a registrarem suas vivências recorrem também à escrita de livros do tipo romance ou contos para contar suas lembranças com caráter de autobiografia, memórias e confissões. Assim, não é fácil diferenciar as formas de escrita de si, mas Moisés relata as possíveis características de cada uma delas:

Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do “eu”. Enquanto **a autobiografia** permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, **as memórias** implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contacto. Por outro lado, ao passo que **o diário** constitui o registro dia-a-dia de uma vida, quer das suas marcas na sensibilidade, **as confissões** decorrem do esforço de sublimar, pela auto-retratação, as vivências dignas de transmitir ao leitor (1974, p. 50, grifos nossos).

Na vigésima primeira estrofe, a lembrança do poeta se dá pela forma como acontecia o transporte, que, inicialmente, era feito por trem; em seguida, por bondes puxados a burro e, na sequência, se tornaram elétricos para melhor receber o turista.

O transporte era **Trem**,
Bondes com burros à frente,
Depois surgiu **Bonde Elétrico**
Por ser mais conveniente
Hoje o conforto que tem
Todo **Turista que vem**
Quer visitar novamente (NASCIMENTO, 2006, p. 7, grifos do autor).

O tempo passou para a nova capital, e a construção de muitos pontos turísticos foi feita. As memórias da cidade provinciana ficaram nas mentes dos moradores. Na cidade, além de seus espaços mais antigos, outros modernos surgiram, como a orla na praia de Atalaia, a vista do pôr do sol no farol, o oceanário, a pista de ciclismo, e, como pede toda modernidade, para segurança dos visitantes, uma delegacia do turismo foi criada.

Outros espaços também atraem os turistas. Ruas, praças, jardins e hotéis ratificam os propósitos iniciais da cidade. Ao longo dos anos, eles foram transformados, e, de cidade surgida com foco econômico, Aracaju se adaptou à necessidade do povo. Outros potenciais foram percebidos na terra escolhida por Inácio Barbosa, como descrito nas estrofes vigésima segunda, vigésima terceira, vigésima quinta e vigésima sexta, transcritas a seguir.

O clima, o meio ambiente

Trazem alegria, humor

Ruas, Praças, Jardins,

Convidam para o Amor

Terra de Mulher Bonita

Um Dos Cartões de Visita

É a **Ponte do Imperador** (NASCIMENTO, 2006, p. 8, grifos do autor).

Quem quiser dar mais valor

Conheça a **Orla da Praia**

Os seus Hotéis 5 Estrelas

O Banho em **Atalaia**

Comidas, Bebidas e Balsas,

Onde o homem perde as calças
A mulher perde a saia (NASCIMENTO, 2006, p. 8, grifos do autor).

A personificação é mais uma vez utilizada quando o poeta informa que vários espaços “convidam” para o amor àqueles que estão em Aracaju. E o uso da linguagem do turismo se faz presente na estrofe vinte e um. Nela, o autor ordena por meio do verbo “conheça” a ida à Orla da praia e aos demais atrativos constantes ao redor dela.

[...]
Caldinho de Sururu
Eu tenho plena certeza
Que os Turistas deliram
As coisas da Natureza
Quem estiver no **Farol**
Admirando o **Pôr do Sol**
Contempla a maior beleza (NASCIMENTO, 2006, p. 9, grifos do autor).

Quem olha a **Mãe Natureza**
Sente a água quando avança
Na Praia, o **Oceanário**,
Na **Orla**, tem muita **Dança**,
Temos **Pista de Ciclismo**,
Delegacia de Turismo,
Dando maior Segurança (NASCIMENTO, 2006, p. 9, grifos do autor).

A cultura, conta o poeta, abraçou a culinária e criou pratos tipicamente de Aracaju. Exemplos são inventados e preparados e agradam àqueles que provam, como verificamos nos exemplos informados na estrofe vigésima quarta:

Quem visitar **Atalaia**
Não esquece Aracaju
Peixe, Siri, Caranguejo,
Pinga, Cerveja, Pitu,
Coco verde, Camarão,
Laranja, Lima, Limão,
Castanha, Cajá e Caju (NASCIMENTO, 2006, p. 8, grifos do autor).

Dentre os alimentos típicos da cidade, o caranguejo e o coco verde tornaram-se símbolos que também são fortes representações da cidade. Esculturas do marisco e da fruta estão espalhadas pela cidade, bem como dão nome a espaços turísticos, como a Passarela do Caranguejo.

As memórias continuam a ser reveladas pelo autor, e, nas estrofes vigésima sétima, vigésima oitava e vigésima nona, ele continua falando de transportes. Pela nossa leitura, se locomover parece ter sido algo muito difícil para os moradores de Aracaju tempos atrás. Vejamos:

Ainda tenho lembrança
Do “Pau de Arara”¹⁴ a rodar,

¹⁴ “1. Suporte de madeira no qual se conduzem araras ou outras aves trepadoras. 2. Instrumento de tortura, que consiste num pau onde se atam os cotovelos e os joelhos do torturado. 3. Caminhão que transporta emigrantes do Nordeste brasileiro. 4. Pessoa que migra do Nordeste para o Sudeste do Brasil e que viaja nesse caminhão. 5. Qualquer nordestino brasileiro. 6. [Botânica] Árvore (*Parkia platycephala*) da família das leguminosas, nativa do Brasil, com copa larga, flores vermelhas e de cujas sementes se produz álcool. 7.

Os Bondes puxados a burros
Pararam de circular
Hoje, os transportes são:
Ônibus, táxi lotação
Ou carro particular (NASCIMENTO, 2006, p. 9, grifos do autor).

Quem tem pressa pra¹⁵ chegar
Seu transporte é avião.
Os trens ainda existem
Em alguma região.
Pra¹⁶ qualquer outro roteiro
Só existe **Trem Cargueiro**
Os de passageiros, não (NASCIMENTO, 2006, p. 10, grifos do autor).

O uso da figura de linguagem anáfora foi feito na estrofe vinte e nove. A repetição dos vocábulos “nos” por quatro vezes e “nas” por duas vezes realçou a mensagem transmitida.

Nossas lembranças estão
Nos Livros Antepassados,
Nos Acervos, na História,
Nos casais de namorados,
Na Bela **Orla da Praia**,

[Pará] [Botânica] Árvore (*Salvertia convallariaeodora*) nativa do Brasil, com forma piramidal, flores brancas ou rosadas aromáticas, cuja madeira se usa em carpintaria. = MOLIANA" (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2020, s/p).

¹⁵ A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo “para”. Por razões métricas, contudo, foi utilizada a marca de oralidade “pra”.

¹⁶ A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo “para”. Por razões métricas, contudo, foi utilizada a marca de oralidade “pra”.

Nas Ondas de **Atalaia**,
Nos **Poetas Renomados** (NASCIMENTO, 2006, p. 10, grifos do autor).

Pela revelação de onde estão nossas lembranças, suas memórias remontam ao local em que se encontram seus registros, não somente nos livros e nos acervos, mas também nos casais de namorados. Muitas devem ser as histórias que o autor afirma que eles têm para contar.

Nas estrofes trigésima, trigésima primeira e trigésima segunda, o autor nos orienta a reviver essa memória por meio da visitação a clubes, associações, galerias, praças, museus e centros históricos, pois muitos desses espaços guardam nossas memórias, as quais nos causam muito saudosismo.

Sergipe é um dos Estados
Dignos de nossa atenção
Aracaju se coloca
Como se fosse o pulmão
É Patriótica, Querida
Faz parte da nossa vida,
Da Alma e do Coração (NASCIMENTO, 2006, p. 10, grifos do autor).

O autor mais uma vez faz uso da linguagem metafórica para falar de Aracaju quando informa que ela é como se fosse “o pulmão”. O autor personifica ainda a cidade quando afirma que ela é “Patriótica” e “Querida”, sendo ambas as palavras escritas com inicial maiúscula.

Tem esportes de monte

Dignos de se aplaudir,

Clubes, Associações

Para juventude curtir

Tem Cultura, Poesias

Nas **Famosas Galerias:**

Álvaro Santos e Clodomir (NASCIMENTO, 2006, p. 11, grifos do autor).

Em mais duas ordens, a forma imperativa dos verbos “visite” e “vá” é utilizada pelo autor. Dessa vez, o convite se dá para conhecer hotéis e lugares de movimentos diferentes.

É importante se ir

Lá na **Praça da Bandeira**

Museus, Centros Históricos,

Visite a Classe hoteleira,

Vá a outros movimentos

Centros, lugares de eventos,

De **Esculturas em Madeira** (NASCIMENTO, 2006, p. 11, grifos do autor).

Por fim, na última parte do cordel, nas estrofes trigésima terceira, trigésima quarta, trigésima quinta, trigésima sexta, trigésima sétima e trigésima oitava, o poeta elogia a cidade e faz um convite a outros poetas para descreverem nossa cidade da forma como ele fez. Nesse contexto, ele retoma o surgimento de Aracaju, enfatiza símbolos, como o caju e a arara, destaca espaços, como o Grageru, relembra o tabu do surgimento da cidade e, sobretudo, ratifica que descreveu, por meio de memórias, a

história da capital que, de acordo com Cabral, “nasceu assim feia, pobre, impaludada, perseguida por muitos, ajudados por alguns” (1949, p. 32).

Nestas frases derradeiras,
Sinto-me muito feliz
Descrever nossa **Cidade**
Segundo a História diz
Peço que outros poetas
Escrevam com rimas e metas
Muito além do que eu fiz (NASCIMENTO, 2006, p. 11, grifos do autor).

Esta História que fiz
Da **Capital do Estado**
Aracaju é a Princesa,
Sergipe é o nosso reinado
Nossa Cultura é Pioneira
A Poesia é Altaneira,
O Poeta é Dedicado (NASCIMENTO, 2006, p. 12, grifos do autor).

Sergipe é o nosso Estado,
E tem potência total
Representa o D'el Rei
Grande em mérito e ideal
Iniciou de um tabu¹⁷
Por isso Aracaju

¹⁷ “Do tonga ta'bu, idioma da Polinésia, designando o que é sagrado, proibido, inviolável. Chegou ao português depois de uma baldeação no inglês taboo. A cirurgia já foi um tabu, como é comentado neste trecho de José, de Rubem Fonseca: ‘Durante a Inquisição, as universidades de medicina somente permitiram que os estudantes operassem em manequins cujas partes sexuais eram omitidas. Esses tabus religiosos não estão confinados apenas à estupidez católica, são encontrados em todos os livros sagrados, sejam cristãos, hindus, budistas, semitas, maometanos, não importa” (SILVA, 2014, p. 442).

É a nossa Capital (NASCIMENTO, 2006, p. 12, grifos do autor).

Com efeito, especial

A Cidade do **Caju**

Pertencente a Sergipe

Indo além do Grageru

Talentosa e grande equipe

A Capital de Sergipe

Linda e Bela Aracaju (NASCIMENTO, 2006, p. 12, grifos do autor).

Arara junto ao **Caju**

Reinou um grande ideal

Agora já conhecemos

Com sucesso especial

A maior marca de fé

Já sabemos que ela é

Uma grande **Capital** (NASCIMENTO, 2006, p. 13, grifos do autor).

Pedro Amaro, Cordelista,

Escreveu essa História

Descreveu toda memória

Respeito, Luta e Conquista,

O autor é Repentista

A Cidade é um "chuchu"

Morro, Arara e Caju,

A Província e o Município

Representam no princípio

O que hoje é Aracaju (NASCIMENTO, 2006, p. 13, grifos do autor).

As linguagens metafóricas e prosopopeias voltam a ser utilizadas nas últimas estrofes. De forma metafórica, o autor afirma que Aracaju é “a princesa”, bem como é “um chuchu”. E, de forma personificada, diz que ela é “talentosa”, “linda” e “bela”. Ele também personifica a Cultura como “Pioneira”, ou seja, desbravadora, e a Poesia como sendo “Altaneira”, que significa que ela é orgulhosa.

A metáfora, talvez a “figura de linguagem” mais importante e recorrente na produção textual, define-se, basicamente, como recurso que explora o uso de comparações implícitas por meio das quais é possível aproximar referentes aparentemente desconexos entre si. Por ser uma “comparação implícita”, a metáfora exige que se perceba essa comparação por meio de uma leitura mais aprofundada, que nos levará à reflexão e à posterior compreensão dos referentes que permitiram que essa comparação fosse feita.

A capacidade metafórica de um escritor ou de uma escritora está diretamente ligada a seu nível de percepção semântica do mundo, ou seja, à sua sensibilidade para estabelecer conexões entre seres, objetos, coisas, acontecimentos, fenômenos etc. (RAMALHO, 2018, p. 50).

Observamos, assim, que, nas quatro últimas estrofes, o autor finaliza utilizando o recurso de acróstico com as seguintes palavras: Sergipe, capital, Aracaju e Pedro Amaro, enfatizando e ratificando que a história discorre a respeito de Aracaju, capital de Sergipe, e, também, o poeta assina a obra.

Para terminar, pela análise desse primeiro folheto, foi possível perceber cinco representações da cidade de Aracaju em cordel interligadas

de forma verbo-visual: espaços, memórias, personalidades, personagens populares e símbolos.

Os espaços citados foram o porto, a ponte do Imperador, a igreja de Santo Antônio, a orla de Atalaia, as praças, as ruas, as cidades vizinhas, as aldeias, as palhoças, o arraial e as barras. As memórias foram demonstradas pela referência aos transportes, bem como pela forma como a cidade surgiu e se desenvolveu. As personalidades citadas foram Inácio Barbosa, Pero Gonçalves e Sebastião Basílio Pirro, ligados ao surgimento e planejamento da cidade. Os personagens populares, relacionados à mudança da capital, foram o indígena João Mulato e João Bebe-Água. Por fim, os símbolos informados foram o caju e a arara, que são atrelados ao nome da cidade, ao passo que os arcos da orla, o caranguejo e o coco verde estão relacionados ao turismo.

2.2 Aracaju ontem e hoje! (2014)

O segundo folheto que explana a respeito de representações da cidade de Aracaju em cordel é intitulado *Aracaju ontem e hoje!*, da poetisa Alda Santos Cruz (2014). Com isso, ela se torna uma das escritoras de cordel que aceitou o convite, para também escrever a respeito da cidade, do autor Pedro Amaro do Nascimento, feito ao final do folheto analisado anteriormente.

Figura 9: Capa do folheto de cordel *Aracaju ontem e hoje!* (2014).



Fonte: Acervo da autora.

Alda Santos Cruz é a poetisa popular viva com mais idade de Sergipe. Neste ano de 2020, ela completou 93 anos. Outras informações a respeito dela são acrescentadas abaixo:

[...] é uma poetisa muito atuante. Professora e auditora fiscal aposentada, 'Dona Alda', como costumamos chamá-la, participa das atividades culturais que envolvem a Literatura de Cordel, as artes manuais e os grupos folclóricos da terceira idade. Sempre escreve seus versos pautados em experiências em viagens e na sua visão sobre fatos da atualidade. Dona Alda começou a escrever após a aposentadoria e é autora de dezenas de folhetos (FILHO, 2015, p. 16).

Percebemos, assim, que dona Alda começou a escrever cordéis após finalizar o exercício de outras duas profissões. Isso pode significar um

desejo guardado que só foi possível realizar após os anteriores e necessários à sua subsistência serem concluídos.

A capa do folheto de cordel *Aracaju ontem e hoje!*, da autora Alda Santos Cruz, de 14 x 10 cm, traz em sua composição duas fotografias da “praça Fausto Cardoso” em diferentes épocas e cuja autoria não está informada. Esse espaço é muito significativo para a cidade por ter o nome de uma personalidade que representou Aracaju no cenário político. Além de ser um espaço que tem o nome de uma personalidade que carrega muitas memórias, a “praça Fausto Cardoso” é também um símbolo porque seu nome está ligado à resistência ao poder do grupo de senhores de engenho do início do século XX, em que a submissão do povo já não era mais aceita. Assim, em uma única imagem, a poetisa mostra representações variadas de Aracaju.

As sequências verbo-visuais estão organizadas da seguinte forma: nome do gênero textual: “Literatura de cordel”; título: “*Aracaju ontem e hoje!*”; duas fotografias da “praça Fausto Cardoso”; nome de identificação da profissão da autora: “cordelista”, e, por fim, o nome da escritora: “Alda Santos Cruz”. Na parte de cima da capa, há uma fotografia mais antiga que possivelmente representa o “ontem” e, na parte de baixo, uma fotografia mais atual que pode representar o “hoje”, ambas as palavras – ontem e hoje – constam no título do folheto. Trata-se de uma capa que selecionou um espaço, um símbolo e memórias de uma personalidade que representou a cidade de forma ímpar. Enquanto espaço, é um local que remete a inúmeras memórias relacionadas à cultura e ao entretenimento da qual foi palco. Enquanto personalidade, trata-se de alguém que defendeu interesses dos aracajuanos contra a aristocracia da época, e enquanto símbolo relembra lutas.

O folheto traz ainda uma quarta capa contendo os elementos verbais: “A AUTORA”; profissão da autora: “cordelista”; nome da autora: “ALDA SANTOS CRUZ”; um poema “Céu todo Azul / Chegar no Brasil por um atalho / Aracaju / Terra cajueiro papagaio / Araçazu / Moqueca de cação no João do Alho / Aracaju”, de autoria do cantor Caetano Veloso”; número do folheto: “74”; nome da editora: “TURBOCAJU”; número do telefone da editora: “(79) 3222-4769”, e, por fim, endereço de e-mail da editora: “turbocaju@hotmail.com”.

Impresso em papel tipo manilha, o cordel foi encadernado no tipo brochura, escrito em oito páginas, marcadas com números arábicos centralizados no rodapé, e no cabeçalho a centralização é do nome da autora, ALDA SANTOS CRUZ, nas páginas pares. Nas ímpares, constam o nome do folheto, ARACAJU ONTEM E HOJE. Nesse folheto, consta, ainda, uma informação atípica para folhetos de cordel: no meio da narrativa, entre versos, nas páginas dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito, constam imagens (fotografias) do carrossel do seu Tobias, da saboaria Aurora, da fruta mangaba, do radialista Silva Lima, da praça Fausto Cardoso, de uma quadrilha junina e de Aracaju às margens do Rio Sergipe, respectivamente.

O título “*Aracaju ontem e hoje!*” é composto por uma frase nominal formada, primeiramente, pelo vocábulo “Aracaju”, acerca do qual Alves (2003, p. 88) assinala que existe “Outra versão sobre o nome da capital de Inácio Barbosa e dada pelo naturalista e viajante alemão Karl Fredrich von Martius (1794-1868). Para ele, ‘Aracaju’ significa, simplesmente, ‘lugar dos cajueiros’. O topônimo nomearia cajueiral – sítio de cajueiros”. Assim, seu significado vai além do “tempo”, como informado no primeiro folheto analisado, em face dos advérbios de tempo

“ontem” e “hoje”. Essencialmente, os advérbios indicam circunstâncias. O uso desses dois vocábulos em uma mesma frase se propõe a mostrar como era a capital sergipana no passado, como também o é no presente, sendo possível fazer comparações entre os fatos, não nos esquecendo da conjunção de adição “e” no mesmo título. Ela liga orações de igual objetivo e dita diferentes relações. No título do folheto, liga o tempo remoto ao tempo atual.

Ao observarmos a linguagem visual da capa, vemos duas fotografias de um mesmo espaço e símbolo, ou seja, que representa memórias com nome de uma personalidade da praça Fausto Cardoso evidenciada nas legendas. Trata-se de imagens registradas em diferentes épocas.

A primeira fotografia, localizada na parte de cima da capa, centralizada à esquerda, mostra uma imagem antiga. Nela é possível perceber que o foco foi feito do alto, possivelmente de um prédio que fica ao redor da praça. A centralização principal está nas árvores e nos pés de coqueiro que ali havia em predominância, como também em dezenas de casas que ficavam à sua frente. Ao fundo da imagem, vemos um pouco mais dos arredores da praça, casas e mais casas e parte do rio Sergipe.

A segunda fotografia da praça Fausto Cardoso, localizada na parte inferior da capa, centralizada à direita, mostra uma imagem mais atual, cujo ângulo do registro foi feito do chão, centralizando pés de coqueiro, um coreto que não existia ou não foi focalizado na primeira imagem e a estátua de Fausto Cardoso. Ao fundo da imagem, vemos o prédio da Assembleia Legislativa.

Ao longo dos anos, a praça continuou com os mesmos valores, pois ainda é o espaço das festas natalinas, de instalação de parques de diversão, de feiras de artesanatos e de exposições culturais. Por ter a

Assembleia Legislativa à frente, é palco também de manifestações populares das mais diversas reivindicações, constituindo outras memórias e se afirmando como um símbolo de luta.

O elemento personalidade faz parte desta pesquisa. Assim, o folheto *História de Aracaju* (2006) apresentou Inácio Barbosa, Sebastião Basílio Pirro e Pero Gonçalves. Já no folheto em questão é apresentado Fausto Cardoso. A importância dele foi tão significativa para a cidade que, 40 anos após a morte dele, passou a ser homenageado com a celebração de uma missa na data de seu falecimento, todos os dias 28 de agosto. Sua morte, neste ano de 2020, completou 134 anos. Por fim, a história de Aracaju o apresenta como um herói e um defensor da classe pobre e de outras minorias.

Segue fotografia com a imagem de Fausto Cardoso.

Figura 10: Fausto Cardoso.



Fonte: Domínio público.

Nesse contexto, percebemos que Fausto Cardoso marcou a história de Aracaju de forma significativa. Segundo Correa, Correa e Anjos:

No início da República dois nomes tiveram grande destaque na política sergipana. O monsenhor Olímpio Campos do grupo “Cabaú”, velho político do Império ligado aos senhores de engenho. Foi deputado provincial, e na República foi eleito presidente do Estado e senador.

O outro foi Fausto Cardoso do grupo “Peba”, participante ativo da propaganda republicana, advogado, poeta e jornalista. Na República exerceu dois mandatos de deputado federal. Era apoiado pelos setores médios urbanos e senhores de terras adversários de Olímpio Campos.

A partir de 1904 o deputado Fausto Cardoso, junto com outros políticos sergipanos, passou a fazer forte oposição ao poderoso padre Olímpio Campos e a seu grupo (2011, p. 51).

O ano de 1906 foi marcante para os aracajuanos no campo político, pois os ânimos se exaltaram, e os principais rivais da disputa política foram assassinados. A seguir, trazemos um relato dos acontecimentos anteriores às mortes:

Em 1906, a rivalidade entre os “olimpistas” e os “faustistas” ficou mais forte. Ao chegar em Aracaju vindo do Rio de Janeiro, Fausto Cardoso foi recepcionado com grande festa popular sendo muito elogiado pelos jornais e políticos da oposição.

No dia 10 de agosto de 1906, os “faustistas” conseguiram revoltar a Força Pública (atual Polícia Militar) que atacou o Palácio do Governo, obrigando o presidente Guilherme de Campos, irmão de Olímpio Campos, a renunciar. Assim os “faustistas” tomaram o poder colocando no Governo o desembargador João Loureiro, enquanto no interior eram derrubados os intendentes (atuais prefeitos) ligados ao “olimpismo” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 51).

Por fim, concluímos que, a partir da escolha de uma única imagem para compor a capa do folheto na linguagem visual, a poetisa conseguiu representar a cidade de diversas maneiras por intermédio de um símbolo – a praça Fausto Cardoso – que fez parte da memória dos aracajuanos por ser o local que ocupou as comemorações de festas natalinas e feiras de artesanatos, bem como por ter sido cenário de disputas políticas e ter o nome de uma das maiores personalidades da cidade: Fausto Cardoso.

O folheto *Aracaju ontem e hoje!* é composto por dezessete estrofes em sextilhas com esquema rítmico ABCBDB, sendo possível dividi-lo em sete partes: a primeira compreende as duas primeiras estrofes, nas quais a poetisa apresenta a cidade; a segunda, localizada na terceira e quarta estrofes, em que a autora discorre a respeito de suas memórias; a terceira se situa entre a quinta e a nona estrofes e se refere a aspectos econômicos; a quarta se encontra entre a décima e a décima segunda estrofes e contém aspectos do entretenimento; a quinta está entre as estrofes décima terceira, décima quinta e décima sexta e apresenta aspectos culturais; a sexta compreende a décima quarta e contém aspectos religiosos; e a sétima parte, na décima sétima estrofe, elogia e parabeniza a cidade.

A narrativa é iniciada pelo nome do título do folheto *Aracaju ontem e hoje!*, e na sequência são apresentadas as dezessete estrofes. Na primeira parte, que compreende as duas primeiras estrofes, a poetisa apresenta a cidade da maneira como ela a enxerga: como o objeto colcha, que tem como utilidade cobrir pessoas ao mesmo tempo que as aquece e as protege de circunstâncias temporais. De início, percebemos que a autora vê a cidade como um porto seguro, um espaço de acolhimento:

Vejo em nossa Aracaju
Uma colcha de pedaços
Não por deterioração,
Mas uma colcha de retalhos
Que se chama “fuxico”
Vejo um ninho, um agasalho (CRUZ, 2014, p. 1).

O vocábulo “fuxico” traz em seu sentido denotativo o ato de fazer fofocas e espalhar informações de forma a serem criadas intrigas, mas também deu nome a uma forma de artesanato bastante antiga, cujos detalhes citamos a seguir:

Uma das formas de artesanato envolvendo trabalhos manuais é o fuxico que é uma técnica de trabalhar com retalhos de tecidos e os transformando em diversos tipos de artigos têxteis como: colchas, almofadas, roupas, tapetes, bolsas, diversos acessórios entre outras coisas e que para (4) esse artesanato é muito importante do ponto de vista de preservar o meio ambiente. Visualizamos que um pedaço de tecido, junto com a linha, a agulha e a criatividade se transformam em outras peças de artigos têxteis e com custo baixo. Já (5) descreve que o fuxico é um trabalho de toque exclusivo e único, dando a garantia da personalidade de cada item, sendo indiscutivelmente um dos ingredientes necessários ao requinte obtido, podendo existir modelos iguais, mas nunca com a mesma identidade. (4) Jacó; (5) Oliveira (apud NASCIMENTO; SILVA, 2009, p. 1).

Esse tipo de artesanato é bastante antigo, sua existência já ultrapassa um século e meio. De início, no fazer do artesanato fuxico, o ato de fofocar fazia parte:

Existe há mais de 150 anos, sendo considerada uma tradição do Brasil que remonta ao período colonial onde os tecidos na época eram artigos de luxo destinados apenas as Sinhás, e os restos, as sobras desses tecidos as escravas juntavam e se reuniam nas senzalas para cosê-los com pontos largos (alinhavos) e ao mesmo tempo cochichavam, mexericavam sobre a vida dos senhores (5). Depois houve seu desenvolvimento e acolhimento no Nordeste do Brasil, fazendo parte da cultura nordestina. Vale ressaltar que o fuxico esteve associado à classe social de baixa renda e/ou comunidades rurais, e passou a ser valorizado cerca de uma década para cá, com o surgimento da customização e a introdução do patchwork na moda e na decoração (7). (5) Oliveira; (7) Moraes (apud NASCIMENTO; SILVA, 2009, p. 1).

Na segunda estrofe, Cruz (2014) reforça que a cidade tem histórias decentes que podem estar ligadas ao acolhimento apresentado inicialmente. Assim, ela ratifica sua maneira de ver a cidade de maneira acolhedora por meio das expressões na forma de personificação “conviver”, “sem esquecer” e “ter [...] em mente” como protagonistas de situações vividas por ela no passado, no presente e as que pretende viver no futuro.

Esta cidade sabe bem
Conviver com o "presente"
Sem esquecer o passado
Ter o futuro em mente
Sabe mostrar para o mundo
Uma história decente (CRUZ, 2014, p. 1).

Nessas estrofes, é possível perceber o uso das figuras de linguagem metáfora, que produz sentidos figurados por meio de analogias, a exemplo de: “uma colcha de pedaços”, “uma colcha de retalhos”, “um ninho” e “um agasalho”; e personificação, cuja função é dar características humanas a seres inanimados. Em nosso caso, as características atribuídas à cidade de Aracaju são abstratas, informando que ela “sabe”, “convive”, “não esquece”, “tem em mente”, bem como “sabe mostrar”.

Na segunda parte do cordel, a autora apresenta algumas de suas memórias das épocas de infância e adolescência, diferentes das de Nascimento (2006) descritas no folheto analisado anteriormente, em que ele apresentou as lembranças da época de adulto. Na terceira estrofe, lembra a poetisa do famoso “carrossel do Tobias”. Ele encantou milhares de crianças, bem como adultos, nas décadas de 1960 a 1980. Além de o brinquedo carrossel ter seu encanto próprio, seu Tobias, para quem não conheceu à época de seu funcionamento, tem um segredo que demonstra uma criatividade surpreendente dos seus criadores, como percebido na figura 11. Seu Tobias era um boneco de cor preta, vestido de terno e gravata. Ao ouvir falar do carrossel do Tobias, eu, enquanto leitora e não conhecedora desse brinquedo, associei o nome Tobias ao dono do brinquedo e não a um possível símbolo – como de fato o era. No folheto analisado, aparece da seguinte forma:

Aracaju, se você viveu
Lembra o “Carrossel do Tobias”
Do saudoso Milton Santos
Pai do professor Wilder
Esse “monstro” em literatura
Uma cultura viva (CRUZ, 2014, p. 1).

Figura 11: Imagem do boneco do seu Tobias.



Fonte: Acervo da autora.

A descrição do poder do carrossel é feita na quarta estrofe. Dessa forma, é possível perceber o quanto o fascínio pelo carrossel do seu Tobias foi grandioso, fazendo dele um símbolo de felicidade da época, bem como de um personagem popular mesmo sendo um boneco. Ambos os elementos, símbolo e personagem popular, são também diferentes dos informados por Nascimento (2006), que optou por citar o caju, o pé de

cajueiro, a arara, o papagaio, os arcos e o caranguejo, o indígena João Mulato e João Bebe-Água, respectivamente.

Melins (2001, p. 36) descreve como o carrossel funcionava e de que forma o boneco do seu Tobias se apresentava:

A partir das 16 horas, o carrossel de seu Tobias, repleto de crianças, estava funcionando a todo vapor; um apito fino e estridente, ouvido por todo o parque e ruas próximas, anunciava que os festejos tinham começado.

Seu Tobias, em pé na plataforma, paletó listrado, camisa vermelha, gravata borboleta, acionando seu realejo através de braço mecânico, movimentava a cabeça para os lados. Era a maior atração da garotada.

Além do boneco do seu Tobias, Cruz (2014) também resgata de suas memórias mais dois personagens populares: Milton Santos, dono do carrossel do seu Tobias, e seu filho, professor Wilder, de Literatura, que atualmente exerce a função de radialista na rádio Cultura de Aracaju.

Milton Santos não foi apenas o dono do carrossel do seu Tobias. Esse personagem popular, nascido em Siriri, fez parte de outros momentos da cidade como gráfico e vereador por 28 anos, exercendo sete mandatos consecutivos. Abaixo, seguem mais informações sobre ele:

Profissional da comunicação, Milton Santos esteve sempre próximo ao povo, quando o foco eram os problemas enfrentados no social e estruturais. Com a intenção de ajudar a população que acreditava no jornalista, Milton resolveu ingressar na carreira política. Disputou a eleição pra vereador em Aracaju, assumindo a cadeira em 1955, que deixou ape-

nas em 1983, quando desistiu de participar da vida pública devido à idade que estava avançando e problemas de saúde. A comunicação começou cedo na vida de Milton Santos. Funcionário aposentado da Segrase, antes de enveredar pelos caminhos do jornalismo, Milton foi mecânico de tipografia da editora que publica o Diário Oficial.

Milton também deixou herdeiros no mundo da comunicação sergipana, a exemplo dos radialistas Wilder Santos e Jairo Alves de Almeida, filho e genro, além dos netos Jairo Júnior e Bruno Almeida, radialista e jornalista.

O outro lado de Milton Santos foi mais particularizado pelas crianças de Aracaju entre os anos 60 e 80, quando Milton era proprietário do famoso “Carrossel do Tobias”. Muitas famílias levavam suas crianças até o brinquedo para se divertir, todos os dias da semana (F5 NEWS, 2012, s/p).

Ainda na terceira estrofe, a autora recorreu à figura de linguagem gíria para enaltecer o personagem popular professor Wilde, a quem ela chama de “monstro” em leitura. Gíria é o emprego de uma palavra em sentido conotativo, que nesse caso se refere a alguém com potencial, diferentemente do sentido real, pois a palavra “monstro” em seu sentido denotativo diz respeito a algo ruim, mau.

Gíria provavelmente do étimo espanhol gíriga, jargão de trabalhadores da construção de casas e também de cesteiros, modo de falar surgido nas Astúrias, na Espanha, cuja denominação é ligada a jeringonza, geringonça. Algumas gírias consolidaram-se na norma culta da língua portuguesa, de que são exemplos capanga, bolsa de mão; arquibaldo e

geraldino, torcedores que nos estádios ficam na arquibancada ou na geral; loteca, lotéria; dondoca, formada de dona oca, mulher inculta e rica, preocupada excessivamente com aparência; repeteco, repetição; vidrado, para apaixonado, por ficarem os olhos de tal modo em alguém que eles pareceriam de vidro. Mas a maioria das gírias tem vida efêmera (SILVA, 2014, p. 226).

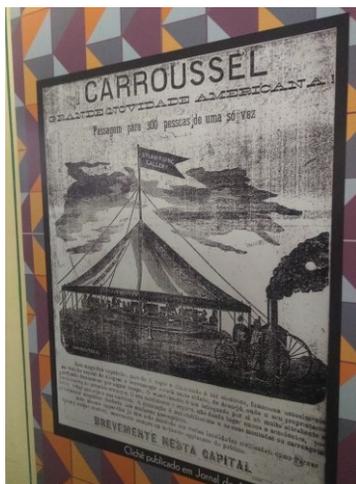
A respeito do carrossel do seu Tobias, os poetas populares Dantas e Andrade registraram suas impressões dessa memória, conforme pode ser lido, respectivamente, em:

E na praça iluminada
De tamanhas alegrias
A gurizada a correr
No carrossel do seu Tobias
Um carrossel bem vibrante
Mostrando a todo instante
Um mundo de fantasias (2006, p. 7).

Tinha as festas natalinas
Era uma maravilha
Na praça Olímpio Campos
Reinava muita alegria
Como era lindo ver as crianças
E a festa da infância
No carrocel (sic) de Tobias (2005, p. 8).

Abaixo segue imagem da propaganda do carrossel:

Figura 12: Imagem propaganda do carrossel.



Fonte: Acervo da autora.

Na quarta estrofe, a lembrança da autora se dá em relação ao imaginário de criança que teve o prazer de andar no carrossel e, por meio da figura de linguagem personificação, informa ela que o brinquedo “carrossel transformava” criança em adulto, transportando-a para uma fantasia de estar realmente andando em um cavalo, como expresso nos versos a seguir:

O carrossel transformava
A criança em adulto
No seu possante cavalo
Via nele o seu reduto
Um fazendeiro abastado
Um haras, a criança: um astuto (CRUZ, 2014, p. 2).

Na terceira parte do miolo, o enfoque é dado a aspectos econômicos. Sendo Aracaju uma cidade em desenvolvimento, muitas atividades econômicas surgiram ao mesmo tempo. Assim, fábricas de tecidos, coco e sabão foram inauguradas. Na sequência, a atividade comercial que deu continuidade foi a de venda de frutas em feiras livres.

Na quinta estrofe, a poeta popular cita as fábricas pioneiras em atividade industrial em Aracaju, e Cabral (1948, p. 100) destaca os nomes delas: “Duas modernas fábricas de tecidos enriqueceram o parque industrial da cidade: a Confiança e a Sergipe”. Ainda nessa estrofe, é enfatizada a passagem do tempo, pois ambas as fábricas encerraram suas atividades, dando espaço a outras empresas, uma de *call center* e outra a um shopping.

Antigas fábricas de tecidos
Ali no Bairro Industrial
A proletária Confiança
É Alma Viva no final
A pioneira Sergipe fabril
Futuro shopping magistral (CRUZ, 2014, p. 2).

A rotina dos operários, naquela época, foi descrita por Andrade:

Seis horas, seis e meia se ouvia
Dois apitos muito longos
Era as duas fábricas têxtil
Aos operários avisando
Para eles ter cuidado
Para não chegar atrasado
Que a hora está chegando (2005, p. 7).

Da atividade industrial também fizeram parte a produção de sabão e o beneficiamento do coco, como informado na sexta estrofe:

E a Saboaria Aurora?
A fábrica de coco Serigy?
Tudo isso era “suporte”
Da economia daqui
Braços fortes, mãos amigas
Aracaju era assim (CRUZ, 2014, p. 3).

Nas composições das duas estrofes listadas anteriormente, mais uma vez a autora recorre ao recurso da figura de linguagem personificação. As expressões “proletária” Confiança e shopping “magistral”, quando fala desses comércios, e “braços fortes” e “mãos amigas”, quando se refere a Aracaju, incorporam características dos seres humanos.

Naquela época, em Aracaju, a armazenagem dos produtos comercializados em feiras livres era feita em “cestos” ou “caçuás”, e as mercadorias eram transportadas por meio dos mais variados meios de transporte, que iam desde os ombros de homens e mulheres, passando por jêgues e canoas, assim descritos na sétima e nona estrofes:

Aracaju transportava
Todo o seu produto
Em modestos “cestos ou caçuás¹⁸”
Esses, fabricados de junco
Um cipó muito forte
Igual a “tudo que é justo” (CRUZ, 2014, p. 3).
[...]

¹⁸ Cesto de cipó, taquara ou vime, fasquias de bambu para colocar na cangalha nas costas do burro, cavalo ou jumento no transporte de alimentos. O mesmo que jacá em outras regiões brasileiras (DICIONÁRIO INFORMAL, 2006-2020, s/p).

Vinha de jegue ou nos ombros
Ombro de um povo sofrido
Também se usava a canoa
Onde o homem vinha “espremido”
Para acompanhar a mercadoria
E ter seu lucro garantido (CRUZ, 2014, p. 4).

Na sétima estrofe, a autora utiliza-se da linguagem metafórica para comparar o forte do cipó com a justiça. Trata-se de uma comparação assertiva, pois, quando a justiça é feita, ela se fortalece igual a um cipó. Já na nona estrofe, a linguagem oral está presente quando a escritora utiliza a palavra “espremido” no sentido figurado para se referir à forma como os comerciantes vinham dentro das canoas. Tal palavra em seu sentido real é empregada para se referir ao ato de obter suco de frutas, a exemplo de laranjas.

Feiras livres, muito comuns na cidade de Aracaju, são espaços de comercialização de produtos variados. Praticamente em todos os bairros há feiras livres em vários dias e horários. Elas são verdadeiros acontecimentos. Como relatam Correa, Correa e Anjos (2011, p. 188), “Os aspectos marcantes da feira livre são a agitação, o vozeiro, pessoas indo e vindo, comerciantes apregoando em voz alta a qualidade e o bom preço de seus produtos, os fregueses reclamando ou pechinchando”. Assim, na oitava estrofe, Cruz destaca as frutas vendidas nesses pontos de vendas. Todas elas são plantadas nos mais variados municípios do Estado, com destaque para a cidade de Pirambu:

Transportava manga, goiaba
O saboroso caju,
A banana, a jaca.
Também vinha de Pirambu
A nossa famosa mangaba
Pra feira de Aracaju (2014, p. 4).

Em relação a Pirambu:

Para algumas fontes, a nomenclatura do município vem de um peixe comum na região (o pirambu), para outras vem do nome de um chefe indígena que habitou a antiga povoação.

A povoação chamada inicialmente de “Ilha” passou a ser habitada por pescadores no início do século XX, que praticavam a pesca de subsistência nos rios Pomonga, Japaratuba e no Oceano Atlântico, além da caça e agricultura. O comércio era baseado no escambo e as moradias feitas de palha. Em 1911 foi instalada uma casa comercial e fundada a colônia de pescadores. Em 1912 a povoação passou a condição de vila, onde foi construída a igreja em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes. Em 1934 com a emancipação de Japaratuba de Capela, Pirambu subiu à condição de povoado.

Na década de 60 do século XX, um grupo de lideranças locais iniciou um movimento de emancipação política de Pirambu. João Dória do Nascimento, vereador de Japaratuba; Manuel Amaral Lemos, produtor rural; Abelardo do Nascimento e José Lauro Ferreira, pescadores; e Xavier dos Santos encabeçavam o movimento.

Em 26 de novembro de 1963 foi sancionada o projeto de lei apresentado pelo deputado estadual Nivaldo Santos, que

elevava o povoado à categoria de município com a denominação de Pirambu, desmembrado de Japarutuba. Com a popularidade, o vereador japarutubense João Dória do Nascimento foi eleito o primeiro prefeito de Pirambu, tomando posse em agosto de 1965 (PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAMBU, 2020, s/p).

Em outra composição da autora Cruz, intitulada *Conheça Sergipe: capital, Aracaju* (s/d), ela também listou e destacou as frutas típicas da cidade, que também são fontes de renda. Dessa forma, percebemos o quanto a autora valoriza o comércio de frutas.

Conheça Aracaju
Vá ao Mercado Central
Tem frutas saborosas
Com seu sabor natural
Lá tem manga, tem caju, goiaba
Também tem a mangaba
Sucos de sabor ideal (CRUZ, s/d, p. 3).

Na quarta parte do cordel, a poeta popular enfatizou aspectos do entretenimento. Ela citou personagens populares do setor de comunicação, especificamente os que atuavam em emissoras de rádio, e destacou a diversão por meio das famosas retretas acontecidas no coreto da praça Fausto Cardoso. “A rádio, na Cidade de Aracaju, nasceu em 1940. A PRJ-6, Rádio Difusora de Sergipe, com excelente estúdio, não constitui uma promessa, mas uma brilhante realidade” (CABRAL, 1948, p. 218).

Na décima estrofe, relembra Cruz o radialista Santos Mendonça. Ele, um personagem popular dos mais famosos em sua época, marcou

a comunicação das rádios, criando um estilo copiado por seus contemporâneos:

Na área, “comunicação”,
Ponto para o “Calendário”
Comando: Santos Mendonça
As 18h30min no rádio
A falar sobre política
Durante todo o horário (CRUZ, 2014, p. 5).

Então, a seguir, temos que:

Naquela mesma época já despontava na Rádio Difusora, antiga Aperipê, um locutor e animador, que mais tarde viria a ser um dos expoentes da comunicação sergipana, através de diversos programas, como o famoso CALENDÁRIO. Trata-se do grande jornalista, SANTOS MENDONÇA (MELINS, 2001, p. 143).

Outro fenômeno da comunicação no cenário de Aracaju, apresentado na décima primeira estrofe, é José da Silva Lima, conhecido apenas por Silva Lima:

Às 12h30min, senhores
O “Informativo Cinzano”
Fala de tudo e de todos
Silva Lima no comando
O programa tinha patrocínio
Do Café Sul Americano (CRUZ, 2014, p. 5).

O sucesso desse personagem popular foi tão grande que ele, Silva Lima, é lembrado até os dias atuais. Melins faz duas referências a esse locutor, conforme informado abaixo:

[...] o maior fenômeno da radiodifusão em Sergipe, foi o forasteiro e então desconhecido, JOSÉ DA SILVA LIMA que começou timidamente fazendo comentários esportivos. Alguns anos depois, criou programas famosos em outras emissoras, que até hoje são lembrados pelos rádio-ouvintes sergipanos (2001, p. 144).

A Rádio Liberdade, teve seus anos de glória, com as acertadas contratações de JOSÉ DA SILVA LIMA, o maior fenômeno do rádio sergipano, que fez sucesso nos programas esportivos, sentimentais e principalmente com famoso Informativo Cinzano, levado ao ar diariamente às 12:30hs., ouvido por todos os sergipanos que se atualizavam com as notícias sensacionais, dadas pela entonação própria do Alô Maninho (2001, p. 144).

Destacadas na décima segunda estrofe, as retretas, “concerto de uma banda de música em praça pública” (FERREIRA, 2001, p. 605), são o segundo elemento citado pela autora como outro exemplo de entretenimento em Aracaju, como também constituintes de suas memórias:

As retretas aos domingos
Também às quintas-feiras
Movimentando a sociedade
Inclusive a realeza
Ali na Praça Fausto Cardoso
Uma verdadeira beleza (CRUZ, 2014, p. 6).

Assim, como descrito abaixo, as retretas eram um acontecimento desde a saída das bandas dos quartéis onde se encontravam até o coreto da praça Fausto Cardoso onde iam fazer a apresentação, por isso:

Todas as quintas-feiras, domingos, feriados ou dias santificados, havia na praça Fausto Cardoso o concerto (sic) popular executado pelas Bandas do Exército Brasileiro e da Polícia Militar. A orquestra do Exército chegava à praça em ônibus no quartel do 28º BC. Já a da Polícia, saía do quartel da rua de Itabaiana com Estância, em marcha, passava pelas Ruas Estância e Pacatuba, tocando marchas militares e dobrados, acompanhada por dezenas de crianças, até chegar ao coreto, onde se realizaria a tocada (MELINS, 2001, p. 111).

Na quinta parte do folheto, a autora optou por mencionar aspectos culturais lembrando festas populares como o São João e seus quadrilheiros e a execução da medicina por farmacêuticos, citando outros personagens populares como Anatólio, Tonho Rodrigues e Leonardo. Por isso, na décima terceira estrofe, Cruz, ao falar da cidade e de seus filhos como aqueles que têm bom gosto, revela o motivo de Aracaju ter uma cultura tão diversificada:

A prova de que Aracaju
É uma cidade social
Um gosto muito apurado
Que luta por um ideal
É agregar todos os seus filhos
Numa paz e harmonia total (2014, p. 6).
[...]

A magia das noites de São João, das quadrilhas e dos seus quadrilheiros é exaltada na décima quinta estrofe:

Aracaju era linda
Nas noites de São João
As quadrilhas, os quadrilheiros
Nos lembram o sertão
As roupas muito bonitas
De algodãozinho ou chitão (CRUZ, 2014, p. 7).

Melins descreve o fervor dessa época a seguir:

Os festejos juninos começavam à meia-noite do dia 31 de maio, com a elevação do mastro, tirado das matas do Manoel Preto ou da floresta da Ibura. O pioneiro desta prática, o senhor Leopoldino Moura, no ano de 1910, foi sucedido por outros moradores da Rua São João (2001, p. 57).

No dia 23, véspera de São João, a população acordava com o estouro das roqueiras, bombas e foguetes. As ruas da cidade, principalmente as que ainda não tinham calçamento e as dos bairros, estavam entrelaçadas por fileiras com milhares de bandeirinhas coloridas, galhos de árvores, mastros, bananeiras e arcos feitos com palha de coqueiro (2001, p. 58).

O uso da figura de linguagem personificação se repete na décima terceira e na décima quinta estrofes. A poeta popular diz em forma de

prosopopeias que Aracaju tem “um gosto muito apurado”, “luta por um ideal”, bem como que ela “é linda”.

Assim, o auge da festa popular acontece com a apresentação das quadrilhas. Elas são as responsáveis pelo olhar atento do público, bem como dos jurados que as julgam ao final das apresentações. “Ocorrem ensaios, apresentações e concursos de quadrilhas juninas, as ruas são ornamentadas com bandeirinhas e balões coloridos, as escolas realizam festas típicas. Com a abertura do Forró-Caju, na capital sergipana, os festejos juninos se intensificam” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 201-202).

Dantas e Santos, respectivamente, descrevem esse momento:

Onde se tinha quadrilha
Com as roupas coloridas
De chinela e chapéu
De frases bem divertidas
Com o seu bom marcador
Cabra de muito valor
Vencedor de tantas lidas (2006, p. 13).

No mês de junho, na orla,
Tem muita animação!
Tem o Arraiá do Povo,
Outra festa de São João,
Com cidade cenográfica,
Forró, comida e quentão... (2018, p. 23).

Por fim, antes de tantas regulamentações na área da medicina, culturalmente as pessoas tinham o hábito de pedir orientação ao

farmacêutico de confiança de qual remédio comprar. Vale registrar que poetas como Carlos Drummond de Andrade exerceram essa função antes de se assumirem escritores. Em Aracaju, alguns farmacêuticos não se tornaram poetas, mas ficaram famosos e respeitados como tais, a exemplo de Anatólio, citado na décima sexta estrofe:

A medicina era marcada
Por farmacêuticos conceituados:
Anatólio, Tonho Rodrigues
Sem esquecer o Leonardo
Profissionais de respeito
E um caráter ilibado (CRUZ, 2014, p. 8).

Na sexta parte do folheto, a autora trata do aspecto religioso, no qual Aracaju tem forte tradição desde sua fundação e é tão difundido pela literatura de cordel:

Em religião lembremos
O saudoso Frei Damião
Lembremos o Frei Anselmo
Quando na “Santa Missão”
Provas de religiosidade
Do verdadeiro cristão (CRUZ, 2014, p. 7).
[...]

É em meio a essa demonstração de fé que a poetisa relembra, na décima quarta estrofe, o personagem popular do campo religioso frei Anselmo. Em sua passagem por Aracaju, ele frequentou a Casa da Fra-

ternidade do caminho e a Fraternidade Toca de Assis. Dantas demonstra suas memórias falando da procissão religiosamente feita no rio Sergipe, todo dia 1º de janeiro:

Também não posso esquecer
Da parte religiosa
Procissão dos navegantes
Bonita e milagrosa
Gente pagando promessa
Com um carinho a bessa
Todo alegre, todo prosa (2006, p. 8).

E o povo na calçada
Vendo o barco deslizar
Com a imagem do Santo
Pra todos abençoar
O rio todo colorido
O povo lá bem vestido
Para ver Jesus passar (2006, p. 8).

Por fim, na última parte do cordel, a autora recheia a décima sétima estrofe da figura de linguagem personificação. Ela enaltece a cidade quando diz que esta é uma representação da “meiguice” e da “simplicidade”, como também que ela é “simples”:

Aracaju! Representas
O sinônimo da meiguice
Apesar dos seus 159 anos
Demonstras que és muito simples
Através das águas tranquilas
Do nosso Rio Sergipe (CRUZ, 2014, p. 8).

De forma conclusiva, pela análise do segundo folheto de cordel, foi possível perceber as mesmas representações da cidade de Aracaju interligadas de forma verbo-visual por meio dos cinco elementos selecionados nesta pesquisa: espaços, memórias, personalidades, personagens populares e símbolos, como também a partir das figuras de linguagem gíria, metáfora e personificação, como identificado no folheto *História de Aracaju*. Contudo, os representantes escolhidos pela autora Alda Santos Cruz foram diferentes dos citados no primeiro folheto analisado. Enquanto Nascimento (2006) focou nos nomes e acontecimentos do período da fundação de Aracaju, Cruz (2014) optou por retratar nomes e fatos de Aracaju em um período posterior à sua fundação, ou seja, em desenvolvimento.

Assim, os espaços citados foram: praça Fausto Cardoso, cidade de Pirambu e feiras livres; as memórias do carrossel do seu Tobias, da procissão dos Navegantes, da inauguração de fábricas de tecido, sabão e coco, das apresentações das retretas, de revoltas políticas, dos programas de rádio, do transporte e das vendas de frutas em feiras livres; como personalidade, Fausto Cardoso; como personagens populares, os radialistas Silva Lima, Santos Mendonça e Milton Santos, o professor Wilder, seu Tobias (boneco do carrossel), os farmacêuticos Anatólio, Tonho Rodrigues e Leonardo, além do frei Anselmo; e os símbolos: praça Fausto Cardoso e o carrossel do seu Tobias.

2.3 *Aracaju como eu vejo (2014)*

O terceiro folheto de cordel que discorre a respeito de representações da cidade de Aracaju escolhido para ser analisado nesta pesquisa foi escrito pelo poeta popular Zezé de Boquim, intitu-

lado *Aracaju como eu vejo* (2014). Dessa forma, ele se torna mais um autor que aceitou o convite do escritor do primeiro folheto analisado, Pedro Amaro do Nascimento, para escrever a respeito de Aracaju em cordel.

Figura 13: Capa do folheto de cordel *Aracaju como eu vejo* (2014).



Fonte: Acervo da autora.

Zezé de Boquim informa na quarta capa desse folheto que:

Nasceu aos 19 de março de 1938 em Pururuca, no município de Lagarto/SE. Foi criado com a avó devido à falta de estrutura social de sua época. Teve pouco acesso aos estudos. Aprendeu a ler através do Cordel. Casou-se aos 23 anos com D. Dalva. Pai de 09 filhos, netos e bisnetos, passou a ser crente aos 36 anos. Hoje é um POETA EVANGÉLICO. Ministra palestras em Igrejas, Escolas e é autor de cento e tantos títulos de Literatura de Cordel (2014, s/p).

Assim, podemos perceber que ele, igualmente aos poetas populares Pedro Amaro do Nascimento e Alda Santos Cruz, é também um dos que tem mais idade e se encontra vivo. Ele é autor de uma vasta produção de folhetos, ultrapassando a marca de mais de cem títulos escritos.

A capa do folheto de cordel *Aracaju como eu vejo*, do autor Zezé de Boquim, de 14 x 10cm, é composta por uma fotografia da Catedral Metropolitana de Aracaju, localizada no centro comercial, cuja autoria não é informada. Trata-se de um espaço e um símbolo religioso frequentado pela elite residente nesta cidade. Lá, é onde também são celebradas missas em comemoração aos eventos e datas importantes de Aracaju.

As sequências verbo-visuais estão organizadas da seguinte forma: título: “*Aracaju como eu vejo*”; fotografia de uma igreja com legenda com o nome da Catedral Metropolitana de Aracaju “sem assinatura”; nome do gênero textual: “Literatura de Cordel”; e nome do autor: “Zezé de Boquim”. Trata-se de uma capa que selecionou apenas um dos espaços que também é um símbolo relacionado à produção do folheto.

Esse folheto traz ainda uma quarta capa com informações verbais apresentadas da seguinte forma: nome do autor: “Zezé de Boquim”; profissões do autor: “Poeta Evangélico & Cordelista Popular”; breve bibliografia: “Zezé de Boquim nasceu aos 19 de março de 1938 em Pururuca, no município de Lagarto/SE. Foi criado com a avó devido à falta de estrutura social de sua época. Teve pouco acesso aos estudos. Aprendeu a ler através do Cordel. Casou-se aos 23 anos com D. Dalva. Pai de 09 filhos, netos e bisnetos, passou a ser crente aos 36 anos. Hoje é um POETA EVANGÉLICO. Ministra palestras em Igrejas, Escolas e é autor de cento e tantos títulos de Literatura de Cordel”; endereço do autor: “Av. Poço do Mero, 652 – Bugio, Aracaju – SE”; telefones do autor: “(79) 9961-9203 /

9131-4651”; e-mail do autor: “zezedeboquim@bol.com.br”; número do folheto: “96”; nome da editora: “Turbocaju”; telefone da editora: “(79) 3222-4769”, e e-mail da editora: “turbocaju@hotmail.com”.

Trata-se de um folheto impresso em papel de tipo manilha, encadernado no tipo brochura, escrito em oito páginas, marcadas em números arábicos, centralizados no rodapé.

O título *Aracaju como eu vejo* é composto por uma frase verbal em primeira pessoa. Em sua estrutura linguística, existem quatro vocábulos, a começar por “Aracaju”, que, de acordo com Teodoro (apud ALVES, 2003, p. 87), revela que:

A explicação etimológica do termo Aracaju é controvertida. Os estudiosos do tupi colonial não estão de acordo quanto ao significado da palavra nativa. Teodoro Sampaio (1885-1937), um investigador pioneiro dos nomes tupis na geografia brasileira, acredita que o vocábulo significa ‘cajueiro dos papagaios’. A palavra seria, na sua formulação primitiva, composta dos elementos: ará = papagaio, acayú = fruto do cajueiro.

Relembrando as análises anteriores, é possível percebermos que existem várias versões para designar o nome da cidade. Além de significar ‘época dos cajus’ e ‘lugar dos cajueiros’, significa também ‘cajueiro dos papagaios’.

Além disso, o título conta com a conjunção subordinada causal “como”, dando a ideia de causa, assim podemos concluir que o que o poeta narra nas estrofes é a cidade como ele a enxerga, podendo ser diferente

da visão dos demais; com o pronome pessoal da 1ª pessoa “eu” e com o verbo “vejo”, ratificando sua visão pessoal da cidade.

Ao observarmos a linguagem visual da capa, vemos a fotografia de uma igreja, que, como informado por meio de uma legenda, se trata da Catedral Metropolitana de Aracaju. Notamos ainda que essa imagem teve seu registro feito do chão, mostrando a catedral de baixo para cima, ampliando a visão do prédio por inteiro, pois, além de mostrar a frente, se mostra o seu lado esquerdo.

Ao longo dos anos, a Catedral conservou seu valor religioso, bem como de um local construído para ser frequentado pela elite aracajuana. Os elementos espaço e símbolo são estudados nesta pesquisa. Em folhetos analisados anteriormente, mostramos os espaços ponte do Imperador, igreja de Santo Antônio, orla de Atalaia, cidades de Itaporanga, Barra dos Coqueiros, Maruim, Laranjeiras e Pirambu, praça Fausto Cardoso e feiras livres, e os símbolos pé de cajueiro, caju, arara, papagaio, arcos da Orla, caranguejo, coco verde, igreja de Santo Antônio, canoa, praça Fausto Cardoso, carrossel do seu Tobias, retretas aos domingos. Nesta análise, inicialmente falaremos da Catedral como espaço. Cabral (1948, p. 183-184) descreve a arquitetura dela de forma real:

A Catedral Metropolitana de Aracaju é um templo que inspira respeito e devoção.

É um monumento sólido, cujas torres, altíssimas, terminadas em agulhas servem de ponto de referência aos turistas e aos viajantes.

Não é um tesouro de arte.

Não é uma joia de estilo.

Não possui, mesmo, a histórica antiguidade da Igreja da Sé, na Cidade do Salvador, onde, do púlpito sagrado, rebolaram as palavras eloquentes de Antônio Vieira.

Não é um templo cheio de mistério, cheio de poeira e de melancolia.

Você verá, amiga, que a Catedral de Aracaju não tem prestígio do tempo nem da história.

É clara, ampla, a luz do sol cindo-se pelos vitrais coloridos.

Possui, atualmente, a graça das ogivas, dos pilares, das rosáceas, toda a beleza vertical da arquitetura religiosa.

Cabral cita outras informações a respeito da Catedral. Destaca as mudanças sofridas por ela ao longo dos anos:

A Catedral de Aracaju, todavia, era bem diferente.

Era, na rude expressão do Gumercindo Bessa, uma “rudis indigestaque moles”.

Era, enfim, do ponto de vista religioso, uma irreverência.

Assim a construíram, lentamente, de 1862 a 1875, os nossos ancestrais.

Era Presidente da Província, ao batimento da primeira pedra, o dr. Joaquim de Mendonça, sendo, vigário paroquial, o Cônego Eliziário Vieira.

Em 1936, porém, Monsenhor Carlos Costa iniciou, corajosamente, a grande tarefa de sua reconstrução.

A pintura é de Orestes Gatti.

A padroeira - Nossa Senhora da Conceição - é escultura de Pereira Beirão, discípulo de Sabino dos Reis.

A Catedral de Aracaju fica no centro do parque Teófilo Dantas, com a frente para o nascente (1948, p. 184).

No site oficial da Catedral, informações a respeito da história dela são divulgadas. Contudo, evidencio as que estão a seguir:

A Catedral Metropolitana de Aracaju localizada no Parque Teófilo Dantas, no centro da cidade, é um dos mais significativos monumentos da arquitetura religiosa de Aracaju.

A Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1862, mas só foi inaugurada em 22 de dezembro de 1875. Sendo que, teve sua obra interrompida por algum tempo, devido a morte do fundador da nova capital, Ignácio Joaquim Barbosa, e pela epidemia de cólera que dizimou centenas de cidadãos na mesma época. Tornou-se Catedral em três de janeiro de 1910, quando foi elevada à categoria de Diocese. [...] Para facilitar as necessidades pastorais e melhor exercer o aprimoramento do trabalho de evangelização católica e de formação humana que já vinha sendo feito em Sergipe, o Papa Pio X, através da bula Divina Disponente Clementia, de 03 de janeiro de 1910, desmembrou da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, a Igreja que estava na província de Sergipe Del'Rei, transformando-a em Diocese que abrangia todo o Estado de Sergipe. Sua instalação se deu no dia 04 de dezembro de 1911, com a posse solene do seu 1º bispo, Dom José Thomaz Gomes da Silva. De fato, com a instalação da Diocese e posse do 1º bispo de Aracaju, a presença da Igreja na história de Aracaju e de Sergipe tornou-se cada vez mais efetiva. Sendo que, é importante ressaltar que a Igreja Católica local teve grande contribuição para o desenvolvimento da capital sergipana nos aspectos culturais, sociais, intelectuais etc. Cinquenta anos mais tarde, a mesma passara à categoria de Arquidiocese, com a criação e em sintonia com as Dioceses de Estância e Propriá (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 2020, s/p).

As comemorações tradicionais como aniversário da cidade, dia da padroeira, missa de Páscoa, Finados e do Galo são celebradas na Catedral, caracterizando-a como um símbolo. Assim, Melins cita o exemplo de celebração do primeiro centenário da cidade:

No dia 17, às 5 horas, Alvorada anunciada pelos clarins da Polícia Militar e salva de cem tiros celebrando o primeiro século da nossa Capital. Às 7 horas, missa solene na Catedral Metropolitana celebrada pelo Sr. Bispo D. Fernando Gomes, com sermão proferido pelo cônego Domingos Fonseca, solenidade assistida pelo Prefeito Municipal, autoridades civis, militares, eclesiásticas e convidados (2001, p. 53).

Essa comemoração aconteceu no ano de 1965.

Dessa forma, por meio da leitura verbal de uma única imagem escolhida para compor a capa desse folheto de cordel, é possível perceber duas das representações fortes de Aracaju e típicas nos escritos do cordel: religiosa e simbólica. Chama nossa atenção o fato de o autor informar ser evangélico e escolher um símbolo católico para compor a capa da sua história.

O folheto *Aracaju como eu vejo* (2014) é composto por vinte e três estrofes em septilha com esquema rítmico ABCBDDDB, sendo possível dividi-lo em seis partes: a primeira compreende a primeira estrofe, em que o poeta fala com os leitores; a segunda, localizada na segunda, terceira e quinta estrofes, apresenta a cidade de Aracaju por meio de símbolos e características; a terceira, que se situa entre a quarta, sexta, sétima, oitava, nona e décima estrofes, apresenta o povo aracajuano; a

quarta, que se encontra entre a décima primeira e a décima sexta estrofes, destaca os espaços; a quinta, localizada da décima sétima à vigésima segunda estrofes, se dirige aos turistas, e, para terminar, a sexta parte se encontra na vigésima terceira estrofe. Nela, o autor volta a falar com os leitores, como inicialmente fez, despedindo-se deles.

A narrativa é iniciada pelo nome do folheto *Aracaju como eu vejo* (2014), e, em seguida, as vinte e três estrofes são descritas. Em narrativas, sejam elas em prosa ou versos, de romances, contos e crônicas, é comum o narrador falar com o leitor. Tal prática, em certa medida, mexe com o imaginário de quem está lendo, provocando a sensação de que faz parte da história. Nas narrativas em cordel, o poeta popular também tem o hábito de conversar com seu leitor.

Na primeira parte desse folheto, que compreende a primeira estrofe, o autor deixa explícito o uso desse recurso quando inicia a estrofe utilizando o vocábulo “Leitores”. Para estes, ele revela o que vão ler nas estrofes que seguem: uma história legal, de palavras breves, para mostrar a beleza da linda capital:

Leitores cheguei de novo
Com uma história legal
Palavra breve pra¹⁹ que
Não enfade o pessoal
Disto eu tenho certeza
Que vou mostrar a beleza
Desta linda capital (BOQUIM, 2014, p. 1).

¹⁹ A norma culta aqui obrigaria o uso do vocábulo “para”. Porém, por razões métricas, foi utilizada a marca de oralidade “pra”.

Na segunda parte do cordel, o poeta apresenta a cidade de Aracaju por meio de símbolos e características. Na segunda estrofe, relembra ele que o Brasil é conhecido nacional e internacionalmente pelo título de “País do futebol”. Esse símbolo se deu pelo fato de o Brasil ter conquistado vários títulos nesse esporte, principalmente por meio do talento do jogador Pelé (Edson Arantes do Nascimento). Acredita-se que, se se referir ao Brasil como o “País da bola” ou “do Pelé”, imediatamente o mundo saberá que está se falando do Brasil. Já Aracaju é reconhecida pelo símbolo de “capital do forró”. Esse título se deu pelo fato de a cidade ter a tradição de festejar as festas juninas em toda a capital durante todos os trinta dias do mês de junho de inúmeras maneiras:

O Brasil hoje se fala
O país do futebol
Aracaju ganhou nome
A capital do forró
Em época de festival
É aqui na capital
Que tem o São João maior (BOQUIM, 2014, p. 1).

Na terceira estrofe, o poeta registra um segundo título pelo qual a capital de Sergipe é conhecida: princesa nordestina. Em administrações públicas passadas, Aracaju chegou a ser a capital da qualidade de vida, e em propagandas políticas e turísticas havia essa informação, afirmando que, dentre as nove capitais dos Estados nordestinos, Aracaju era a melhor para se viver. O poeta, ainda nessa estrofe, cita características que são perceptíveis para quem mora e quem a visita: cidade bem pequenina e bem organizada:

Vemos que Aracaju
Cidade bem pequenina
Dá de presente aos turistas
Uma praia tão grã fina
Por ser bem organizada
Deveria ser chamada
De princesa nordestina (BOQUIM, 2014, p. 2).

Na quinta estrofe, ele continua citando características da cidade, como aquela que tem “estradas asfaltadas”, que é um “lugar não calorento”, que tem “muito sol” e “muita chuva”, ou seja, tempo na medida certa. Ainda nessa estrofe, a figura de linguagem personificação é utilizada quando o poeta informa que a cidade “dá de presente” aos turistas uma praia “grã fina”, sendo que pessoas são quem presenteia e são ricas, e atribui à cidade o estado de “não calorenta”; nesse sentido, quem não irá sentir calor serão seus visitantes e ocupantes:

[...]
As estradas têm asfalto
Com uma moderna curva
Não é lugar calorento
Muito sol ou muita chuva
É uma nova Canaã²⁰
Que dava lindas romãs
E belos cachos de uva (BOQUIM, 2014, p. 2).

²⁰ [...] O nome “Canaã” tem origem histórica e corresponde ao atual Estado de Israel, no Oriente Médio. Segundo a Bíblia Sagrada, Canaã era neto de Noé, que repovoou a região após o “dilúvio”. Tempos depois, a terra foi prometida por Deus a Abraão e sua descendência. Canaã é descrita nos livros de “Daniel” e “Êxodo” como “terra que emana leite e mel” e “Genesis” afirma, sobre os recursos minerais disponíveis na região como: “ouro”, “cobre” e “níquel” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANAÃ DOS CARAJÁS, 2020, s/p).

Quando se fala de uma cidade, muito há o que citar, mas consideramos o povo da terra a representação mais importante. Por isso, na terceira parte do cordel, Boquim (2014) não poupou adjetivos para apresentar os aracajuenses.

Nas estrofes sexta, sétima e oitava, os elogios ou definições atribuídas ao povo da terra foram: “bem educado”, “hospitaleiro e gentil”, “feliz”, “que vive bem satisfeito” e “que criou grandes nomes”. Cabral fez uma declaração a respeito do povo sergipano, que inclui os aracajuanos, que chama muita atenção, pois tal declaração é o oposto do que diz Boquim (2014), a saber: “Estado pobre [...], pequeno, cheio de problemas, abandonado, [...] da proteção do governo federal, criou, assim, para os seus filhos, **um complexo de inferioridade** com o qual o sergipano luta” (1948, p. 38, grifo nosso).

Mas quem são essas pessoas? Gente simples, pescadores, criadores, viventes, produtores e apreciadores de Cultura, prestativos, religiosos, defensores de políticos e política, como aparece nestes versos:

Você vê que Aracaju
Só conhece quem já viu
Um povo bem educado
Hospitaleiro e gentil
São bonitas as nossas praias
Areia que nem cambraia
E as águas cor de anil (BOQUIM, 2014, p. 3).

Aracaju tem orgulho
Não ser pesado a ninguém
E quando toma emprestado
Logo empresta também

Faz o seu povo feliz
Como o ditado que diz
Cada um vale o que tem (BOQUIM, 2014, p. 3).

O povo de Aracaju
Pode bem bater no peito
E dizer pra todo mundo
Que vive bem satisfeito
E também se orgulhar
Só de poderem morar
Em capital deste jeito (BOQUIM, 2014, p. 3).

A linguagem figurada se faz presente na sexta estrofe por meio da figura de linguagem prosopopeia. O autor, ao se referir a Aracaju, lembra o ditado popular do valor que as pessoas têm quando possuem bens materiais. Ele faz uso das expressões “tem orgulho”, “toma emprestado” e “empresta também”.

Na quarta estrofe, a defesa de políticos e da política é confirmada quando o autor revela que “Também as autoridades / São feitas de gente nobre / Governos e Deputados / São os mais ilustrados”:

[...]
Uma das poucas cidades
Que²¹ o rico ajuda o pobre
Também as autoridades
São feitas de gente nobre
Governos e Deputados
São os mais ilustrados
Que o sol deste mundo cobre (BOQUIM, 2014, p. 2).
[...]

²¹ A norma culta exige o adverbio de lugar “onde” para se referir a lugares, nesse caso a cidade.

Na nona estrofe, as personalidades citadas são dois nomes de destaque no cenário político e do comércio de Aracaju: Augusto Franco e Oviedo Teixeira. Já o personagem popular é o religioso Padre Pedro:

Uma terra que criou
Grandes homens de carreira
Padre Pedro, Augusto Franco
E Oviedo Teixeira
Destes homens no Estado
Não tem um teto furado²²
Que apresente goteira (BOQUIM, 2014, p. 4).

Nessa estrofe, o poeta popular também personifica esses filhos da terra quando informa que ela, Aracaju, “criou” grandes homens de carreira.

Figura 14: Padre Pedro.



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe (1987).

²² Que não têm nada a esconder ou que os incrimine.

Acerca do Padre Pedro, tem-se o seguinte:

Pelas ruas de Aracaju, andava bem ligeiro, um homem bom. Era Padre e vestia uma inconfundível batina preta. Era Padre Pedro, um exemplo de amor ao próximo. Quem o conheceu sabe bem o que estou falando.

Pedro Alves de Oliveira, Padre Pedro, nasceu na cidade de Riachão do Dantas no dia 03 de julho de 1904. Foram dez irmãos, mas só cinco vingaram. Dentre eles o Pintor J. Inácio.

Chegou a morar nas cidades de Estância e São Cristóvão ainda pequeno. De uma família Católica, rezava todos os dias com a sua mãe, que era devota de Nossa Senhora. Quando mudou para Aracaju, morando na rua Capela, chegou a ser Sacristão da Catedral onde tocava o sino e ajudava na Missa. Nesta época, o responsável pela Catedral era o Cônego Sarapião Machado, que foi uma figura importante para a entrada de Pedro rumo ao Seminário. A Mãe de Pedro tinha um sonho de ver um filho se tornar Padre. Já no Seminário, sendo um bom aluno, passou a ensinar Português, Francês e Latim no próprio Seminário. No dia 8 de dezembro de 1928, dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Aracaju, Pedro Alves de Oliveira foi ordenado Padre.

Como Padre, foi vigário nas cidades de Propriá, Rosário do Catete, Maruim, Santo Amaro das Brotas, Tobias Barreto e Arauá. No Hospital Santa Izabel, onde foi Capelão por mais de 40 anos, as suas visitas eram diárias. Ele conversava com os doentes e os seus familiares. Pelas ruas de Aracaju ele conversava e dava conforto espiritual aos mendigos. Todos os dias ele saía pelas ruas de Aracaju, a pé, a distribuir pão

para os necessitados. Não aceitava carona de ninguém. Ele vivia na prática o Mandamento da Lei de Deus: “Amar ao próximo como a ti mesmo”.

Também foi Professor, lecionando na Escola Normal, no Colégio Tobias Barreto, no Atheneu e no Seminário. As suas missas eram rápidas, com sermões curtos. Assisti muitas na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Lembro-me que, antes do início da Missa, havia a confissão com o Padre Pedro. Antes de confessar ele fazia algumas perguntas sobre religião. Infelizmente Padre Pedro não está mais entre nós, mas com certeza ele foi e sempre será um exemplo para todos (JORNAL GAZETA DE SERGIPE, 1987, s/p).

Em relação a Augusto do Prado Franco:

[...] nasceu em Laranjeiras (SE) em 4 de setembro de 1912, filho de Albano do Prado Pimentel Franco e de Adélia do Prado Franco, descendente de tradicional família sergipana cujo poderio econômico baseava-se na indústria do açúcar. [...] Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1932, concluindo o curso em 1937. Fez ainda o curso de otorrinolaringologia do Hospital São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Em 1963 assumiu a presidência do Sindicato dos Produtores de Açúcar de Sergipe, mantendo-se no cargo até 1969. Dono da maior usina açucareira do estado e de duas fábricas de tecidos, foi delegado na Confederação Nacional da Indústria (CNI) de 1966 a 1968. Em novembro de 1966 elegeu-se deputado federal por Sergipe na legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação ao

regime militar instalado em abril de 1964, sendo o candidato mais votado em todo o estado. Assumindo o mandato em fevereiro do ano seguinte, tornou-se membro da Comissão de Finanças da Câmara.

[...] Em janeiro de 1986 Augusto Franco transferiu-se para o PFL. Em janeiro do ano seguinte, ao final da legislatura, encerrou sua carreira política.

Durante sua vida pública foi presidente da Usina Central Riachuelo, fundador da Rádio Atalaia e da TV Atalaia, proprietário do Jornal da Cidade, de Aracaju, e diretor da Usina São José do Pinheiro, da Agropecuária São José e da Central de Acabamento, ligada à área de acabamento e estamparia têxteis. Passados 12 anos de afastamento da política, em 1999, era presidente de honra da Fundação Augusto Franco, instituída pelas empresas e pela família, como forma de prestar-lhe homenagem.

Faleceu em Aracaju no dia 16 de dezembro de 2003.

Casado com Maria Virgínia Leite Franco, teve nove filhos, entre os quais Albano do Prado Franco (FGV CPDOC, 2009, s/p).

No que se refere a Oviedo Teixeira:

Oviedo nasceu em Itabaiana a 9 de abril de 1910, filho do casal João Teixeira e Maria São Pedro Teixeira, a d. Caçula. Ao todo, foram 14 filhos: Antônio, Sílvio, Manoel, Lourdes, Oviedo, Olívio, José, Albertina, Aderbal, Bernadete, João, Cecília, Hermes e Elpídio – este último foi o seu sócio nas primeiras investidas comerciais. Começou a trabalhar a partir dos 9 anos de idade, o que era comum não só entre os seus

familiares, como na própria região de Itabaiana. Na Casa Mesquita, pertencente a Mesquita & Irmão, Oviedo fez de tudo: de 3ª a Sábado, atendia no balcão e na 2ª feira ia vender tecidos na feira de Saco da Ribeira, hoje Ribeirópolis. Era já gerente de compras, quando um desentendimento com a empresa, fez soar a hora de ir embora.

[...] Oviedo nunca deixou de ser querido de todos os sergipanos. D. Alda morreu em 1979, mas Oviedo prefere lembrar-se dela com alegria e entusiasmo. Os filhos o têm em carinho inusitado. As instituições de classe do comércio sempre ouvem Oviedo com respeito e admiração. 90 anos de uma vida digna e honrada, um exemplo a ser seguido (INFONET, 2000, s/p).

Em 10 de maio do ano 2000, foi feita uma comemoração em homenagem aos 90 anos dessa ilustre personalidade, Oviedo Teixeira, que inovou o comércio aracajuano e teve uma longa trajetória, resumida no parágrafo abaixo:

O Iate Clube de Aracaju abre suas portas hoje para uma festa de arromba, em comemoração aos 90 anos de idade do Sr. Oviedo Teixeira, uma das grandes personalidades sergipanas deste século, na área do comércio. A festa foi organizada por seus filhos e promete levar até lá a nata da sociedade sergipana para cumprimentar o “Sujeito” que, desde que começou a trabalhar há 81 anos, tem sido um inusitado propulsor do desenvolvimento de Sergipe. Não é Oviedo que está em festa – é todo Sergipe que se orgulha deste filho querido e o abraça comovido (INFONET, 2000, s/p).

Percebemos que o autor enfatiza, na décima estrofe, por meio de suas memórias, a devoção, por que não dizer o endeusamento, a políticos. Para ele, além dos citados acima, existem “muitos outros”. Contudo, nem todo poeta defende essa opinião. Teles (apud FILHO, 2015, p. 39) relata que “[...] já cansei de ouvir de suas praias / das obras e asfaltos construídos / que exaltam políticos envolvidos”. Já no folheto em questão:

E também de muitos outros
Já de saudosa memória
Viveram em Aracaju
Foi grande a sua vitória
Não falo em todos fiel
Se não me falta papel
E não findo a minha história (BOQUIM, 2014, p. 4).

Nessa décima estrofe, o autor justifica-se por não conseguir falar de todos os homens que fizeram história em Aracaju por meio da hipérbole “se não me falta papel” e da ausência da concordância nominal “todos fiel”, que deveria ser “todos fiéis”.

A hipérbole é uma das figuras mais simples de se entender. Tratada como “figura de pensamento”, a hipérbole investe no impacto causado pelo exagero, que tanto pode envolver aspectos físicos, geográficos, arquitetônicos, plásticos, enfim, de algo que se descreve, como também dimensões subjetivas, sentimentos envolvidos, consequências de fenômenos, entre outros (RAMALHO, 2018, p. 34).

Na quarta parte do folheto, o autor volta a falar de espaços. Assim, as pontes são citadas, elas fazem parte da história de Aracaju desde a sua fundação: “[...] as pontes da cidade de Aracaju cheias de encanto e de pitoresco, cheias de maravilhosa cor regional” (CABRAL, 1948, p. 121). A primeira a ser construída e a mais famosa delas foi a do Imperador, já citada no primeiro folheto analisado.

Mas a construção de pontes continuou com o passar do tempo. O poeta, nas estrofes décima primeira e décima segunda, destaca três delas: ponte Jornalista Joel Silveira, ponte Poeta Gilberto Amado e ponte Construtor João Alves. Todas elas interligando Aracaju a outro município sergipano como: a Itaporanga D’Ajuda, a Indiaroba e Estância e a Barra dos Coqueiros, respectivamente:

Aracaju tem ponte
Feitas por necessidade
Pois os nossos governantes
Tiveram boa vontade
Tem a Ponte do Mosqueiro
E da Barra dos Coqueiros
Que embelezam a cidade (BOQUIM, 2014, p. 4).

Tem outra ponte também
Uma beleza de vida
Já no fim do Estado
Bem pertinho da saída
E é uma grande obra
Chegando em Indiaroba
Feita em Terra Caída (BOQUIM, 2014, p. 5).

Sobre a ponte do Mosqueiro (Jornalista Joel Silveira):

A Ponte Jornalista Joel Silveira ligará a região do Mosqueiro, em Aracaju, à praia da Caueira, em Itaporanga D'Ajuda, distante 29 km da capital. O empreendimento terá 1.080 metros de extensão e 14,2 metros de largura. O investimento na obra é de R\$ 51.180.300,00, sendo R\$ 30 milhões do Governo Federal, através do Ministério do Turismo, e o restante em contrapartida do Governo do Estado.

Ao viabilizar a integração da Grande Aracaju com as praias do litoral sul do estado e com os municípios localizados na região, a construção sobre o rio Vaza-Barris irá ampliar o potencial turístico e promover o desenvolvimento de Sergipe, pois serão criadas condições para a atração de investimentos na área de hotelaria e turismo. Os visitantes baianos, que são os que mais geram emprego e renda no estado, também encontrarão mais facilidade para chegar até a capital sergipana (A8SE, 2015, s/p).

Quanto à ponte Poeta Gilberto Amado:

[...] A ponte, que cruza o rio Piauí, é atualmente a maior ponte fluvial em todo o Nordeste brasileiro, com 1.712 metros de extensão e 14,2 metros de largura, com duas pistas de 3,50 metros cada, acostamentos e passeios. Durante a construção da Gilberto Amado foram gerados 1.188 empregos diretos e indiretos, com o maior pico ocorrendo no mês de agosto de 2010, com 689 contratações. Na obra foram consumidos 29.000m³ de concreto, 4.200.000 quilos de aço e 5.9 mil toneladas de asfalto.

[...] José Leal da Costa Bitencourt, prefeito de Indiaroba, ressaltou a importância da escolha do nome de Gilberto Amado para batizar a maior ponte sobre rio do Nordeste. “Além de trazer desenvolvimento aos municípios de Estância e Indiaroba, a ponte faz uma bela homenagem ao poeta Gilberto Amado, cidadão estanciano, que teve seu destaque na sociedade por lutar pelo desenvolvimento estrutural e político de Sergipe” (G1, 2013, s/p).

No tocante à ponte Aracaju/Barra dos Coqueiros (Construtor João Alves):

Linda e imponente, esta é a maior ponte urbana do Nordeste. Ela liga Aracaju à Barra dos Coqueiros, também conhecida como Ilha de Santa Luzia, e tem 1.800 metros de comprimento. Foi construída sobre o Rio Sergipe com o intuito de encurtar a distância entre a capital e as praias do litoral norte, mas acabou servindo também como cartão-postal. Durante a noite, ela fica ainda mais bonita, já que recebe iluminação especial. A ponte pode ser observada do centro histórico ou da Orla do Bairro Industrial, que fica mais perto e tem uma vista privilegiada da construção (MELHORES DESTINOS, s/a, s/p).

Cabral (1948, p. 122) fala das pontes de Aracaju contrastando seu movimento pelo dia e pela noite: “O movimento do dia contrasta, evidentemente, com o silêncio e a quietude da noite”, bem como em forma de protesto e de romantismo: “Durante o dia, em cima dessas pontes, o movimento é intenso, rolam guindastes nas roldanas, guincham carretas

no Taboado, gritam vozes interessadas no embarque e no desembarque dos fardos e dos volumes”.

Assim, Cabral completa que “Durante a noite, porém, sob essas pontes, há crianças e rapazes dormindo, estirados, calmamente, sobre os largos tirantes que sustentam a sua estrutura, enquanto, poucos, palmos abaixo, rugem as águas escuras do Rio Sergipe em procura do mar” (1948, p. 120). Atualmente, a relação de Aracaju com as pontes está com o propósito de encurtar distâncias para os turistas.

Em relação a Indiaroba:

Seu Povoado, Pontal, foi “palco” juntamente com Mangue Seco, povoado de Jandaíra, município ao norte da Bahia que faz divisão de boa parte do território com Indiaroba, do famoso romance *Tieta do Agreste*, do renomado escritor Jorge Amado.

[...] precisamente em 28 de março de 1938, Indiaroba inicia uma nova etapa com a emancipação política, sendo o Sr. Antônio Ramos da Silva, o primeiro Prefeito do município. Atualmente, a expansão turística do litoral da Bahia até Sergipe, com os complexos hoteleiros existentes e a abertura da Linha Verde tornou Indiaroba porta de entrada do Estado sergipano (PREFEITURA MUNICIPAL DE INDIAROBA, 2020, s/p).

No que diz respeito à cidade de Estância:

Pedro Homem da Costa e seu concunhado foram agraciados com as terras onde se encontra hoje o território de Estância. A doação foi feita pelo capitão-mor da Capitania de Sergipe,

João Mendes, em 16 de setembro de 1621, porém, as ditas terras haviam sido adquiridas anteriormente por Diogo de Quadros e Antônio Guedes, os quais não a povoaram nem a colonizaram, razão pela qual perderam o direito da concessão. Tanto Pedro Homem da Costa, como Pedro Alves e João Dias Cardoso, este último sogro dos dois, já ocupava a gleba antes da concessão, com roças e criação de gados.

Quem primeiro desbravou as terras foi Pedro Homem da Costa e nelas edificou uma capela, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, santa que nos consta, é, também, a Padroeira do México. Entre os mexicanos, Estância é uma propriedade de criação de gado e os seus ocupantes são chamados de estancieiros, daí o nome adotado por Pedro Homem da Costa: Estância.

Durante muito tempo, Estância foi subordinada à Vila de Santa Luzia do Real, atualmente Santa Luzia do Itanhy. Só em abril de 1757, o rei autorizou que realizassem na povoação de Estância “vereações, audiências, arrematações e outros atos judiciais na alternativa dos juízes ordinários”, acontecendo assim, a separação jurídica da Vila de Santa Luzia, então em franca decadência. Em 25 de outubro de 1831, a sede da Vila de Santa Luzia é transferida para Estância. Em 5 de março de 1835, é criada a sua Comarca, e, finalmente, a 4 de maio de 1848, foi elevada à categoria de cidade.

A cidade de Estância, denominada por S.M. Dom Pedro II como o jardim de Sergipe, a cidade dos sobrados azulejados, das festas juninas e do barco de fogo, ainda possui um belo acervo arquitetônico (PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTÂNCIA, 2020, s/p).

Na sequência, no folheto em estudo, temos:

As águas do Rio Sergipe
E valor correnteza
Deságua na Atalaia
Mostrando sua grandeza
A força de maré cheia
Para nos bancos de areia
Por ordem da natureza (BOQUIM, 2014, p. 5).

Museu é um espaço que guarda e conserva o passado de lugares e pessoas. Nele é possível reviver histórias e rever produtos e gente que marcaram época. Em Aracaju, como cita o poeta nas estrofes décima quarta, décima quinta e décima sexta, é possível saber do Museu da Gente Sergipana, onde a história de Sergipe, bem como de sua capital, é contada. Tudo nele encanta: o prédio, os elementos escolhidos, o tradicional como a sala do cordel, a barraca com chapéu de couro, os produtos feitos de palha, cipó, barro, o candeeiro, as redes de dormir e as famosas bonecas de pano.

Correa, Correa e Anjos (2011, p. 169) listam alguns dos museus localizados em Aracaju: “Palácio Museu Olímpio Campos, Museu da gente sergipana, Museu do homem sergipano (UFS), Memorial de Sergipe (UNIT), Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Memorial da Bandeira (PMA)”.

Aracaju é uma estrela
Que temos no universo
Redes de supermercado
Trazendo grande progresso
Tudo surge de repente
Como o museu da gente
Que faz o maior sucesso (BOQUIM, 2014, p. 5).

Este museu criou fama
Por ter passado no teste
Feito com matéria prima
Para que ninguém conteste
Uma obra que brilha
Como grande maravilha
Que enriquece o Nordeste (BOQUIM, 2014, p. 6).

Este museu que eu falo
É assunto especial
Feito com arquitetura
De projeto mundial
E tem sido referência
Até mesmo da imprensa
Que se diz nacional (BOQUIM, 2014, p. 6).

Nessas estrofes, o poeta popular fez uso de duas metáforas. A primeira delas para se referir a Aracaju, afirmando que ela “é uma estrela”. A segunda para se referir ao museu quando diz que essa “obra brilha”. Ele ainda o personifica quando diz que ele “criou fama”.

Na quinta parte, o foco são os turistas. A definição do termo detalha o que eles representam para Aracaju:

Turista do inglês *tourist*, pelo francês *tourist*, turista, aquele que viaja por gosto. Radicou-se no latim *tornus*, instrumento em que se faz girar peça de madeira, barro, ferro, aço, com o fim de arredondá-la. A ideia original é girar. Daí ter servido o vocábulo para designar aquele que viaja, tendo entrado para a língua inglesa no século XVIII e para a francesa no XIX. O turista quer conhecer outros países ou regiões, degustando sua comida, contemplando paisagens, enriquecendo-se com outras culturas. E fazendo fotos para mostrar na volta aos que ficaram. Nesse ponto em particular, nenhuma nacionalidade supera os japoneses, que já fotografaram o mundo inteiro (SILVA, 2014, p. 468).

Dessa forma, Aracaju, enquanto local turístico, atrai seus visitantes por alguns motivos. O principal deles é a ideia de ser um local tranquilo, calmo, livre de grandes eventos e violência. Porém, esses atrativos mudaram, e os encantos estão nas praias, na culinária e nas dezenas de pontos turísticos construídos ao longo dos anos.

Nessa quinta parte, o poeta foca nos turistas, que, para esta pesquisa, são considerados personagens populares, ou seja, fazem parte do nosso dia a dia. Por isso, nas estrofes dezessete, dezoito e dezenove, é informado que aqui há para eles sucos das mais variadas frutas, que eles se tranquilizam e podem fazer algo muito gostoso: se banhar e sentar na areia de praia formosa.

O convite é feito, inclusive, na linguagem que a área de turismo usa, com verbos no imperativo, como nas frases: “Conheça Aracaju” e “Faça

isto sem demora”. Na sequência, percebemos que a norma culta não foi priorizada nas estrofes décima oitava, “aqui tu se tranquiliza”, em que o correto seria “aqui tu te tranquilizas”, e décima nona, “tu precisa”, em que o correto seria “tu precisas”, em virtude das alterações de concor-
dâncias verbais:

Muitos turistas que chegam
Que vêm do lado do sul
Tomam suco de laranja
De mangaba ou de umbu
E diz com todo respeito
Um suco bom desse jeito
Só mesmo em Aracaju (BOQUIM, 2014, p. 6).

Eu digo aos turistas
Que estão chegando agora
Conheça Aracaju
Faça isto sem demora
Aqui tu se tranquiliza
Porque tem o que precisa
Sem mandar trazer de fora (BOQUIM, 2014, p. 7).

Tu precisa conhecer
Nossa praia tão formosa
Sentar em cima da areia
uma coisa gostosa
Ver turista se banhando
A mulherada passando
Com lábios bem cor de rosa (BOQUIM, 2014, p. 7).

O sertanejo é um personagem popular dos mais famosos no Nordeste. Seus significados permeiam os seguintes campos: “1. Relativo a ou próprio do sertão. = SERTANISTA 2. Que é rústico, rude, silvestre. 3. Que ou o que vive no sertão. = SERTANISTA 4. [Brasil, depreciativo] Que ou quem, por morar no campo, é considerado rústico, simples ou ignorante. = CAIPIRA” (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2020, s/p). Vestido com roupas e chapéu de couro, ele está sempre montado a cavalo. Mas nessa estrofe o poeta escolheu falar de suas filhas de forma carinhosa. Ele informa que elas têm uma vida confortável, pois desfrutam, igualmente aos turistas, do melhor da cidade: comidas típicas e praias.

Além de um prato típico, entre os símbolos mais famosos da cidade está o caranguejo. Uma estátua em tamanho gigante se encontra na orla da praia de Atalaia.

Você vê como é dengosa
As filhas de sertanejo
Criadas em Aracaju
Comendo carne com queijo
Tomando banho de praia
Comendo pirão de arraia
Guaiamum e caranguejo (BOQUIM, 2014, p. 7).

Já na estrofe abaixo, o autor trata o turista como alguém que contribui para que mais turistas cheguem a Aracaju quando fala que eles multiplicam para outros como é a cidade que visitaram. Assim, o poeta conclui a parte cinco falando ao mesmo tempo do povo e do turista, como se este tivesse igual significado para a cidade. Como dito anteriormente, todo o povo aracajuano cultiva muito apreço por todos aqueles que aqui visitam:

Os turistas chegam aqui
Sem fadiga nem estresse
Quando voltam anunciam
A outro que não conhece
Por isso Aracaju
Desde o Norte até o Sul
A fama se estende e cresce (BOQUIM, 2014, p. 8).

Os aracajuanos
São um povo feliz
Não sou eu que estou dizendo
E o turista que diz
Com toda sinceridade
Aracaju tem a metade
Da riqueza do país (BOQUIM, 2014, p. 8).

Na parte seis, o autor se despede do leitor, voltando a falar com este. Assim, o poeta conclui sua escrita da maneira que a iniciou, falando com o leitor. Na última estrofe, avisa ter concluído sua história e enfatiza a figura do turista, reforçando o convite para ele vir à nossa pequena notável cidade de Aracaju:

Aqui finda minha história
Termino dizendo assim
Para todos os turistas
Que estão pensando em vim
Que venha bem sossegado
Tem um amigo a seu lado
Que é ZEZÉ DE BOQUIM (BOQUIM, 2014, p. 8).

Por fim, concluímos, por meio da análise do terceiro e último folheto de cordel, outra representação da cidade de Aracaju, de maneira simultânea nas formas verbo-visuais, também por meio das categorias eleitas nesta pesquisa: espaços, memórias, personalidades, personagens populares e símbolos, e das figuras de linguagem hipérbole, metáfora e personificação, como identificadas nos folhetos de cordel *História de Aracaju e Aracaju ontem e hoje!*. Entretanto, os representantes escolhidos foram diferentes dos privilegiados por Nascimento (2006) e Cruz (2014). Boquim (2014) focou em nomes e acontecimentos contemporâneos, sendo possível, por meio da junção desses nomes e das ações das três análises dos folhetos, montar uma representação de Aracaju em cordel de forma linear, isto é, em sua fase inicial, média e contemporânea.

Dessa forma, os elementos destacados nesse último folheto como espaços foram: as pontes Aracaju/Barra dos Coqueiros, Poeta Gilberto Amado e Jornalista Joel Silveira, as cidades de Estância e Indiaroba, o Museu da Gente Sergipana e a Catedral Metropolitana; suas memórias listaram os homens do Estado; as personalidades foram Augusto Franco e Oviedo Teixeira; os personagens populares mencionados foram Padre Pedro, as filhas dos sertanejos, o povo aracajuano e os turistas; e os símbolos: caranguejo, títulos de capital do forró e princesa nordestina e Catedral Metropolitana.

Para terminar, a partir do resultado das análises dos três folhetos, foi montado um quadro que permite visualizar em um só lugar, de forma resumida, como ficou a representação de Aracaju por meio da literatura de cordel que escolheu o tema cidade para se discorrer:

Quadro 3: Elementos estudados nos folhetos analisados.

Elementos	Espaços	Memórias	Personagens Populares	Personalidades	Símbolos
História de Aracaju	ponte do Imperador	primeiros transportes	João Mulato	Inácio Barbosa	cajeiro e caju
	igreja Santo Antônio	surgimento da cidade	João Bebe-Água	Pero Gonçalves	arara e papagaio
	orla de Atalaia	desenvolvimento da cidade		Sebastião Basílio Pirro	arcos da orla
	cidade de Maruim	acontecimentos enfiados para mudar a capital			caranguejo
	cidade de Laranjeiras				coco verde
	cidade de Itaporanga				igreja Santo Antônio canoas
Aracaju ontem e hoje!	praça Fausto Cardoso	carrossel do seu Tobias	Milton Santos	Fausto Cardoso	praça Fausto Cardoso
	cidade de Pirambu	São João	Prof. Wilder		carrossel do seu Tobias
	cidade de Barra dos Coqueiros	quadrilhas e quadrilheiros	Santos Mendonça		retretas aos domingos
	feiras livres	inauguração de fábricas de tecido, coco e sabão	Silva Lima		
	coreto praça Fausto Cardoso	programas de rádio	Frei Anselmo		
		carnaval	Anatônio		
Aracaju como eu vejo	ponte do Mosqueiro	Homens do Estado	Padre Pedro	Oviedo Teixeira	caranguejo
	ponte da Barra dos Coqueiros		filhas do sertanejo	Augusto Franco	capital do forró
	ponte Poeta Gilberto Amado		povo aracajuano		Catedral Metropolitana
	muscu da gente		turistas		princesa nordestina
	Catedral Metropolitana				
	cidade de Estância				
cidade de Indiaroba					

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Assim, percebemos Aracaju de forma real e às vezes irreal, nos períodos inicial, médio e contemporâneo, sob aspectos culturais, históricos, religiosos, simbólicos e turísticos, fruto da junção das leituras simultâneas das linguagens verbal e visual e da utilização de figuras de linguagem, de memórias, de personalidades e de personagens populares nos folhetos escritos pelos autores Pedro Amaro do Nascimento (2006), Alda Santos Cruz (2014) e Zezé de Boquim (2014). Nessa representação, é possível perceber que ela foi feita de maneira real por trazer elementos que de fato fizeram ou fazem parte do cotidiano da cidade, por serem esses elementos facilmente encontrados espalhados pela cidade, sobretudo quando são manifestados pela cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura é a maneira que o ser humano adotou para registrar suas vivências, com o objetivo de perpetuá-las para suas gerações futuras. Com isso, o homem criou mecanismos de materialização de suas artes, suas atitudes, suas crenças, seus costumes, seus conhecimentos, suas cidades, seu cotidiano, sua culinária, seus modos de vida, suas leis, seus valores e seus vestuários por meio de artesanatos, brincadeiras infantis, composições em versos e prosa, cantigas de roda, esculturas, figuras folclóricas, folhetos de cordel, músicas, orações, pinturas etc.

Dessa forma, a partir desses mecanismos, a cultura subdivide-se em três tipos: cultura erudita, de massa e popular. A erudita está associada ao fazer a partir de muito conhecimento, tendo o status de sofisticada. A de massa está ligada ao desenvolvimento industrial, ou seja, à produção em larga escala. E a cultura popular é o tipo mais simples, isto é, são as manifestações produzidas pelo povo, tendo na literatura de cordel seu maior exemplo de transmissão.

Embora haja registros de cordel em vários países da Europa e da América do Sul, inclusive na era medieval, podemos afirmar que existe um cordel genuinamente brasileiro e nordestino, cujo pai é o poeta popular Leandro Gomes de Barros. Nosso cordel tem características específicas, como a forma de composição em versos e a utilização de linguagem figurada, a maneira de comercialização sobre um tecido estendido no chão, a narração de temas variados, como também o uso de uma linguagem simultânea de leitura dos elementos visual e verbal.

A literatura de cordel, como é chamada e conhecida, tem uma trajetória de mais de cem anos no cotidiano dos brasileiros e, sobretudo, dos nordestinos. Ela viveu seu auge nas décadas de 60 e 70 com uma vasta produção de folhetos e o surgimento de milhares de poetas populares como compositores. Contudo, mesmo enfrentando as adversidades e inovações no país, como o fechamento de gráficas e a invenção de jornais e da televisão, tal literatura sobrevive até a atualidade e atrai adeptos das mais variadas camadas sociais, pois continua cultuando a tradição do seu nascimento: transmitir a cultura das vivências dos seres humanos.

Conheci a literatura de cordel por meio de uma experiência pessoal – ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS, em nível de Mestrado, e dessa forma surgiu a ideia de trabalhar o tema representações verbo-visuais da cidade de Aracaju em cordel, um dos aspectos simultâneos dessa literatura. Dos dezenove folhetos catalogados, três foram escolhidos a partir dos seguintes critérios: 1) possuir capa e narrativa, uma vez que, dos dezenove folhetos encontrados, onze só tinham a narrativa porque os poetas os compuseram para a publicação de uma Antologia de aniversário da cidade no ano de 2015, não tendo interesse ou condição de criar a capa para imprimir um folheto de forma independente; 2) a linguagem visual das capas composta pelos símbolos mais famosos da cidade, como o caju, os arcos da Orla, a igreja de Santo Antônio, a praça Fausto Cardoso e a Catedral Metropolitana; 3) os autores dos folhetos são os que estão com mais idade que se encontram vivos, Pedro Amaro do Nascimento (28/06/1937 – 83 anos), Alda Santos Cruz (15/11/1929 – 91 anos) e Zezé de Boquim (19/03/1938 – 82 anos); 4) Personalidades e personagens populares não se repetem;

5) Da junção dos três folhetos, é possível construir uma história da representação de Aracaju de maneira contínua, desde sua fundação até os dias atuais; 6) Possuir associações aos ciclos do cordel ao falar de políticos e religiosos.

No folheto *História de Aracaju*, o autor Pedro Amaro do Nascimento retratou Aracaju na época inicial, discorrendo a respeito do surgimento da cidade, da marca do planejamento e da constituição de Aracaju; se refere ao desenvolvimento de segmentos como a cultura e o turismo; contém elogios à cidade, bem como finaliza o poema. No folheto *Aracaju ontem e hoje!*, a poetisa Alda Santos Cruz retrata Aracaju em um período de desenvolvimento em que apresenta a cidade; discorre a respeito de suas memórias; se refere a aspectos econômicos, do entretenimento, culturais e religiosos; por fim, faz elogios e parabeniza a cidade. E, no folheto *Aracaju como eu vejo*, o escritor Zezé de Boquim trata de uma fase contemporânea e se dirige aos leitores; mostra a cidade de Aracaju por meio de símbolos e características; apresenta o povo aracajuano; destaca espaços; se dirige aos turistas, e, para terminar, o autor volta a falar com os leitores, como inicialmente fez, despedindo-se deles.

Os elementos escolhidos pelos poetas populares Pedro Amaro do Nascimento, Alda Santos Cruz e Zezé de Boquim extraídos dos folhetos listados acima e que evidenciaram o resultado foram, respectivamente: (1) espaços: o porto, a ponte do Imperador, a igreja de Santo Antônio, a orla de Atalaia, as praças, as ruas, as cidades vizinhas, as aldeias, as palhoças, o arraial e as barras; praça Fausto Cardoso, cidade de Pirambu e feiras livres; pontes Aracaju/Barra dos Coqueiros, Poeta Gilberto Amado e Jornalista Joel Silveira, além das cidades de Estância e Indiaroba, do Museu da Gente Sergipana e da Catedral Metropolitana; (2) memórias

foram demonstradas pela referência aos transportes, bem como pela forma como a cidade surgiu e se desenvolveu; cita o carrossel do seu Tobias, a procissão dos Navegantes, a inauguração de fábricas, as apresentações das retretas, a revolta política, os programas de rádio, o transporte e as vendas de frutas nas feiras livres; lista os homens do Estado; (3) personalidades: Inácio Barbosa, Pero Gonçalves e Sebastião Basílio Pirro; Fausto Cardoso; Augusto Franco e Oviedo Teixeira; (4) personagens populares: relacionados à mudança da capital – o indígena João Mulato e João Bebe-Água; os radialistas Silva Lima, Santos Mendonça e Milton Santos, o professor Wilder, seu Tobias (boneco do carrossel), os farmacêuticos Anatólio, Tonho Rodrigues e Leonardo e frei Anselmo; Padre Pedro, filhas dos sertanejos, povo aracajuano e turistas; e (4) os símbolos informados foram: o caju e a arara, que são atrelados ao nome da cidade, ao passo que os arcos da Orla, o caranguejo e o coco verde estão relacionados ao turismo; a praça Fausto Cardoso e o carrossel do seu Tobias; o caranguejo, os títulos de capital do forró e princesa nordestina e a Catedral Metropolitana.

Nos três folhetos, o tratamento que os poetas populares dão à cidade de Aracaju chama a atenção do leitor, pois eles são unânimes a se referirem a ela como sendo uma menina, uma pessoa viva, por meio de muitos versos personificados.

Assim, por meio das análises dos três folhetos, o primeiro resultado foi alcançado: constatamos a existência de uma representação da cidade de Aracaju nos folhetos de cordel de forma linear, ou seja, desde seu surgimento, passando por uma época de desenvolvimento, chegando aos dias atuais; da leitura simultânea das linguagens verbal e visual, do uso de figuras de linguagem, como anáforas, gírias, metáforas e

prosopopeia ou personificação, e dos elementos relacionados anteriormente, foi possível obter como segundo resultado a montagem de uma representação de Aracaju partindo de folhetos de cordel considerados documentos autênticos e não por meio de livros didáticos como normalmente é feito; e, por fim, de um estudo que teve a preocupação de contribuir com a permanência da Literatura de cordel no meio acadêmico, ratificamos seu valor por meio da demonstração dos seus principais aspectos, sobretudo no que tange à simultaneidade das leituras verbo-visuais que compõem os folhetos ainda não firmados e difundidos nos estudos da Literatura de cordel demonstrados nas análises das representações da cidade de Aracaju, como feito nesta pesquisa.

Para terminar, registramos que este estudo não esgota o tema, uma vez que, durante a pesquisa, foram identificados dezenove folhetos escritos sobre Aracaju, e possivelmente muitos outros existem. Assim, outros estudos podem ser feitos a partir da literatura de cordel e de representações de Aracaju, acerca dos artesanatos, dos cinemas, das danças populares, dos prédios públicos, do surgimento dos bairros e das ruas, entre outros.

REFERÊNCIAS

- A8SE. **Construção da Ponte Joel Silveira entra na fase final**. Disponível em: <HTTPS://A8SE.COM/NOTICIAS/SERGIPE/CONSTRUCAO-DA-PONTE-JOEL-SILVEIRA-ENTRA-NA-FASE-FINAL/>. Acesso em: 3 nov. 2020.
- ALVES, Francisco José. Aracaju, que significa?. **Revista de Aracaju**, Aracaju, n. 10, p. 87-91, 2003.
- ALVES, Francisco José; SCHOMACKER, Frei Afonso. **Paróquia de Santo Antônio** – alguns marcos do seu passado. Aracaju: [s.n.], 2013.
- ANDRADE, Carlos Henrique Salles. Corda, cordel, cordão: aventura e poesia de mãos dadas. In: SILVA, João Melquíades F. da; BARROS, Leandro Gomes de; ASSARÉ, Patativa do. **Feira de versos: poesia de cordel**. São Paulo: Ática, 2005. p. 127-135.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- ARQUIDIOCESE DE ARACAJU. **Catedral**. 2020. Disponível em: <HTTPS://WWW.ARQUIDIOCESEDEARACAJU.ORG/CATEDRAL>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. Filosofia de um trovador nordestino. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BENTO, Daniela; NASCIMENTO, Izabel. **Das neves às nuvens: I Antologia das mulheres do cordel sergipano**. Aracaju: Editora Brasil Casual, 2018.
- BOQUIM, Zezé de. **Aracaju como eu vejo**. Aracaju: Turbocaju, 2014. 8p.
- BROOK, Timothy. **O chapéu de Vermeer**. O século XVII e o começo do mundo globalizado. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santo; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CABRAL, Mario. **Roteiro de Aracaju**. Guia sentimental da cidade. Aracaju, 1948.

CAU/SE. **Aracaju, a menina que completa 162 anos**. 2017. Disponível em: <https://www.cause.gov.br/?p=12821>. Acesso em: 13 maio 2020.

COSTELLA, Antonio F. **Para apreciar a arte**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

CORREA, Wanderley de Melo; CORREA, Luiz Fernando de Melo; ANJOS, Marcos Vinicius Melo dos. **Sergipe nosso Estado - História, Geografia e Cultura**. Aracaju, SE: Edições Sergipecultura, 2011.

CRUZ, Alda. **Aracaju, ontem e hoje**. Aracaju: Infographics, s.d. 8p.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva Sesc São Paulo, 2003.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. **Braille**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/braille>. Acesso em: 13 fev. 2020.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. **Lambe-lambe**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível

em: infopedia.pt/dicionários/linguaportuguesa/lambe-lambe. Acesso em: 16 abr. 2020.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. **Tipografia**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Tipografia>. Acesso em: 19 fev. 2020.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. **Zincogravura**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: infopedia.pt/dicionários/linguaportuguesa/zincogravura. Acesso em: 16 abr. 2020.

DICIONARIO INFORMAL. **Caçua**. 2006-2020. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/caçua>. Acesso em: 31 ago. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Sertanejo**. 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/Sertanejo>. Acesso em: 03 nov. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Pau-de-arara**. 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pau-de-arara>. Acesso em: 08 nov. 2020.

DIÉGUES JR., Manuel. **Literatura de cordel**. Maceió: Oficinas da Imprensa Universitária-Campos A.C. Simões, 1975, 38p. (Nova Série Cadernos de Folclore).

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985.

DINIZ, Edgar. **Educando em cordel**: cordel na sala de aula. Olinda: Bebecco, 2014.

DIZIOLI, Irene Gloe. **Literatura de cordel**: letra, imagem e corpo em diálogo. Orientação: Edilene Dias Matos. Dissertação (Mestrado em Lite-

ratura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2009.

F5 NEWS. **Morre, aos 96 anos, o ex-vereador Milton Santos**. 2012. Disponível em:

[HTTPS://WWW.F5NEWS.COM.BR/COTIDIANO/MORRE-AOS-96-ANOS-O-EX-VEREADOR-MILTON-SANTOS_3276/](https://www.f5news.com.br/cotidiano/morre-aos-96-anos-o-ex-vereador-milton-santos_3276/). Acesso em: 9 ago. 2020.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Tradução de Paulo Polzonoff Jr. et al. Rio de Janeiro: Sextane, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FGV CPDOC. **Augusto do Prado Franco**. 2009. Disponível em: [HTTP://WWW.FGV.BR/CPDOC/ACERVO/DICIONARIOS/VERBETE-BIOGRAFICO/AUGUSTO-DO-PRADO-FRANCO](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/augusto-do-prado-franco). Acesso em: 3 nov. 2020.

FILHO, Paulo do Eirado Dias. **Aracaju em cordel literatura popular brasileira** - antologia. Aracaju, SE: Casa da cópia (capa) e Turbocaju Office (miolo), 2015.

FORTALEZA, Zé Maria de; VIANA, Ariovaldo; VIANA, Klevisson. **A didática do cordel**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005.

FREITAS, Alda Tereza Nunes; NASCIMENTO, Izabel Cristina Santana do; FREIRE, Maria Eveli Pieruzi. **Coletânea de cordel**: o mundo do cordel para todo mundo. Aracaju, SE. Gráfica Gutemberg, 2017.

HOUAISS, Antonio; Villar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

G1. **Dilma Roussef inaugura maior ponte sobre rio do Nordeste em SE**. 2013. Disponível em:

[HTTP://G1.GLOBO.COM/SE/SERGIPE/NOTICIA/2013/01/DILMA-ROUSSEFF-INAUGURA-MAIOR-PONTE-SOBRE-RIO-DO-NORDESTE-EM-SE.HTML#:~:TEXT=NA%20MANH%C3%A3%20DESTA%20TER%C3%A7AFEIRA,INTERLIGA%C3%A7%C3%A3O%20DO%20ESTADO%20%20%20A0%20BAHIA](http://G1.GLOBO.COM/SE/SERGIPE/NOTICIA/2013/01/DILMA-ROUSSEFF-INAUGURA-MAIOR-PONTE-SOBRE-RIO-DO-NORDESTE-EM-SE.HTML#:~:TEXT=NA%20MANH%C3%A3%20DESTA%20TER%C3%A7AFEIRA,INTERLIGA%C3%A7%C3%A3O%20DO%20ESTADO%20%20%20A0%20BAHIA). Acesso em: 3 nov. 2020.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Neidiane Soares; AUDI, Luciana C. C. **Revista Eletrônica Pro-Docência/UEL**, n. 3, v. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em: 10 out. 2020.

GOVERNO MUNICIPAL DE MARUIM. **História do município**. Disponível em: <https://maruim.se.gov.br/historia>. Acesso em: 01 jun. 2020.

INFONET. **Os 90 anos de Oviedo Teixeira, esse sujeito formidável**. Disponível em: <HTTPS://INFONET.COM.BR/NOTICIAS/CIDADE/OS-90-ANOS-DE-OVIEDO-TEIXEIRA-ESSE-SUJEITO-FORMIDAVEL/>. Acesso em: 3 nov. 2020

JORNAL GAZETA DE SERGIPE. **Padre Pedro, um exemplo de dedicação ao próximo**. 31.10.1987. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/05/padre-pedro-um-exemplo-de-dedicacao-ao.html?m=1>. Acesso em: 8 ago. 2020.

JOTACF. **Galope à beira-mar do cordel e do repente**. Site recanto das letras. Acesso em: 14 fev. 2020.

LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular. In: **A construção cultural do corpo**. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de cordel**: antologia. 2. ed. Fortaleza: BNB, 1983.

LOUREIRO, Kátia Afonso Silva. **Arquitetura sergipana do açúcar**. Revisão: Marcelo Neres; fotos: Marcel Nauer; seleção de cromos: Ricardo de Oliveira Loureiro; projeto gráfico: Laura Mendes Loureiro. Aracaju: Universidade Tiradentes; FUNCAJU - Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1999. 107p.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Adaga; São Paulo: Editora Luzeiro, 2012. 96p.

MAIA, Raul. **Projeto cultural 2000**: manual global do estudante. São Caetano do Sul: Difusão cultural do livro, 1999.

MATTOSO, Glauco. **Recanto das letras**. Disponível em: www.recantodasletras.com.br. Acesso em: 14 abr. 2020.

MELHORES DESTINOS. **Ponte Construtor João Alves**. Disponível em: [HTTPS://GUIA.MELHORESDESTINOS.COM.BR/PONTE-CONSTRUTOR-JOAO-ALVES-182-4867-L.HTML](https://guia.melhoresdestinos.com.br/ponte-construtor-joao-alves-182-4867-l.html) Acesso em: 3 nov. 2020.

MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. **“Cordel de Saia”**: autora feminina no cordel contemporâneo. Orientador: Antônio Fernando de Araújo Sá. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016.

MENDONÇA, Luciara Leite de. **Quatro representações de Zumbi dos Palmares em cordel épico**. Orientadora: Christina Bielinski Ramalho. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MORAIS, Gizelda. **Jane Brasil: a improvável confissão**. 2. ed. São Paulo: [s.n.], 2013.

NASCIMENTO, Daniele Gomes do; SILVA, Etienne Amorim Albino da. **A importância do trabalho artesanal: fazendo arte com fuxico**. 2009. Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/r1136-2.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

NASCIMENTO, Pedro Amaro do. **História de Aracaju**. Aracaju, 2006. 13p.

PEREIRA, Simone de Araújo. Enobrecimento Litorâneo: a Orla de Atalaia. **Revista TOMO**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 32, p. 269-306, jan./jun. 2018.

POEFDS. **Manual de encadernação**: manual do formador. Financiamento POEFDS. Brasil: [s.n.], 2007. 204p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANAÃ DOS CARAJÁS. **História**. 2020. Disponível em: <https://www.canaadocarajas.pa.gov.br/novo/historia/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTÂNCIA. **Visão geral**. 2020. Disponível em: <https://www.estancia.se.gov.br/site/dadosmunicipais>. Acesso em: 3 set. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE INDIAROBA. **História da cidade**. 2020. Disponível em: <https://indiaroba.se.gov.br/historia-da-cidade/>. Acesso em: 20 set. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAMBU. 2020. Disponível em: <https://pirambu.se.gov.br/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LARANJEIRAS. **Nossa história**. 2020. Disponível em: <https://laranjeiras.se.gov.br/nossa-história>. Acesso em: 01 jun. 2020.

PREFEITURA DE ITAPORANGA D'AJUDA. **História do município**. 2020. Disponível em: <https://itaporanga.se.gov.br/historia-do-municipio/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

RAMALHO, Christina; HAUSSMAN, Rafael. **Por um texto todo meu**: teoria e prática em produção textual: livro 3. 1. ed. Natal/RN: Lucgraf, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**: Leitura verbovisual de folhetos de cordel. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

ROIPHE, Alberto. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: ROIPHE, Alberto; FERNANDEZ, Marcela Afonso (Orgs.). **Gêneros textuais**: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011. p. 113-135.

SILVA, Amanda de Oliveira. **Clássicos do cordel**: desenvolvendo o projeto gráfico de uma coleção de folhetos da literatura de cordel. Caruaru: A autora, 2012.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras**: origens e curiosidades da língua portuguesa. 17. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio-dia Ou Artur e Isadora**. Ilustrações de Cecília Esteves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Folhetos de cordel

BARROS, Leandro Gomes de. **A seca no Ceará**. s.d.

_____. **O Recife novo**. s.d.

BATISTA, Ivaldo. **Aracaju Paraíso Nordestino**. 2020.

_____. **Maceió O Caribe brasileiro, uma paixão a partir do mar**. 2019.

_____. **Natal cidade do sol**. s.d.

_____. **Rio de Janeiro 454 anos da cidade maravilhosa, capital da arte e do samba**. s.d.

_____. **Caruaru a princesa do Agreste a capital do forró**. s.d.

BOQUIM, Zezé de. **Aracaju como eu vejo**. Aracaju: Turbocaju, 2014. 8p.

CARLOS, João. **Feira de Santana princesa do sertão**. s.d.

CATUNDA, Dalinha [2009]. **Saias no cordel**. Disponível em: <http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2013/02/saias-do-cordel.html>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CRUZ, Alda. **Conheça Sergipe: Capital Aracaju**. Aracaju: Datagraph, s.d. 8p.

DANTAS, Ronaldo Dória. **Aracaju de Tantas Saudades**. 2006.

NASCIMENTO, Pedro Amaro do. **História de Aracaju**. Aracaju: [s.n], 2006. 13p.

PINTO, Maria Rosário [2013]. **A mulher e sua trilha**. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com.br/2013/07/a-mulher-e-sua-trilha-por-maria-rosario.html>. Acesso em: 05 fev. 2020.

SANTOS, Apolônio Alves. **Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu**. Guarabira: Tipografia Pontes, s.d. 8p.

SANTOS, Francisco Passos (Chiquinho do Além Mar). **Cantos e encantos de Aracaju**. Aracaju: Gráfica Triunfo, s.d. 15p.

_____. **Aracaju passado, presente e futuro**. Aracaju: Infographics, 2018.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Descrição da capital João Pessoa**. s.d.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **A violenta disputa de Maluf com Tancredo**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Cordel, 2001. 8p.

SILVA, José Bernardo da. **A pranteada morte do padre Cícero Romão**. Juazeiro do Norte, ABC, 1982, 8p.

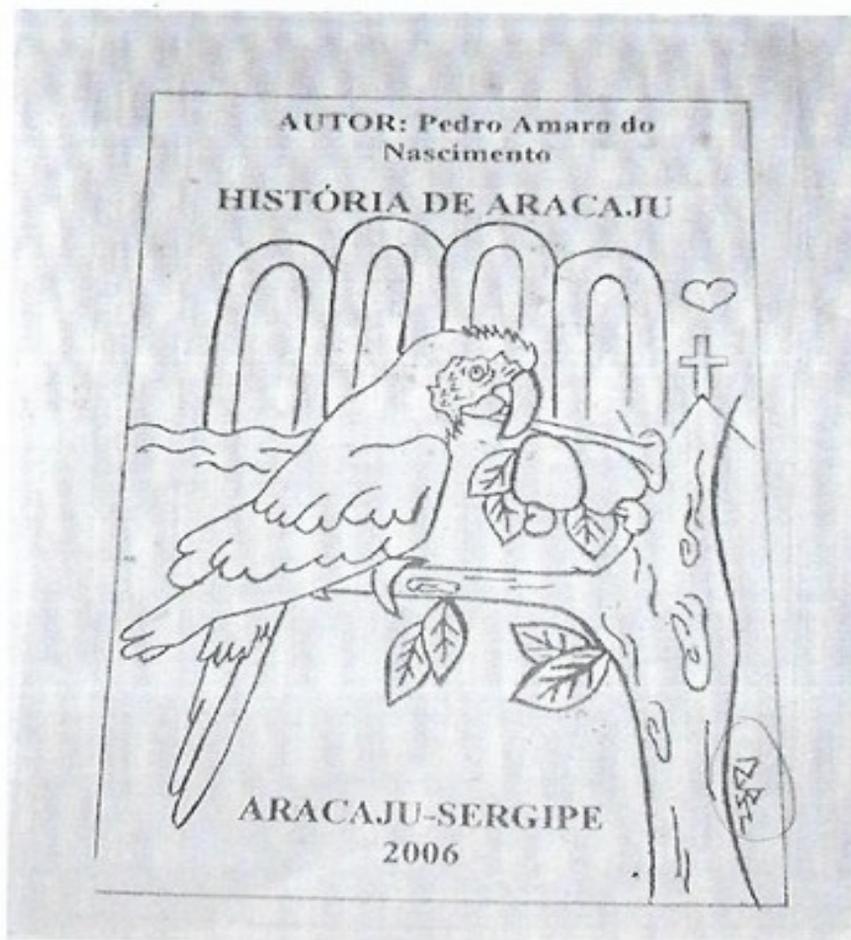
SILVA, Salete Maria da [2001]. **O que é ser mulher?** Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com.br/search?q=o+que+e+ser+mulher>.

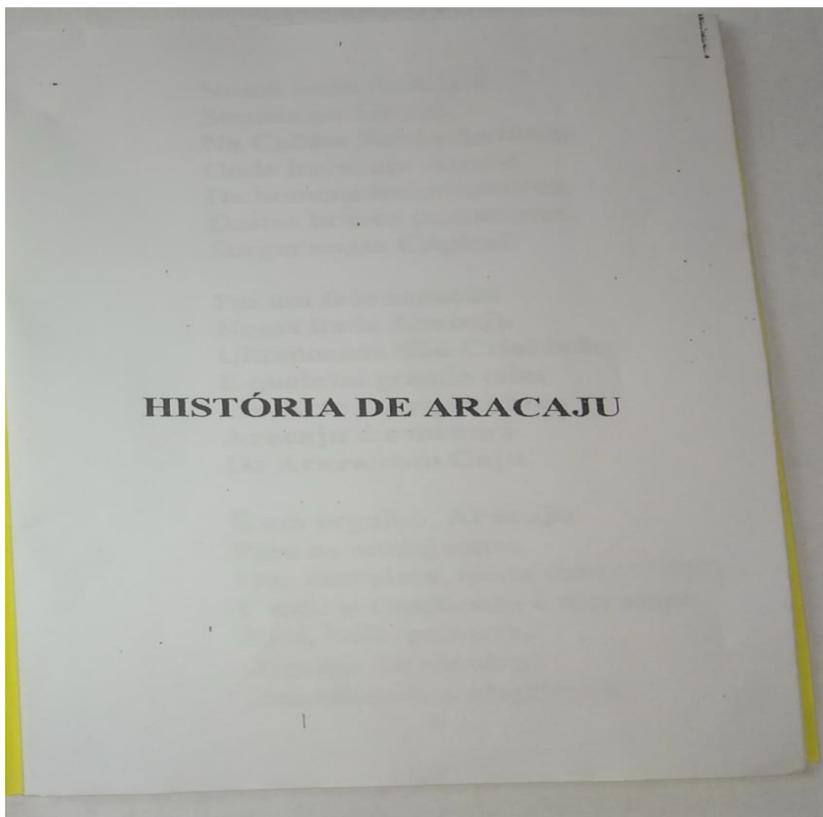
Acesso em: 02 mar. 2020.

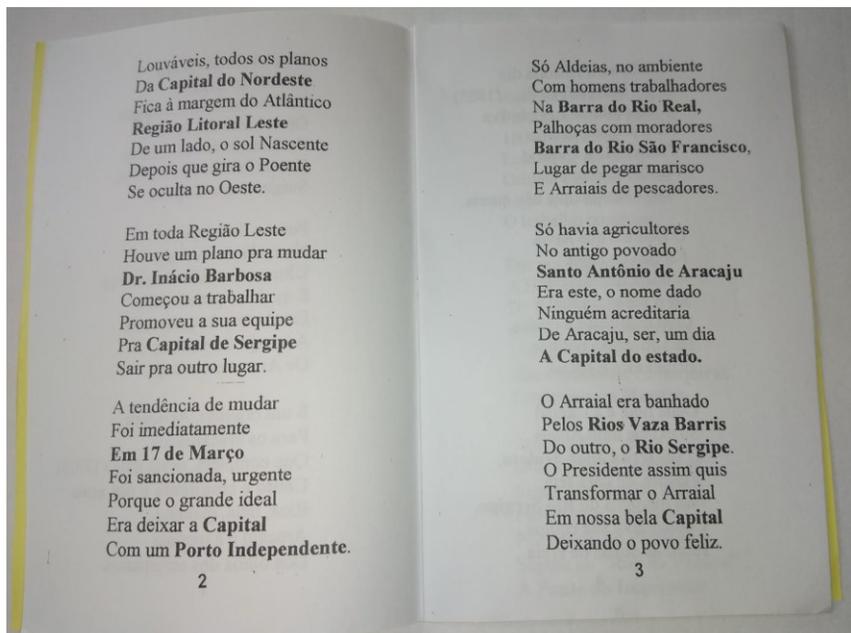
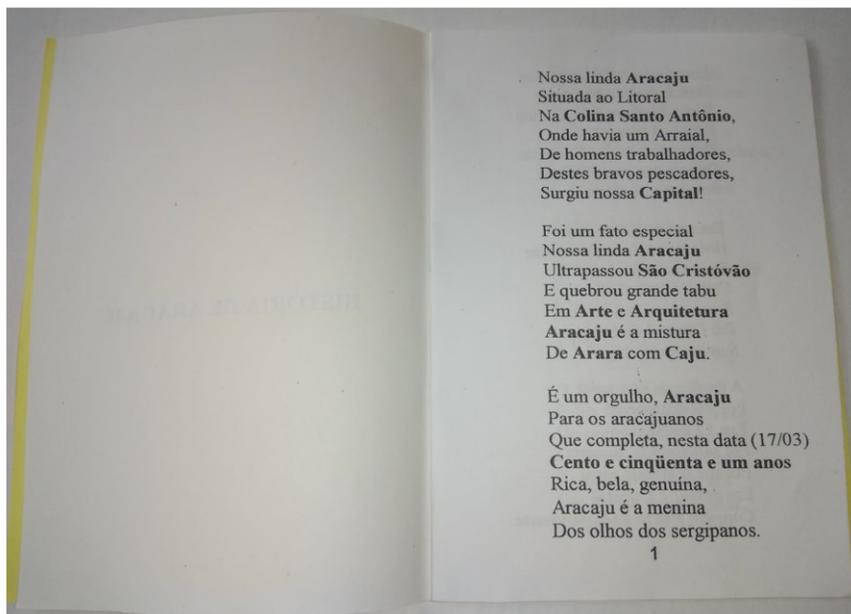
TELES, Eduardo. **Coqueiro**. Barra dos Coqueiros: [s.n.], 2012. 16p.

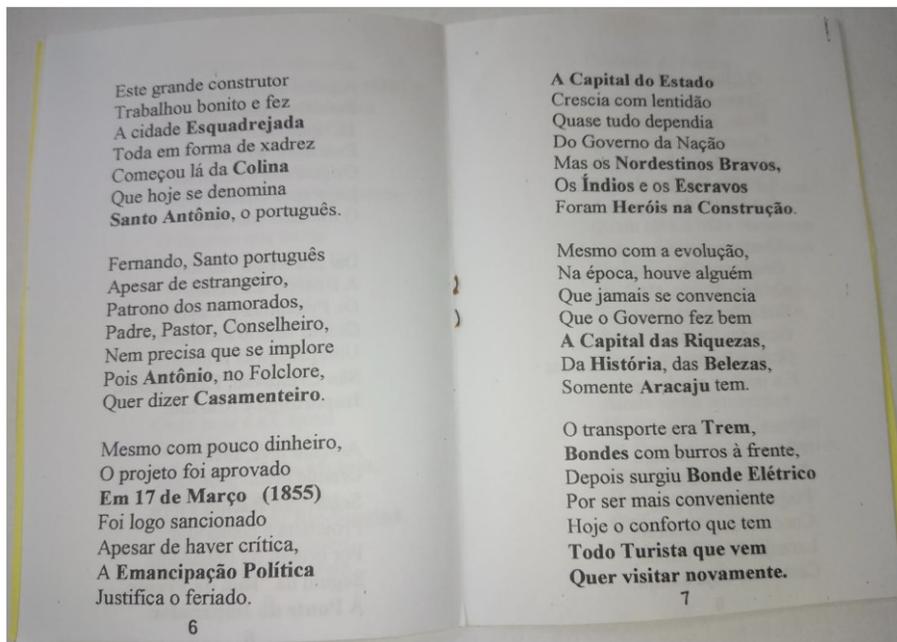
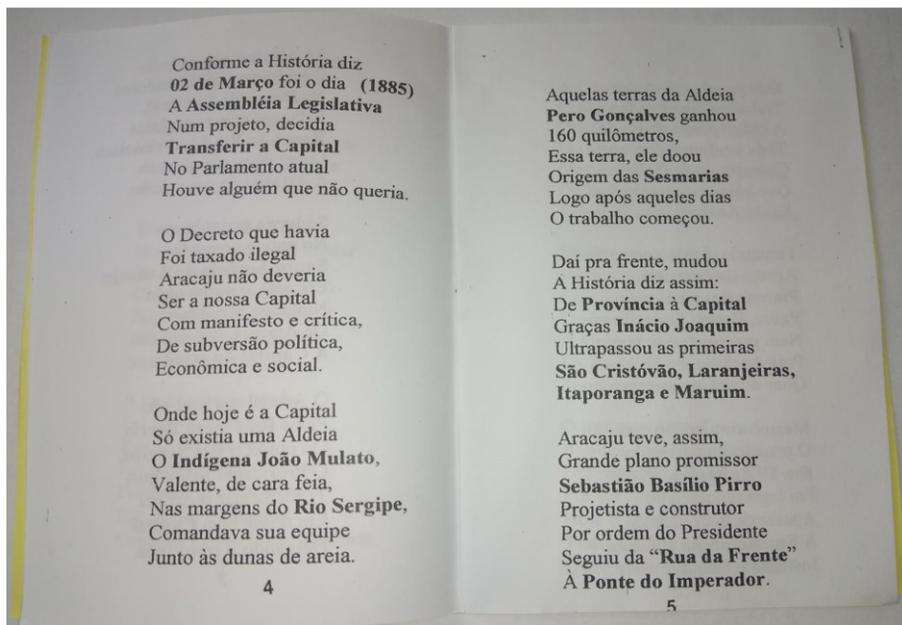
ANEXO A

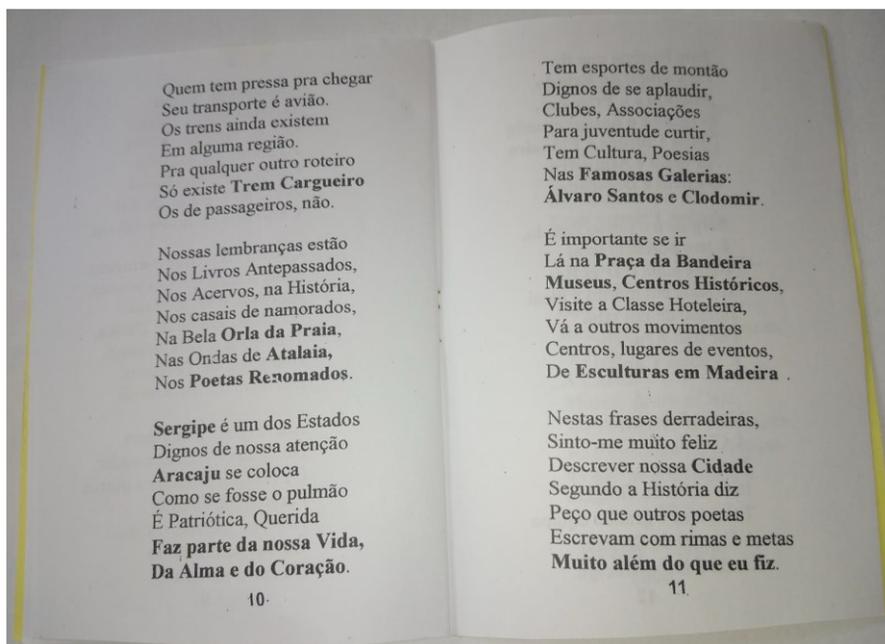
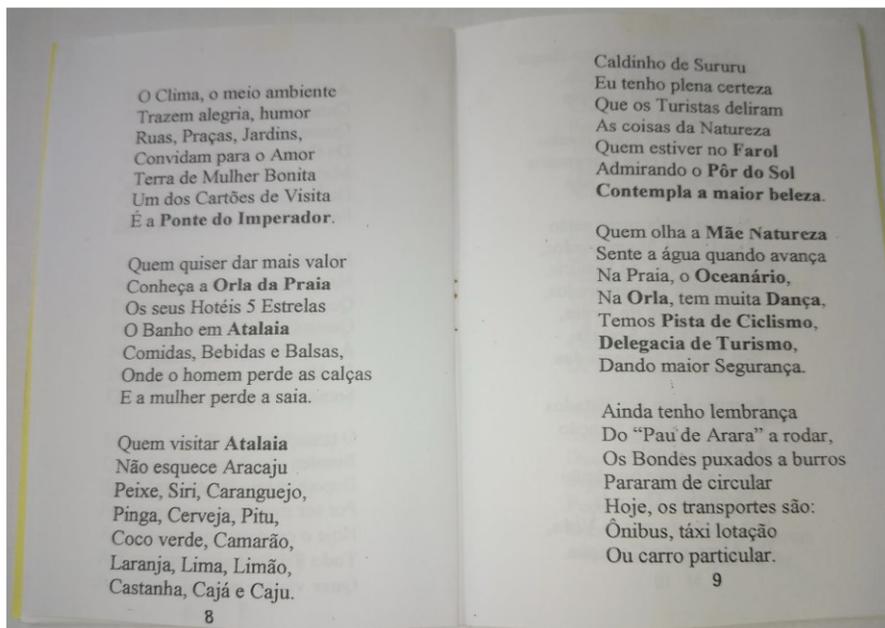
Reprodução do folheto *História de Aracaju* (2006).











Esta História que fiz
Da **Capital do Estado**,
Aracaju é a **Princesa**,
Sergipe é o nosso reinado
Nossa **Cultura é Pioneira**
A **Poesia é Altaneira**,
O **Poeta é Dedicado**.

Sergipe é o nosso Estado,
E tem potência total
Representa o **D'el Rei**
Grande em mérito e ideal
Iniciou de um tabu
Por isso **Aracaju**
É a nossa **Capital**.

Com efeito, especial
A Cidade do **Caju**
Pertencente a Sergipe
Indo além do Grageru
Talentosa e grande equipe
A **Capital de Sergipe**
Linda e Bela Aracaju.

12

Arara junto ao **Caju**
Reinou um grande ideal
Agora já conhecemos
Com sucesso especial
A maior marca de fé
Já sabemos que ela é
Uma grande **Capital**.

Pedro Amaro, Cordelista,
Escreveu essa História
Descreveu toda memória
Respeito, Luta e Conquista,
O autor é Repentista
A Cidade é um "chuchu"
Morro, Arara e Caju,
A Província e o Município
Representam no princípio
O que hoje é Aracaju.

13

Aracaju – Sergipe
2006.

ANEXO B

Reprodução do folheto *Aracaju ontem e hoje!* (2014).

A AUTORA

Cordelista ALDA SANTOS CRUZ

*Céu todo Azul
Chegar no Brasil por um afalho
Aracaju
Terra cajueiro papagaio
Aracaju -
Moqueca de cação no João do Alho
Aracaju*
(Caetano Veloso)

FOLHETO Nº 74

um produto



Aracaju
(79) 3222-4769

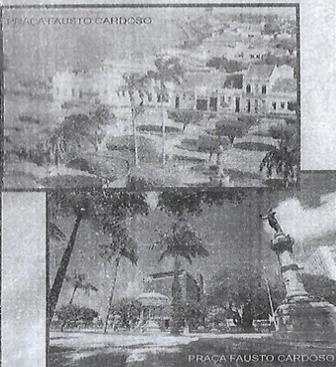
Publicação em parceria com o

LITERATURA DE CORDEL

ARACAJU

ONTEM E HOJE!

PRACA FAUSTO CARDOSO



PRACA FAUSTO CARDOSO

CORDELISTA

Alda Santos Cruz

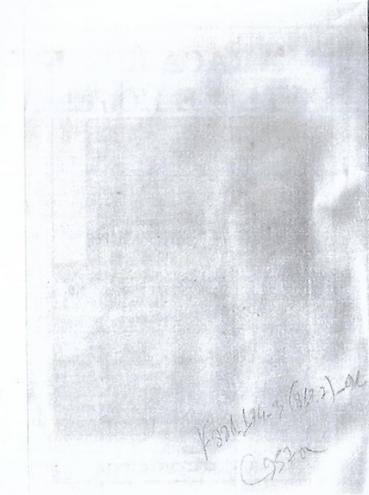


Foto de Aracaju - 1911
CSSM

**ARACAJU ONTEM
E HOJE !**

Vejo em nossa Aracaju
Uma colcha de pedaços
Não por deterioração,
Mas uma colcha de retalhos
Que se chama "fuxico"
Vejo um ninho, um agasalho.

Esta cidade sabe bem
Conviver com o "presente"
Sem esquecer o passado
Ter o futuro em mente
Sabe mostrar para o mundo
Uma história decente.

Aracaju, se você viveu
Lembra o "Carrossel do Tobias"
Do saudoso Milton Santos
Pai do professor Wilder
Esse "monstro" em literatura
Uma cultura viva.

Aracaju
Aracaju
27/02/14

1

ALDA SANTOS CRUZ



CARROSSEL DO SEUTOBIAS

Disponível em: grupoimhaterarossergipe.blogspot.com

O carrossel transformava
A criança em adulto
No seu possante cavalo
Via nele o seu reduto
Um fazendeiro abastado
Um haras, a criança: um astuto.

Antigas fábricas de tecidos
Ali no Bairro Industrial
A proletária Confiança
É Alma Viva no final
A pioneira Sergipe fabril
Futuro shopping magistral.

2

ARACAJU ONTEM E HOJE

E a Saboaria Aurora?
A fábrica de coco Serigy?
Tudo isso era "suporte"
Da economia daqui
Braços fortes, mãos amigas
Aracaju era assim.



SABOARIA AURORA (atual estacionamento do Museu da Gente Sergipana. Disponível em: sergipeinfotos.blogspot.com

Aracaju transportava
Todo o seu produto
Em modestos "cestos ou caçuás"
Esses, fabricados de junco
Um cipó muito forte
Igual a "tudo que é justo".

3

ALDA SANTOS CRUZ

Transportava manga, goiaba
O saboroso caju,
A banana, a jaca.
Também vinha de Pirambú
A nossa famosa mangaba
Pra feira de Aracaju.



MANGABA – o sabor de Aracaju

Vinha de jegue ou nos ombros
Ombro de um povo sofrido
Também se usava a canoa
Onde o homem vinha "espremido"
Para acompanhar a mercadoria
E ter seu lucro garantido.

4

ARACAJU ONTEM E HOJE

Na área, "comunicação",
Ponto para o "Calendário"
Comando: Santos Mendonça
Às 18h30min no rádio
A falar sobre política
Durante todo o horário.

Às 12h30min, senhores
O "Informativo Cinzano"
Fala de tudo e de todos
Silva Lima no comando
O programa tinha patrocínio
Do Café Sul Americano.



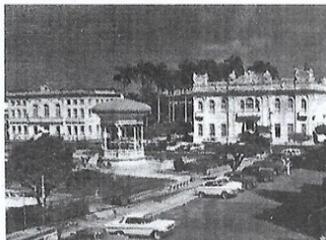
RADIALISTA SILVA LIMA

Disponível em: <http://sintoniaradiofonica.blogspot.com.br>

5

ALDA SANTOS CRUZ

As retretas aos domingos
Também às quintas-feiras
Movimentando a sociedade
Inclusive a realeza
Ali na Praça Fausto Cardoso
Uma verdadeira beleza.



PRACA FAUSTO CARDOSO: O palco das retretas
Disponível: www.infonet.com.br

A prova de que Aracaju
É uma cidade social
Um gosto muito apurado
Que luta por um ideal
É agregar todos os seus filhos
Numa paz e harmonia total.

ARACAJU ONTEM E HOJE

Em religião lembremos
O saudoso Frei Damião
Lembremos o Frei Anselmo
Quando na "Santa Missão"
Provas de religiosidade
Do verdadeiro cristão.

Aracaju era linda
Nas noites de São João
As quadrilhas, os quadrilheiros
Nos lembravam o sertão
As roupas muito bonitas
De algodãozinho ou chitão.



QUADRILHA JUNINA - Tradição aracajuense

ALDA SANTOS CRUZ

A medicina era marcada
Por farmacêuticos conceituados:
Anatólio, Tonho Rodrigues
Sem esquecer o Leonardo
Profissionais de respeito
E um caráter ilibado.

Aracaju! Representas
O sinônimo da meiguice
Apesar dos seus 159 anos
Demonstras que és muito simples
Através das águas tranquilas
Do nosso Rio Sergipe.



ARACAJU ÀS MARGENS DO RIO SERGIPE

PARÂBENS ARACAJUI
Março de 2014

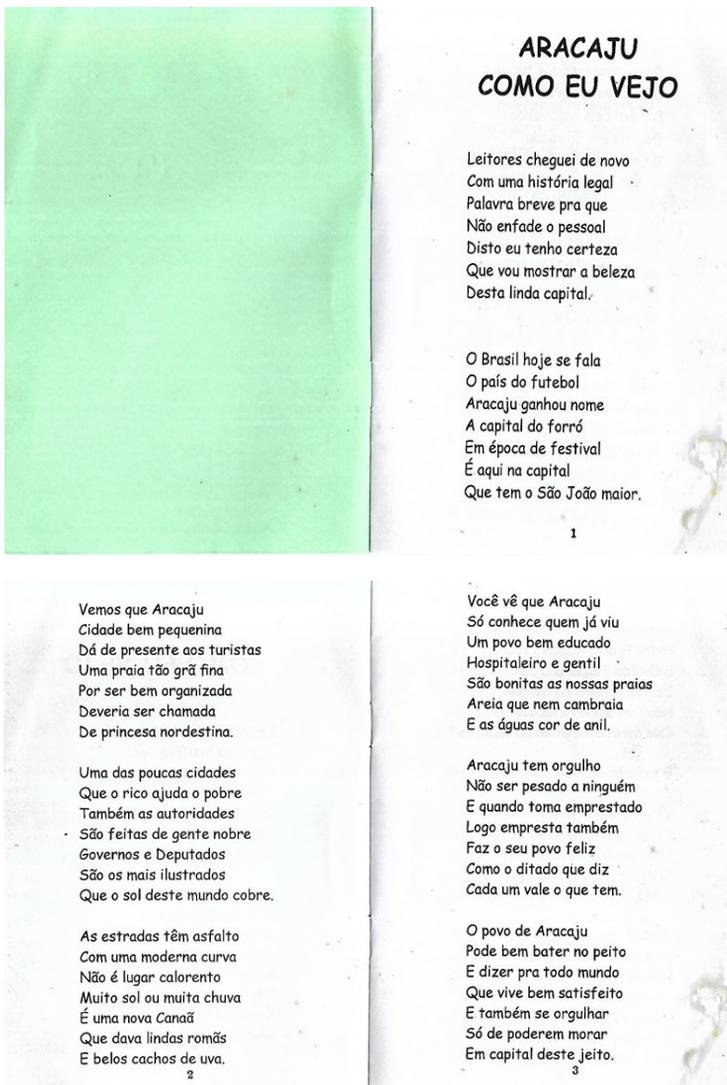
Alda Santos Cruz
Cordelista



ANEXO C

Reprodução do folheto *Aracaju como eu vejo* (2014).

321



Uma terra que criou
Grandes homens de carreira
Padre Pedro, Augusto Franco
E Oviêdo Teixeira
Destes homens no Estado
Não tem um teto furado
Que apresente goteira.

E também de muitos outros
Já de saudosa memória
Viveram em Aracaju
Foi grande a sua vitória
Não falo em todos fiel
Se não me falta papel
E não findo a minha história.

Aracaju tem ponte
Feitas por necessidade
Pois os nossos governantes
Tiveram boa vontade
Tem a Ponte do Mosqueiro
E da Barra dos Coqueiros
Que embelezam a cidade.

4

Tem outra ponte também
Uma beleza de vida
Já no fim do Estado
Bem pertinho da saída
E é uma grande obra
Chegando em Indiaroba
Feita em Terra Caída.

As águas do Rio Sergipe
É veloz correnteza
Deságua na Atalaia
Mostrando sua grandeza
A força da maré cheia
Para nos bancos de areia
Por ordem da natureza.

Aracaju é uma estrela
Que temos no universo
Redes de supermercado
Trazendo grande progresso
Tudo surge de repente
Como o museu da gente
Que faz o maior sucesso.

5

Este museu criou fama
Por ter passado no teste
Feito com matéria-prima
Para que ninguém conteste
É uma obra que brilha
Como grande maravilha
Que enriquece o Nordeste.

Este museu que eu falo
É assunto especial
Feito com arquitetura
De projeto mundial
E tem sido referência
Até mesmo da imprensa
Que se diz nacional.

Muitos turistas que chegam
Que vêm do lado do sul
Tomam suco de laranja
De mangaba ou de umbu
E diz com todo respeito
Um suco bom deste jeito
Só mesmo em Aracaju.

6

Eu digo aos turistas
Que estão chegando agora
Conheça Aracaju
Faça isto sem demora
Aqui tu se tranquiliza
Porque tem o que precisa
Sem mandar trazer de fora.

Tu precisa conhecer
Nossa praia tão formosa
Sentar em cima da areia
É uma coisa gostosa
Ver turista se banhando
A mulherada passando
Com lábios bem cor de rosa.

Você vê como é dengosa
As filhas de sertanejo
Criadas em Aracaju
Comendo carne com queijo
Tomando banho de praia
Comendo pirão de arraia
Guaiamum e caranguejo.

7

Os turistas chegam aqui
Sem fadiga nem estresse
Quando voltam anunciam
A outro que não conhece
Por isso Aracaju
Desde o Norte até o Sul
A fama se estende e cresce.

Os aracajuanos
São um povo feliz
Não sou eu que estou dizendo
É o turista que diz
Com toda sinceridade
Aracaju tem a metade
Da riqueza do país.

Aqui finda minha estória
Termino dizendo assim
Para todos os turistas
Que estão pensando em vim
Que venha bem sossegado
Tem um amigo a seu lado
Que é ZEZÉ DE BOQUIM.



JEANE CAROZO ROCHA é **Mestra** em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (2021), **graduada** em Pedagogia pela Uniasselvi (2023), **graduada** em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (2018), **graduada** em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Sergipe (2010), **pós-graduada** em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (2014), **pós-graduada** em Gestão Empresarial pela faculdade Amadeus (2015), **pós-graduada** em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes pela Faveni (2020), **Pós-graduada** em Educação a Distância pela Faculeste (2022), **pós-graduada** em Educação de Jovens e Adultos pela Faculeste (2023) e **pós-graduanda/MBA** em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional (2016).

É, também, pesquisadora de temas relacionados ao cordel, à educação e à teoria literária, e entre suas publicações estão:

Artigos em periódicos: **A cidade de Aracaju através da análise da bibliografia material do folheto de cordel Aracaju de Tantas Saudades**, de Ronaldo Dória Dantas. revista Barbante, 2021. / **Dina Salustio e a representação de figuras marginalizadas em Mornas eram as noites**. revista Barbante, 2019.

Capítulos de livros publicados: **Personagens principais / tema** in: Narração fichário de tarefas para aulas de português. Criação Editora, 2022. / **Uma literatura infantojuvenil e o machismo** in: Literatura infantil e juvenil em pauta. Lucgraf, 2021. / **A fragmentação narrativa em Gizelia Morais** in: A fragmentação na narrativa em Gizelda Morais. Artnet Comunicação, 2020.

Trabalhos publicados em anais de eventos: **Dificuldades de aprendizagem: distúrbios mentais e traumas psicológicos como responsáveis** in: XIII Colóquio internacional 'educação e contemporaneidade', 2019.

Artigos em revistas: **Vela de aniversário**. revista Barbante, 2021.

 10.29327/5207690

EDITORA